

UFRRJ

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM

DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE

TESE

A TEIA DOS SONHOS

Imagens do romantismo e sociabilidade em um cenário da cultura

gastronômica:

Um estudo sobre a Associação Erva-Doce

Fernando Miguel Palmerim de Azevedo Athayde

2005



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO,
AGRICULTURA E SOCIEDADE**

A TEIA DOS SONHOS

**Imagens do romantismo e sociabilidade em um cenário da cultura
gastronômica:
Um estudo sobre a Associação Erva-Doce**

FERNANDO MIGUEL PALMERIM DE AZEVEDO ATHAYDE

Sob a Orientação do Professor
Canrobert Costa Neto

Tese submetida como requisito parcial
para obtenção do grau de **Doutor** em
Desenvolvimento, Agricultura e
Sociedade, Área de Concentração em
Sociedade e Agricultura

Seropédica, RJ
Janeiro de 2005

641.302 Athayde, Fernando Miguel Palmerim de Azevedo
A865t A teia dos sonhos : imagem do romantismo e
T sociabilidade no cenário da cultura
gastronômica : um estudo sobre a Associação
Erva-Doce / Fernando Miguel Palmerim de Azevedo
Athayde. - 2005.
149,9 f. : retrs.

Orientador: Canrobert Costa Neto.

Tese (doutorado) - Universidade Federal
Rural do Rio de Janeiro, Instituto de Ciências
Humanas e Sociais.

Bibliografia: f. 144-148.

1. Alimentos - Filosofia e Teoria. 2.
Alimentação saudável - Teses. 3. Associativismo
- Teses. 4. Grupos sociais - Teses. I. Costa
Neto, Canrobert. II. Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro. Instituto de Ciências
Humanas e Sociais. III. Título.

**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA
E SOCIEDADE**

FERNANDO MIGUEL PALMERIM DE AZEVEDO ATHAYDE

Tese submetida ao Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade, área de Concentração em Sociedade e Agricultura, como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor**, em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade.

TESE APROVADA EM 28/02/2005

Canrobert Costa Neto. Dr. UFRRJ
(Orientador)

Clarice Ehlers Peixoto. Dr^a UERJ

Hugo Rodolpho Lovisoló. Dr. UERJ

Rosa Cristina Monteiro. Dr^a UFRRJ

Regina Ângela Landin Bruno. Dr^a UFRRJ

Dedico este trabalho a

Isabela,

Théo e

Chloé,

respectivamente, pela compreensão da minha esposa e irradiação de alegria e esperança dos meus filhotes.

Aos integrantes da Associação Erva-Doce que participaram direta ou indiretamente deste trabalho.

Extensivo aos professores Canrobert Costa Neto e Luiz Flavio de Carvalho Costa pela sensibilidade, sabedoria e exemplares aulas, cujas lições refinadas perdurarão em minha memória.

Agradecimentos

Ao Prof. Dr. Hugo Lovisolo, pela disponibilidade e cuidado na observação e sugestões deste trabalho, e por ter contribuído, notadamente, para o meu crescimento profissional – ontem e hoje!

À Profª Drª Clarice Peixoto, pela avaliação cuidadosa do meu projeto de trabalho, pelas aulas inesquecíveis e por ter-me proporcionado o rico e estimulante aprendizado na área de antropologia e imagem.

Às Profas. Dras. Rosa Cristina Monteiro e Regina Ângela Landin Bruno, pela disponibilidade e prazer em tê-las como analistas do meu estudo.

Os meus agradecimentos, também, à Profª Drª Luiza Rodrigues de Oliveira e ao Prof. Dr. Peter May por fazerem parte desta banca.

À Profª Drª Silvana Gonçalves de Paula, por ter contribuído para a minha formação profissional.

Aos amigos Geraldo Tibúrcio e Fabíola Salgueiro, pela ajuda e incentivo constante.

À Regina Matias pela formatação final e revisão estilística.

Ao apoio dos professores e funcionários do Departamento de Educação Física da UFRRJ.

Aos professores e funcionários do CPDA que contribuíram direta ou indiretamente para a elaboração deste trabalho.

... O meu muito obrigado!

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	01
• Um modo pessoal de prosear sobre o início do caminho...	
• Sobre o alcance metodológico	
REVISÃO DA LITERATURA: INTERMEDIÇÃO COM A EXPERIÊNCIA EMPÍRICA.....	12
PARTE I.....	12
I. Universidade Rural: da peregrinação à maioria	
II. Imagens leves: metáforas da fazenda – metáforas do barroco deslocado	
• Imagem da Rural: das curvas à metáfora da fazenda	
PARTE II.....	35
III. Associação Erva-Doce: história e aspectos gerais sobre o funcionamento	
• Intróito	
• Objetivos dos integrantes do Erva-Doce	
• Sobre as comissões de trabalho	
PARTE III.....	70
IV. A alimentação no contexto civilizatório: um olhar sobre a convivência em comunidade	
• Sobre as experiências contextuais: moradia, alimentação e estilo de vida.	
• Fragmentos de uma experiência nos alojamentos: da tolerância à amizade	
PARTE IV.....	114
V. Imagens da teia dos sonhos	
CONCLUSÃO.....	119
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	122
ANEXOS.....	127
• Anexo 1: Estatuto Erva-Doce	

RESUMO

ATHAYDE, Fernando Miguel Palmerim de Azevedo. **A teia dos sonhos. Imagens do romantismo e sociabilidade no cenário da cultura gastronômica: um estudo sobre a Associação Erva-Doce.** Seropédica: UFRRJ, 2005. 145p. (Tese, Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade).

Objetivei, neste trabalho, investigar, a partir da convivência comunitária instituída no campus da UFRRJ, no período de 1994 a 2003, o campo dos saberes e artes da gastronomia, que envolve rico cenário estético-cultural construído de forma autônoma pelo grupo de alunos que integra a Associação Erva-Doce: valores ligados ao consumo moderado, visão de mundo, práticas e discursos que sinalizam a sensibilidade romântica, o gosto, o prazer e a dinâmica da sociabilidade à luz de um ambiente universitário revestido por notado simbolismo e experiências culturais diversas. Deste modo, respaldado pela metodologia da observação participante e/ou estratégias metodológicas direcionadas ao uso da fotografia como linguagem social, pude descrever, analisar, interpretar e enriquecer os depoimentos dos alunos frente às suas representações, considerando, pois, o entorno interativo da Comunidade Sensorial e a importância dessa experiência social vista pelos alunos, em particular. A Associação Erva-Doce foi inaugurada em 20 de julho de 1994, visando à promoção de atividades coletivas, às quais se une um estimulante programa de alimentação natural.

Palavras chave: alimentação, comunitarismo, estilo de vida.

ABSTRACT

ATHAYDE, Fernando Miguel Palmerim de Azevedo. **The dreams web. Romanticism and sociability images in the gastronomic cultural scenery: a study about the “Erva-Doce Association”**. Seropédica: UFRRJ, 2005. 145p. (Thesis, Doctoral in Development, Agriculture and Society).

By experience of being part of UFRRJ community from 1994 to 2003 originated this doctoral thesis. It aims to investigate the field of knowledge and arts of gastronomy which involve enriching aesthetic – cultural scenery autonomously built by a group of students who are members of “Erva-Doce Association”: whose values are related to moderate consumption, their view of the world, practice and discourses which signal a romantic sensibility in the light of a university environment full of symbolism and various cultural experiences. Thus, based on the participant observation methodology and/or on methodological strategies directed to the use of photography as social language, I was able to describe, analyze, interpret and represent and enrich the students’ statements in view of their representation. I considered then, the interactive context of the “Sensorial Community” and the importance of this social experience seen by the students in particular. The “Erva-Doce Association” was founded on July 20, 1994, aiming at the promotion of collective activities, together with an stimulating program of natural food eating habit.

Key words: alimentation, communitarisme, way of life.

INTRODUÇÃO

Renascimento artístico e científico, racionalização do conhecimento e inventividade ordenadora. Assim, os homens e as mulheres, em suas diferentes gerações acompanharam, com êxtase e esperanças, os últimos quatro séculos de duração da modernidade. Agora, diante do processo e descentramento dos sujeitos, levando-se em consideração a contingência da experiência e a problematização dos seus trajetos de vida e identidades¹ num mundo de risco iminente, é que nos aparece um elenco de inquietações e desafios diversificados, dando-nos, pois, a sensação de que a era pós-moderna nos convoca para um debate (auto) reflexivo sobre as antigas certezas do passado que foram ruídas, dando lugar a um mundo de poucas garantias e marcado pela “ausência” de sentidos, de referencialidade. Em convergência com este contexto, pode-se ainda acrescentar:

tanto o discurso científico como jornalístico de hoje sublinham o fim das nossas seguranças sociais, políticas, econômicas e éticas, ilustrando como a sociedade e a sua interpretação se complexificaram. Tornam claro que as crenças na segurança ontológica dos indivíduos se fragilizaram e se instaurou uma espécie de ficção na vida coletiva com presumíveis efeitos sobre o modo como aqueles se vêem, apresentam e avaliam a si próprios e, igualmente, sobre o modo como vêem, apresentam e avaliam os outros.²

Em primeiro plano, sensível à força das evidências empíricas, por excelência, seria possível concordar em parte com Fortuna quanto à insegurança dos indivíduos frente à

¹ FORTUNA, Carlos (1999). *Identidades, percursos, paisagens culturais: estudos sociológicos de cultura urbana*. p. 25.

² Idem.

deterioração dos processos político, econômico, social e de conduta ética, considerando, pois, o aumento da complexidade das sociedades modernas ao longo do dinâmico processo das transformações civilizacionais. Por conseguinte, é possível também perceber que a emergência da busca da individualização (ou da autonomia) pelos indivíduos, tornou-se menos sujeita às interferências dos centros clássicos de ordenação das identidades: a classe social, o sexo, a condição laboral, etc. Com efeito, e de forma análoga, as mudanças ocorridas na estrutura da personalidade e da sociedade resultaram da tensão existente entre o controle social (vistos os mecanismos geradores de poder, ansiedade, medo, vergonha...) e o aumento gradativo do autocontrole emocional – dos instintos e das paixões; destarte, o autocontrole é a forma com que os indivíduos assimilam e reagem interna e psicologicamente aos mecanismos externos de controle³. Assim, no decorrer do século XX, a escolha de um grupo de pertencimento ou de um estilo de vida acontece em meio à interação dos indivíduos com a sociedade democrática e do crescente domínio da vida afetiva e do autocontrole.

Em contrapartida, num segundo plano, o Senhor Carlos Fortuna parece não se esforçar por lembrar que o discurso científico e jornalístico, em seu estágio democrático e ambivalente, não sublinha ou divulga apenas – como vimos acima – a lógica e as narrativas dos encantadores de serpentes, isto é, dos fervorosos partidários da ideologia pós-moderna; não sublinha ou divulga apenas, por extensão, o fim da realização dos desejos utópicos, o desespero irrestrito, o lugar-nenhum, a confusão e o vazio existencial, por assim dizer. Não obstante, o discurso jornalístico, por exemplo, também sublinha ou divulga a denúncia: antítese da banalização, das escatologias imaginadas pelos ideólogos do

³ Uma extensa (e cuidadosa) dissertação sobre este assunto pode ser encontrada nas obras de Norbert Elias. Cf. (mais diretamente) ELIAS, Norbert (1993). **O processo civilizador**: formação do Estado e civilização, v. 2, p. 192-248.

desespero ou por seus obedientes comentadores. Em sentido próximo, devemos lembrar que a ética é uma complexa categoria teórica que nos permite uma generosa reflexão sobre o conteúdo do bem e do mal, e não somente do mal circundante. De outro modo, se é ficcional a imagem “que fazemos” sobre a construção de um projeto de vida boa, pautado em interesses comuns ou coletivos, o que poderia ser tão pouco ficcional para validar (ou generalizar) a impotência e o discurso do desespero irrestrito? Tratando--se de uma capacidade como a imaginação ficcional que encerra um alto grau de complexidade e dimensões tão vastas da mente humana, já poderíamos antecipar a grande dificuldade que temos para lidar com os nossos medos, sonhos, esperanças, fantasias, razões e desrazões. Se de um lado, este argumento não é o suficiente para anular o entendimento de que a fragilidade e a insegurança são sentimentos sempre a rodearem a vida das pessoas (e as suas relações sociais), por outro lado não se pode crer que o desespero e o vazio existencial coexistam tão deliberadamente nas histórias fantásticas encontradas na primeira página do discurso científico e jornalístico do momento. Tenho a sensação de que muito daquilo que os profetas da pós-modernidade têm deixado de fora, encontra-se no verso da página, na ficção “marginal”! Lá, no verso: o verso sensível, poesia negada – (re)verso de resistência, imagens e narrativas desobedientes.

Até aqui, parece-me razoável analisar e interpretar as proposições em curso, tomando como exemplo a forma de um jogo metafórico, melhor dizendo: a metáfora do espelho. Assim, em meio a um jogo cuja concorrência – ou, se preferir, a imaginação narcísica – atíça o ânimo do competidor (em sua forma conceitual) espúrio, imaginemos, então a pós-modernidade (filha ingrata da modernidade) defronte de um espelho supostamente revelador de tudo que, em nome da “originalidade” possa ser negado. Evidentemente os observadores externos, que contemplam as suas imagens refletidas no espelho, são os epígonos freqüentemente ultra – pós-modernos. Talvez por distração, os ultras, movidos pela atração do espelho, esquecem-se de olhar para trás e para os lados; por isso, a imagem que fazem do mundo parece, em grande parte, ser o resultado da imagem fitada no espelho: a de si próprios. Daí, o alarme , o barulho, a política de acusações, a impotência, o desespero. Mas, por outro lado, imaginemos também, a possibilidade de um olhar distanciado

do barulho, da própria barriga, da desconstrução pela desconstrução; imaginemos a possibilidade de olhar além da imagem refletida no fundo do espelho: lugar onde há espaços para a (re)criação de novas imagens, outras realidades e experiências sociais. Lá no fundo, o silêncio, a pausa: momentos que estimulam a imagem sensível e os encontros calorosos numa mistura de aventura, prazer e idealizações. Lá..., biografias são construídas (inacabadas?...) ao sabor de um sonho bom, de um projeto possível – como a imaginação ficcional ou a vida requerem! Assim estou a crer.

Por este caminho, a experiência com o grupo de pesquisa me faz sentir o quanto a imaginação pós-moderna atualiza o mito de Narciso, e, ao atualizá-lo, a imaginação se potencializa logo: o desdobramento – louvação à propaganda da desconstrução e da ausência de sentido de forma generalizada. Embora reconheça a insegurança e a fluidez das relações pessoais em nossa época, isso não é o bastante para reduzir os sonhos e os projetos de vida ao frenesi do mito de Narciso.

Por conseguinte, como a história é um processo dinâmico das experiências humanas, e não a determinação das utopias, nem tão pouco a dos fracassos, é que a capacidade de **reflexividade** aparece como resposta a um eclipse parcial da experiência identitária. Parece, nesses termos, que a **reflexividade** (ação consciencializada) é, portanto, uma capacidade humana que possibilita a mediação entre o “obscurecimento” de um projeto de vida e a reinvenção de um novo projeto que atenda às experiências (ou aos anseios) da vida individual e coletiva, ao desejo de ser diferente e estar junto – articuladamente.

Apreciando alguns outros aspectos próximos deste contexto, Castells reflete sobre a estreita relação da construção da identidade a um contexto social, histórico. Por ora, ao comparar a noção de identidade elaborada por Giddens durante a “modernidade tardia”, período histórico que, para Castells, “indica uma era que chega ao seu fim”, não pretende este autor – como ele mesmo diz –, “sugerir que estejamos de algum modo chegando ao “fim da história”, conforme postulado em algumas extravagâncias pós-modernas”⁴. Embora a segunda infância da modernidade se esgote para Castells, a análise desse autor não parece carregar a fêrula: símbolo da acusação. Dando

⁴ CASTELLS, Manuel (1999). **O poder da identidade**. v. 2, p. 26.

continuidade, para Giddens, “no contexto da ordem pós-tradicional, o próprio ser torna-se um projeto reflexivo”. Ou ainda, indaga Castells:

de que forma a “modernidade tardia” causa impacto nesse projeto reflexivo? Nas palavras de Giddens [...], quanto mais a tradição perde terreno, e quanto mais reconstitui-se a vida cotidiana em termos da interação dialética entre o global e o local, mais os indivíduos vêem-se forçados a negociar opções por estilos de vida em meio a uma série de possibilidades... O planejamento da vida organizada reflexivamente... torna-se característica fundamental da estruturação da auto-identidade.⁵

À primeira vista, as proposições de Castells dão-nos a sensação de um certo espontaneísmo quanto às escolhas dos indivíduos em relação aos seus trajetos de vida em época de globalização e “descontextualização das relações sociais”. Notadamente, não seria de fato supor que a idéia de comunitarismo, por exemplo, vinculada ao Estado “protetor”, fosse concebida, hoje, ao mesmo ritmo do final do século XIX; portanto, os modos de ordenação da vida social e de afirmação identitária não são os mesmos de outrora. Entretanto, em linhas gerais, mesmo que essas proposições, no campo analítico, sejam importantes para o entendimento de processos sociais desencadeados nas sociedades contemporâneas, tais proposições, em grande escala, são anunciadas de forma reificada e unilateral⁶. Nesse sentido, a propaganda das teses sobre o “fim do contexto local” faz soar, freqüentemente, apenas o discurso da “deslocalização” e da “efemeridade” que encerra as relações interpessoais. Dito isto, o que dizer de uma enorme parcela de indivíduos – espalhados nos

⁵ GIDDENS, Anthony. Apud. CASTELLS, M. Ibidem, p. 27.

⁶ Cf. CORDEIRO, Graça & DA COSTA, Antônio. In: VELHO, Gilberto (org.). (1999). **Antropologia urbana**: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal, p. 74.

diferentes cantos do Planeta – que agem segundo a dinâmica de processos interativos, de construção de regras próprias e mediados por crenças e valores operados nos espaços locais, porém, em intersecção com a esfera do global!?!

Por outro lado, em segundo plano, não pretendo generalizar qualquer forma de questionamento dirigido aos escritos de Castells, ainda porque, as poucas linhas em que sublinho este autor não revelam distanciamentos gerais ou comprometedores que possam desabonar, teoricamente, e de forma efetiva, o bom diálogo entre as proposições mencionadas e muito do que envolve o meu objeto de estudo. Generosamente, tratando-se deste autor, a crítica e o elogio devem andar lado-a-lado. Entretanto, não me parece sugestivo que a construção da identidade de projeto (ou o planejamento reflexivo da vida) tenha-se tornado inviável frente ao alargamento temporal e espacial provocado pelo advento da sociedade em rede na modernidade avançada, como supõe Castells (*Op.cit*, p. 27). Considerando isto, será que a disjunção sistêmica entre o local e o global se fundamenta sem qualquer resistência ou ação consciente? Sem pretender encontrar respostas definitivas, parece-me mais sugestiva a hipótese de Giddens... É desse modo que a categoria **reflexividade** se constitui como parte substancial de minhas elaborações.

Retomando o assunto, por força contextual, num estudo sobre dois bairros populares da cidade de Lisboa, Graça Cordeiro e António da Costa analisam a estrutura social e o processo de sociabilidade frente às representações dos moradores. Todavia, as implicações do estudo apontam, de um lado, as atividades culturais como delineamento da vida cotidiana: ênfase nos costumes locais, afirmação identitária e sentimento de pertença. De outro lado, os autores analisam, comparativamente, o processo de mobilidade social que cinge as experiências dos grupos diferenciados no que diz respeito à intersecção entre as crenças e práticas construídas localmente e aquelas experienciadas globalmente à luz da sociedade contemporânea. Após essa síntese, o mais importante aqui – ou, o que chama a atenção, comparando ao histórico e ao perfil do meu estudo –, foi a sensibilidade dos autores em não absolutizarem ou generalizarem tudo o que leva à propaganda da descontextualização ou desreferencialização. Assim sendo, um dos pontos importantes, demonstrados no estudo de Cordeiro e da Costa, indicam que:

em termos teóricos mais gerais [...], grande parte da vida social se passa em contextos de copresença e envolve interações face-a-face. Isso não significa, evidentemente, que não haja muitos aspectos do relacionamento humano, da organização das sociedades e dos processos sociais que se estruturam e desenrolam a outros níveis. Mas não se concretizam num vácuo interativo.⁷

Ou ainda:

... quando se fala de descontextualização das relações sociais, nas condições da modernidade avançada, ou da pós-modernidade, é um equívoco grosseiro, ou mesmo um absurdo teórico, tomar o alargamento temporal e espacial de certas redes de interdependência, bem como o caráter decisivo que adquiriram os grandes sistemas institucionais e os meios de comunicação generalizados, por um hipotético apagamento tendencial da “ordem da interação” (Goffman, 1983) e da relevância específica dos seus contextos.⁸

⁷ Idem, p.74-75.

⁸ Idem, p. 75. Os autores fazem constar nas Referências Bibliográficas o seguinte trabalho de Erving Goffman: “The interaction order”, **American Sociological Review**, v. 48, n. 1, 1983.

Após estas considerações iniciais sobre os argumentos que se alinham com base no projeto reflexivo às minhas inquietações a respeito da existência de um espaço local de interações dinamizado por intensa vida cultural, cabe-me, por ora, uma indagação: que saberes e experiências cotidianas sublinham e sustentam a vida social no contexto da Universidade, essa que abre as portas para as exigências de (re)criação da vida em comunidade? Assim, encontrei-me diante da grande oportunidade e do desafio em trabalhar com o Grupo Erva-Doce, fonte de investigação que permite a interlocução entre o local e global – sem os exageros propagandísticos mencionados ao longo do texto. Aqui, já seria possível dizer que este modo de interlocução acontece em dois planos circunstantes, cujos processos dinamizadores da vida cotidiana são interdependentes. No primeiro plano, o estilo de vida e as manifestações culturais (visto o programa gastronômico) dos alunos que compõem o Grupo Erva-Doce fazem denotar a presença do espírito romântico a revestir grande parte da experiência do Grupo; portanto, a sensibilidade, a espontaneidade e o prazer anunciam, num segundo plano, as bases da convivência em comunidade. Com efeito, um conjunto de categorias (interativas) ligadas à linguagem sensível-corporal e à dinâmica da sociabilidade, me permitiu sugerir a noção de Comunidade Sensorial por traduzir – em larga escala – as crenças e práticas do Grupo. Com base neste comentário, indago: por ocasião da criação da Associação Erva-Doce, que experiências (saberes e valores) estariam a sustentar os discursos e ações dos alunos, considerando os esforços realizados no sentido de conservar e difundir um outro modo de cultura alimentária e de convivência em comunidade nas cercanias da Universidade? Procurarei responder esta questão ao longo do trabalho.

- *Um modo pessoal de prosear sobre o início do caminho...*

Antes, a lembrança de uma cuidadosa observação:

... conhecer fatias do imaginário social de um grupo, é com ele estabelecer cumplicidade na diferença. É, neste sentido, propor valores por vezes convergentes com os pré-existentes, por vezes novos e até contraditórios com aqueles que são vivenciados por um grupo social.

(Regina Novaes)

Nos quatro últimos anos em que leciono na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, passei a perceber que a dinâmica do campus universitário era sublinhada, em grande parte, por calorosas relações interpessoais, por intensa vida cultural. Em meio ao diálogo com os alunos, freqüentemente deparava-me com relatos sobre suas experiências acadêmicas e pessoais mais intensas, por assim dizer. Destarte, entre uma fala e outra, suas biografias revelavam a construção dos vínculos da amizade como fruto da experiência local, como condição básica da vida orientada pela autonomia dos indivíduos e pela coletividade, combinadamente. Tais condições, no entanto, revelavam um jeito bastante singular de experimentarem a vida em comunidade. Sensível a este cenário onde o tecido da vida social é formado em meio às relações moleculares, instigava-me, cada vez mais, a possibilidade de ouvir, sentir e contemplar as pequenas histórias, carregadas porém de elevadas virtudes, muitos saberes. Por conseguinte, dado o meu interesse por esta considerável experiência, surgiu-me, em tempo oportuno e em meio ao diálogo com o Professor Canrobert Costa Neto, a possibilidade de visitar e conhecer a Associação Erva-Doce, espaço que reúne, em torno da cultura gastronômica, uma rede de símbolos e práticas sociais diversas. Banquete de palavras, sentimento comunitário, amizade, sociabilidade, utopias românticas, afirmação identitária e princípio agroecológico, onde a natureza e o alimento espelham os cuidados da arte-culinária, por extensão! Recordando Câmara Cascudo,

de todos os atos naturais o alimentar-se foi o único que o homem cercou de cerimonial e transformou lentamente em expressão de sociabilidade, ritual político, aparato de alta etiqueta. Compreendeu-lhe a significação vitalizadora e fê-la uma função simbólica

de fraternidade, um rito de iniciação para a convivência, para a confiança na continuidade dos contatos.⁹

Por outro lado, embora rodeadas pelas tecnologias de informação, seduzidas pelo cosmopolitismo, visitadas freqüentemente pela ciência normal e não isentas de conflitos, é marcante a existência de comunidades cujos modos de vida são orientados, também – e de forma bastante original e atraente –, sob regras próprias (ou patrimoniais): costumes, trabalho artesanal, saberes passados de geração a geração, invenção de rituais onde se consolidam a cooperação, a simpatia, as reuniões que objetivam preservar a cultura sensível, a poesia, o gosto e as formas de conhecimentos alternativos de pensar a natureza, o homem e a sociedade. Assim, de um “pequeno” grupo abre-se um fecundo diálogo entre as culturas erudita e popular, mediação de saberes que enriquece a vida dentro e fora do Campus universitário – de comunicação, ciência e prosa. Longe da promessa da felicidade irrestrita, a Associação Erva-Doce (e a cultura culinária... que dela se deriva) vista como pólo da convivência comunitária, abre-me um instigante campo de pesquisa em um momento em que sonhar ou fazer parte de um projeto de vida boa pode ser constatado, possível. Aventurar-me nessa investigação, portanto, tem, para mim, um sabor especial: o desafio de poder refletir e explicar o cotidiano das relações sociais a partir da microssociologia do mundo natural e cultural, dos afetos e das paixões, do gosto e do prazer. Também o que me parece bastante instigante refere-se ao

⁹ CASCUDO, L. da Câmara (1983). História da alimentação no Brasil. p. 42.

ambiente estético da Universidade e a percepção dos alunos e demais atores. Imagens do Barroco deslocado. Imagens plurais; imagens do Romantismo que aquece o lugar. Disso, pois, o destaque de um ambiente que estimula a dinâmica da sociabilidade, a vida diária, contemplativa (ou sonhada) dos protagonistas da Universidade: os alunos! Eis o contexto que reveste o meu estudo ao ritmo dessa prosa curta.

- **Sobre o alcance metodológico**

- **Palavras iniciais**

Olhando para frente, ponho-me a pensar se “tudo” aquilo que pretendo construir na jornada investigativa, por assim dizer, não escapará ao sabor da aventura. Entre certo incômodo e a motivação, pretendo aqui ser viajante de um caminho a desbravar e, como viajante avisado, tomo da bússola (aqui instrumento metodológico) para percorrer os possíveis atalhos e, posteriormente, relatar a expedição. Assim, ao aproveitar intensamente a viagem, passo pela aventura de construir um caminho possível, de construir algo fiel às experiências. Entendo que a explicação dos passos metodológicos que nortearão este trabalho não se dá pelo fato de ser acabada, mas pelo aprendizado que permite, ao longo do processo, o refinamento da metodologia.

- **Pressupostos acerca do tipo de estudo**

Aponto para o acompanhamento da pesquisa, o “modelo” de estudo do tipo descritivo, onde a ênfase recai sobre a observação participante. Logo, “observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significação”¹⁰. Em outras palavras, Becker acrescenta:

¹⁰ CARDOSO, Ruth. (1986). *A Aventura Antropológica: teoria e pesquisa*, p. 103.

o observador participante coleta dados através de sua participação na vida cotidiana do grupo ou organização que estuda [...]. Entabula conversação com algum ou com todos os participantes desta situação e descobre as interpretações que eles têm sobre os acontecimentos que observou.¹¹

Por outro lado, a observação participante combina simultaneamente a coleta de dados (registro) e a análise (decodificação). Isso, no entanto, permite uma interação mais direta do observador participante na situação.

- ***Seleção dos sujeitos***

A natureza do grupo escolhido será aqui apresentada pelos seguintes componentes: alunos integrantes da Associação Erva-Doce – esse grupo, em sua maioria, é constituído pelos Associados e Postulantes, tal como pela cozinheira oficial da Associação (a Lurdinha). Também foram entrevistados, formalmente, oito simpatizantes ou amigos, o Reitor, três Decanos, e quatro funcionários administrativos.

- ***Instrumentos e procedimentos de coleta de dados***

Diário de campo seguido de um roteiro de perguntas ligadas a um questionário aberto, considerando, nesse âmbito, os temas orientadores do estudo: universidade, associação Erva-Doce, convivência comunitária, sociabilidade. Sobre a extensão dos procedimentos de investigação, destaco os seguintes passos:

- a) breve levantamento histórico da Universidade com ênfase em sua configuração estética;***
- b) levantamento histórico da Associação Erva-Doce, mapeamento dos ambientes simbólicos específicos e utilização de material iconográfico produzido a partir***

¹¹ BECKER, Howard. (1999). *Métodos de pesquisa em ciências sociais*, p. 47.

de estratégias metodológicas voltadas para o uso de análise da fotografia como linguagem social¹²;

c) as informações foram coletadas observando-se a interação do centro de convivência e a dinâmica da sociabilidade no contexto comunitário.

- *Procedimentos de análise*

Durante e após a coleta de dados procurei investir no processo de descrição e interpretação das informações (narrativas, iconografias, etc.), apoiando-me, portanto, no conhecimento teórico, na experiência empírica e nos temas orientadores do estudo por abrangência. Em termos gerais, os temas geradores de questões (e interações) de estudo foram utilizados como fio condutor da análise e interpretação do material de campo.

REVISÃO DA LITERATURA: INTERMEDIÇÃO COM A EXPERIÊNCIA EMPÍRICA

Aprender é explorar. Seguir pegadas não nos ajuda a resolver problemas. Meramente nos ensina como seguir pegadas.

(Snygg)

PARTE I

I. UNIVERSIDADE RURAL: DA PEREGRINAÇÃO À MAIORIDADE

A UFRRJ tem suas origens no Decreto 8.319 de 20 de outubro de 1910, assinado por Nilo Peçanha (1867-1924), Presidente da República (1909 a 1910), e por Rodolfo Miranda, Ministro da Agricultura. Este Decreto estabeleceu as bases fundamentais do ensino agropecuário no Brasil, criando a Escola Superior de Agronomia e Medicina Veterinária, cujo primeiro diretor foi o engenheiro agrônomo Gustavo Dutra. A sede foi instalada em 1911, no

¹² Sobre a extensão desse assunto, consultar o trabalho de BECKER, Howard (1996). Explorando a sociedade fotograficamente. In: PEIXOTO, Clarice et al. (ed.). **Cadernos de antropologia e imagem 2**, PPCIS/NAI-UERJ, p. 95-97. Cfr. Também o instigante trabalho de CASTRO, Eduardo (1996). **Dois rituais do Xingu**. Idem, Ibidem, p. 99-103.

Palácio Duque de Saxe, onde funciona o CEFET/MEC, no Maracanã, Rio de Janeiro. Em 04 de julho de 1947, realizou-se a solenidade de inauguração de dez novos edifícios da Universidade Rural, contando na ocasião com 1.352 alunos. Após ter passado por várias mudanças legais e estruturais, a Universidade teve o seu campus transferido para as margens da Antiga Rodovia Rio-São Paulo, hoje BR-465 onde, em 1939, fora iniciada a sua construção. Curiosamente, Seropédica (município emancipado onde está localizada a UFRRJ) carrega em sua palavra o seguinte significado: o “Sero” vem de bicho; e o “pédica” da criação. Vida nova após longa peregrinação por lugares não apropriados. Assim, encontrava-se agora em seu lugar definitivo, “nas antigas terras da grandiosa Fazenda dos Jesuítas da Santa Cruz” (até o final da primeira metade do século XVIII: fazenda “Rural”, caminho do ouro!), depois Fazenda Real e Fazenda Imperial (após a Independência). “Em 29 de outubro de 1948 encontrava-se com todos os órgãos que a integravam em sua sede definitiva” (Boletim Rural, 1988:2)*.

A atual denominação – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – veio com a Lei 4.759, de 1965. A UFRRJ, uma autarquia desde 1968, passou a atuar com uma estrutura mais flexível e dinâmica para acompanhar a Reforma Universitária que se implantava no país. Com a aprovação de seu Estatuto, em 1970, a Universidade vem ampliando suas áreas de ensino, pesquisa e extensão, tendo, em 1972, iniciado o sistema de cursos em regime de créditos (Fonte: UFRRJ – Revista Rumos, 1998:10-12).

Sonho, imaginação, engenho técnico, arte... Eis alguns dos elementos que transformaram o plano da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro em realidade. Realidade, pois, de sonhos partilhados em um contexto histórico sugestivo à primazia das grandes construções. A arte, por exemplo, – de uma forma plural –, revela a modernidade e a tradição, a imponência e o afeto popular, a razão e a emoção. Sonhos partilhados – parece, portanto, que o quadro apresentado soma-se a um momento de fermentação cultural cujos anseios são possíveis de um diálogo (próximo e/ou “distante”) entre Sociedade, Universidade e Arte.

Seguindo este rumo o Brasil grande, sonhado na Era Vargas, é melhor compreendido pelo símbolo do modernismo, esse que, encarnado na figura

* CARVALHO, Affonso (1988). **Boletim Rural**, p. 2.

concreta da arquitetura, ajudava a projetar o país no exterior. De acordo com a historiadora Isabel Lustosa*, prédios como os do Ministério da Educação e Saúde, da Fazenda e da Guerra impressionam pela imponência com que se inserem na paisagem carioca. Dito de outra forma, Vargas e seu governo encerram notada ambivalência. Por um lado, o prédio do Ministério da Guerra tem uma arquitetura pesada, símbolo da veia autoritária e calculista dos militares. Do outro lado, está a política do jogo-de-cintura, a empatia, o “pai dos pobres”. Por correspondência, em meio à tensão política e ideológica, a Era Vargas revela-nos, também, alguns episódios dos anos 30 que combinam com o plano de construção da UFRRJ no Município de Seropédica, embora tais episódios não tenham aqui o propósito de retratarem o quadro das generalizações. Todavia, conforme a observação de Fábio Lima;

em 1938 foram iniciados os trabalhos topográficos, de terraplenagem e a instalação de canteiro de obras. No ano seguinte, foram iniciadas diversas construções como os pavilhões escolares, os edifícios residenciais para o diretor e para a administração, bem como as edificações que abrigariam os órgãos complementares.¹³

Nos passos do ideal nacionalista (e modernista), poder e contrapoder formavam o cenário dos conflitos sociais, de um Brasil cercado pela ditadura e pelo populismo varguista. Em março de 1938, o levante integralista. Nessa época, um ofício recomendava: “*Devemos, o quanto antes, criar restrições aos semitas domiciliados no Brasil, evitando-se que eles venham a ser brasileiros*”¹⁴. Eis a cena da Ação Integralista Brasileira (AIB) inspirada no modelo fascista europeu e iniciada em 1932 sob a bandeira “Deus, Pátria e Família”. Em um plano contrastante à política de Getúlio Vargas, a Aliança Nacional Libertadora (ANL), de 1935, reivindicava reformas sociais com urgência, tendo como bandeira “Pão, Terra e Liberdade”¹⁵.

Não obstante, foi nesse palco de contradições e obstinação modernista que o arquiteto Ângelo Alberto Murgel, “como servidor contratado pelo

* Matéria publicada no jornal **O Globo**. Domingo, 22 de agosto de 2004.

¹³ LIMA, Fábio (2003). Tradição e modernidade no percurso do arquiteto Ângelo Murgel: Parque Nacional de Itatiaia e Universidade Federal do Rio de Janeiro, dois projetos urbanísticos. **Bol.** n. 11, p. 51.

¹⁴ LUSTOSA, Isabel (2004). **O Globo**. Domingo, 22 ago.

¹⁵ PRESTES, Anita. A revolução com ternura. **Revista Nossa História**, n. 9, p. 16.

Ministério da Agricultura, elaborou uma série de projetos, dentre os quais propostas de grande impacto urbanístico como o campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro”¹⁶.

Por analogia, do ponto de vista político-estético, tudo indica que a herança do Brasil grande e a imponência gravada no coração da arquitetura sinalizam um quadro que envolve cálculo racional e sensibilidade: o prédio do Ministério da Guerra e a contrastante arquitetura do P1 (o prédio principal da Rural, considerando, no entanto, que o uso do P1, neste momento, tem o sentido apenas de exemplificação metafórica).

Seguindo esta trilha, aproveito a ocasião para apreciar o seguinte relato:

Getúlio Vargas com a sua sensibilidade e poder procurou modernizar o país, o estilo neocolonial da arquitetura é parte disso (...). Buscava uma cultura própria.

(Prof. José Antônio de S. Veiga. Reitor da UFRRJ)

Por força contextual, destaco as considerações feitas por Fábio Lima sobre Ângelo Murgel:

A modernidade defendida por esse arquiteto se conjugaria com um forte apelo à tradição. Em ambos os casos o apelo à linguagem neocolonial se evidencia nos componentes empregados para a definição dos partidos arquitetônicos das edificações. De um lado, buscando alicerçar a identidade destas propostas nas raízes brasileiras, por meio da reificação do seu passado colonial; de outro lado, com a intenção de marcar a importância destas realizações, através de composições caracterizadas pelo seu aspecto monumental.¹⁷

Embora Fábio Lima generalize a estética dos prédios da Rural – a partir de Murgel – como sendo de linguagem neocolonial, não é demais acrescentar que a fachada de um dos mais bonitos prédios do campus foi batizada com os

¹⁶ LIMA, Fábio. Idem, p. 31. Para maiores informações sobre Ângelo Murgel, sua obra e tendência estética, cf. o trabalho de Fábio Lima.

¹⁷ LIMA, Fábio. Idem, p. 77.

traços da estética barroca. O que temos, tudo indica, é uma construção de estilo eclético. Lá na fachada do P1 estão a contrastar as linhas retas e curvilíneas com as formas espiraladas, elípticas, ovais e oblongas. A partir de uma linguagem marcada pela ambivalência das formas e dos significados, o Barroco nos mostra o seu-duplo: a razão (o círculo e o quadrado) de um lado, e os recursos extra-rationais (a irregularidade – a elipse e a pérola; portanto, a antítese) do outro lado. Assim, a virtude e o dilema do Barroco é aproximar os elementos contraditórios: clareza e ordem, sombra e desalinhamento¹⁸. O Barroco foi uma reação ao espírito renascentista carregado de clareza e ordem, logo, seu lado elíptico ou irregular responde a esse paradoxo. Curiosamente, o neoclassicismo – corrente de pensamento contemporânea do Iluminismo que atingiu o seu ápice com a Revolução Francesa – foi contrário ao excesso de traços do Barroco, por isso o seu lema era a restauração das idéias de sobriedade e equilíbrio da Antigüidade clássica¹⁹. Ora, é possível perceber, então, que a crítica da corrente neoclássica dirigida ao exagero ou à irregularidade do Barroco não deixa de ser válida, contudo é insuficiente, tendo em vista a ambivalência que circunda o pensamento e a estética barroca.

Em linhas gerais, da pérola irregular (metáfora do Barroco) reluz a grandiosidade, a beleza, a sensação de pertencimento. Imaginário tecido pelos sentimentos dos alunos... diante da paisagem. Doravante, apoiar-me-ei também na experiência empírica para recortar o outro momento do texto.

II. IMAGENS LEVES: METÁFORA DA FAZENDA – METÁFORA DO BARROCO DESLOCADO

Quando entrei na Rural fiquei apaixonada... Você entra e dá de cara com uma construção barroca linda. Sou de São Paulo, isso me lembra o Palácio de Santo Agostinho – Prefeitura de Bragança Paulista.

(Carina: associada do Erva-Doce, aluna do curso de Veterinária)

¹⁸ ARGAN, Giulio & FAGIOLO, Maurizio. **Guia de história da arte**, p. 68-71. Cfr. Também o trabalho de SANT'ANNA, A. **Barroco**: do quadrado à elipse.

¹⁹ ARGAN, Giulio & FAGIOLO, Maurizio. P. 71-73 e 144-148.

A fotografia como uma escrita: palavras iniciais



Visão frontal que precede a entrada principal de acesso ao Campus da Rural – DEZ./2001.

“Uma cidade, um campo, de longe são uma cidade e um campo, mas, à medida que nos aproximamos, são casas, árvores, telhas, folhas, capins, formigas, pernas de

formigas, até o infinito. Tudo isso está envolto no nome campo.”*

Sobrepujando a estrutura arquitetônica que acomoda a Reitoria, o pequeno e majestoso coqueiro, sob um céu acinzentado, desafia a realidade da visão estática, do olho apenas natural; no entanto, quando a paisagem é apreendida pelo olhar construído socialmente, a imagem que fazemos dela parece (por força da analogia indicial) nos falar de um lugar onde não se fala o não-dito. Por ora, estou a crer que esse contexto está bem próximo do que nos diz Jean-Marie Schaeffer a respeito da imagem fotográfica:

a imagem, na verdade, não nos diz nada, ela nos mostra alguma coisa, mas ao nos mostrar alguma coisa, ela quer nos dizer alguma coisa. Em outras palavras, o que ela nos mostra “simboliza” uma mensagem.²⁰

De acordo com o que foi anunciado acima, a singularidade do ambiente natural faz da Universidade um misto de símbolos que, por sua vez – e duplamente presencial –, desperta e apazigua os sentidos, atíça a percepção dos contatos humanos em meio ao som do orvalho cujas gotas das horas não se quer que terminem. Assim, numa combinação de carne, árvores, maitacas tagarelas e pedras bem desenhadas, as pessoas parecem descrever o mundo até suas extremidades, semeando sonhos nas dobras dos dias. Há, por esse modo, e não sem razão, o fato de que as imagens captadas pela lente juntam-se às lembranças das experiências partilhadas ao longo da pesquisa, das conversações tão intensas de saberes e de vida. Com efeito, os sinais ocultos que estão por trás dos discursos vêm à tona quando a simbiose das informações torna possível o encontro vital (ou a intermediação) entre a narrativa e a mensagem fotográfica. Daí o desígnio que me tem permitido utilizar a fotografia como uma escrita; de buscar um ponto de vista subjetivo nas larguezas das histórias cotidianas, nas artes da gastronomia, nos ornatos

· Consultar LEPETIT, B. Sobre a escala na história. In: REVEL, J. (org.). **Jogos de escalas: a experiência da microanálise**, p. 102. No seu artigo, Lepetit faz referência a B. Pascal, Pensées, nº 65-115, In: **Oeuvres Complètes**, ed. Por L. Lafuma (Paris, Seuil, 1963), p. 508.

²⁰ SCHAEFFER, Jean-Marie. **A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico**, p. 204.

dos prédios e das moradas, na fazenda da cidade. Por ordem desse quadro, pode-se acrescentar:

essa paisagem me lembra o ambiente de fazenda, diferente da fria relação do mercado financeiro de algumas instituições. Isso aqui é uma influência boa para mim que vivo aqui.

(Ana Carolina: associada do Erva-Doce (ED), aluna do curso de Economia)

Ainda neste âmbito, pode-se acrescentar:

... a Rural tem trechos do ambiente da Bahia – mundo bucólico onde eu me soltava, brincava. Me sinto bem no campus. Essa vastidão, o panorama. É tranqüilizante... A arquitetura... os jardins e os prédios abertos: são lindos, você entra mas está fora, gosto de me sentir parte disso.

(Thiago: ex-associado do ED, aluno do curso de Agronomia, integrante do GAE – Grupo Agroecológico)

Ou ainda, ao modo da imagem:

... os desafios do uso da imagem são os mesmos que se colocam ao texto etnográfico: eles questionam a capacidade de interpretação, a atividade de observação, a interação com os acontecimentos que pretendemos captar e analisar.²¹

²¹ PORTO ALEGRE, M. Reflexões sobre iconografia etnográfica: por uma hermenêutica visual. In: FELDMAN-BIANCO, B. & LEITE, M. (org.). **Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas**

Paisagem plural. Lá na fachada repousa o espírito do Barroco deslocado.



Pavilhão Central, onde está localizada a Reitoria da Universidade – DEZ./2001.

Aqui repousa, na fachada do prédio, um conjunto de figuras geométricas que serão analisadas ao longo do texto. Assim, na parte superior e acima da sacada que abraça a sala do Reitor, as três portas e suas respectivas molduras combinam linhas verticais (duras) e a irregularidade das curvas desenhadas no extremo superior. Também, à esquerda e à direita, ao fundo, uma fileira de janelas apresenta o mesmo estilo. Ainda na parte superior, pode-se encontrar, acima da porta central, um ornato de forma ovalada, também presente na metade inferior da fachada. No capitel das colunas inferiores e superiores estão presentes as volutas: duas à esquerda e duas à direita. Essas volutas têm a forma de círculos espiralados (ligeiramente achatados) e correspondem, em seus desdobramentos, à curvilínea forma de elipse. Na base inferior, três arcos, portanto, somados à

totalidade da fachada, recepcionam os olhos e os instintos dos passantes. Tensão, metamorfose e encontros – leituras de um Barroco a desvelar.

Sendo a arquitetura uma arte que reúne diferentes símbolos e conceitos construídos à luz de determinado momento histórico, procurarei aqui analisar, comparativamente, algumas figuras geométricas em que predominam o simbolismo, as transformações e a ambivalência das formas no modo da arte barroca. Por correspondência, enquanto a estética renascentista privilegia a linearidade, o quadrado, o círculo e o triângulo equilátero – visto o sentido da arte representacional: pintura, arquitetura, por exemplo –, a estética do período barroco, por outro lado, vai privilegiar as formas curvilíneas, espiraladas, elípticas. O mundo barroco alongou-se por todo o século XVII e pelas primeiras décadas do XVIII, disseminando uma ideologia de época que se configura na arte, na religião, nas festas, na política, etc. Nesse âmbito, Affonso Romano de Sant’Anna acrescenta:

o Barroco não é apenas o momento de tensão entre o quadrado e a elipse, mas o momento de metamorfose do quadrado e do círculo em formas espiraladas, ovais e oblongas.²²

Ou ainda:

mas há algo intrigante e aparentemente conflitante entre o sentido geométrico e o sentido retórico da elipse. Na geometria, a elipse é o excesso de círculos espiralados e rampantes, que voltam reincidentemente sobre si mesmos. Na retórica, a elipse é falta, carência e ocultamento.

Elipse: dupla inscrição: excesso e falta. Repetição e diferença. Antíteses.²³

A partir dessas primeiras considerações, a voz da ambivalência anuncia as estratégias da cultura barroca: o

²² SANT’ANNA, A. *Barroco: do quadrado à elipse*, p. 26.

²³ Idem, p. 23.

excesso e a falta (em sua dupla presencialidade) convidam os olhos a girarem em torno da obra barroca, ao mesmo tempo em que indagam sobre algo que não foi dito. Tomada pelo excesso e repetição, a visão se desdobra (em elevada suspensão) de um núcleo que se vai espiralando até tocar o infinito. Logo, perante a obscuridade do vazio: o inaudito! Eis, então, a carência, a falta. Um enigma a decifrar. “O ocultamento de uma letra, de um signo. Uma camada de sombra. Na elipse, uma eclipse”²⁴. É nesse quadro que os séculos XVII e XVIII afirmavam a gênese da cultura do Barroco. Em sua ambivalência, a elipse na geometria e a elipse na retórica, articuladamente, fizeram parte de uma política de época em que as artes visuais... combinavam diferentes recursos psicológicos como forma de controle social – dos instintos e das paixões. Assim sendo, o jogo da cosmovisão barroca (encenado na modernidade com o objetivo propagandístico, pedagógico e ideológico, deslocado para o mundo contemporâneo com outras regras) nos convida ao desafio de caminhar no labirinto das representações, das analogias e dos recursos racionalizantes e extra-rationais, combinadamente. Neste jogo, portanto, a dúvida e a ambivalência da experiência é que fazem sentido, produzem conhecimentos e geram reflexões. Aqui, a exemplo do Barroco deslocado para o mundo contemporâneo, parece-me possível investir numa forma de análise comparada. Todavia, no fato de não anular, mas de distinguir e ultrapassar (quando necessário) as regras e os símbolos que orientaram a vida cultural e social no período moderno, é que se faz presente a adequação de outras investidas no campo analítico. Dito dessa forma, a expressão da cultura

²⁴ Idem, p. 22.

barroca no século XX, por exemplo, pode ser traduzida pela força do sentido metafórico, ou seja, se por um lado a cultura da imagem sensível, a técnica da suspensão, a tendência à extremosidade, os procedimentos da anamorfose, a razão pragmática e o emprego dos “recursos extra-rationais”²⁵ – entre outros fundamentos agregados ao espírito do pensamento barroco – animavam o espetáculo imagético configurado de acordo com os interesses das Monarquias Nacionais, de outro lado o deslocamento de tais fundamentos para o cenário de vida contemporânea requer, portanto, o modo e um encontro (re)atualizado segundo as crenças e valores que orientam determinada visão de mundo ao longo do processo civilizatório. Logo, se é possível tal encontro, ou a observação cuidada que nos permita imaginar a conciliação de períodos e contextos históricos diferenciados, é porque a história é inegavelmente resultado de um processo dinâmico, não reificado. Por conseguinte, as marcas metafóricas que sinalizam a “barroquização” do mundo contemporâneo estão para além do projeto ideológico erigido no antigo regime (ou, em meio à engrenagem política da sociedade de corte). Também, a respeito do encontro que ora antecipo, não se poderia conectar ao Barroco de hoje muito do que tão bem nos fala José Antonio Maravall sobre o Barroco de ontem. A propósito disso, vejamos:

***há, de fato, no Barroco uma inclinação
para o difícil e obscuro que alcança níveis***

²⁵ Uma abordagem extensa sobre a “utilização” dos recursos extra-rationais com fins ideológicos no mundo barroco dos séculos XVII e XVIII, pode ser encontrada no trabalho de José Antonio Maravall: a cultura do Barroco (Edusp, 1997).

socialmente baixos [...]. Uma doutrina que capte a atenção e fique impressa, uma obra de arte que introduza o público em seu mundo e o comova, um poder político que espante e se imponha, tudo isso e tantas outras manifestações da vida social do século XVII requerem obscuridade, o que reforça a suspensão e se traduz em dificuldade.²⁶

Mediante estas notas podem-se imaginar as estratégias psicológicas que permitiam aos grupos privilegiados dirigirem os homens, agrupados massivamente. Neste contexto, o mundo Barroco afirmava os seus poderes a partir das formas encarnadas nas artes, artes que evocam desejos, emoções, paixões – da mesma forma que incorporam o cálculo intencional. Artes das elipses, por assim dizer. Por extensão, ainda nos faz sentir Maravall:

o moralista barroco, que com tanto interesse estudou as paixões, e, como ele, também o político e todos os que querem atuar sobre os movimentos de multidões não pretendem suprimir nem mesmo, estoicamente, apaziguar as paixões, mas sim servir-se de sua força.²⁷

Até este ponto do texto penso que não seja necessário alongar essa discussão, uma vez que a contribuição de José Maravall parece ter-me permitido dar os primeiros passos na direção da análise acerca de um estilo barroco de época. Oportunamente, após ter antecipado este quadro explicativo, sinto-me mais à vontade para investir no encontro das similitudes sem incorrer no abuso das generalizações empíricas, considerando, pois, a necessidade de optar por uma “escala de observação particular”²⁸ que me

²⁶ Idem, p. 348-349.

²⁷ Idem, p. 148.

²⁸ Estou empregando a noção de “escala particular de observação” no sentido de passar da macrovisão do Barroco de época à micro análise da experiência empírica, considerando uma escala de observação que me permita trabalhar com a experiência local – visto a noção do Barroco deslocado – sem abolir a compreensão mais geral da cultura barroca;

permita, primeiramente, distinguir os princípios gerais que guiavam o mundo Barroco de ontem (as crenças, a ideologia, a ambivalência das formas, etc. – o que preliminarmente procurei demonstrar acima) e, em segundo plano, avançar no campo da reconstrução do objeto e das interações possíveis, dito com outras palavras, perscrutar, agora, os sinais que estão por trás do Barroco de hoje (este que estou a chamar de Barroco deslocado, ou fora de época). Nessa perspectiva, a reconstituição do Barroco à luz do tempo presente abre-nos um espaço para a oportuna consideração: “o passado não é conservado, mas é objeto de uma construção sempre recomeçada”²⁹. É nesse sentido – embora limitando-me às primeiras elaborações –, que anuncio o encontro entre a simbologia barroca (que aqui repousa em vestígios fotografados) e a narrativa de interação.

- **Imagem da Rural: das curvas à metáfora da fazenda**

Já no final da greve, e por volta das dezesseis horas do dia 27 de dezembro de 2001, cheguei à Universidade, diante da promessa de muita chuva. Entretanto, empenhado em fotografar alguns espaços... elegidos anteriormente por ordem desse trabalho, passei a percorrer (e, até mesmo a reviver) o campus, mirando a natureza, o gorjear dos pássaros e as fachadas dos prédios numa aventura quase solitária. Entre um clique e outro, o cair da tarde anunciava que minha andança estava próxima de terminar. Então, restava-me mais um lugar, um cenário a clicar: os alojamentos. Aaah, longe das surpresas do destino, aqui há sempre gente a circular! E foi então que iniciei uma conversa com um jovem estudante do segundo período do curso de Ciências Agrícolas*. Primeiramente, trocamos algumas poucas palavras, pois, concentrado mais em sua “arte” de colher mangas do que na conversa, ia o jovem catucando uma enorme árvore com o auxílio de uma vara de bambu, fazendo (ali bem próximo ao corredor de entrada para os alojamentos) despencar pequena porção do fruto já bem amadurecido. Terminada a “catucagem”, veio a chuva! Assim, fomos levados a nos abrigar sob o telhado do varandão: local de frente, que dá vista

portanto, partir de um ponto de vista que é próprio de determinado momento histórico e chegar às analogias e diferenças endereçadas ao plano local. Várias sugestões e contrapontos sobre este assunto encontram-se no trabalho organizado por REVEL, Jacques. *Op.cit.*, (cf. os diferentes autores).

²⁹ Cf. LEPETIT, B. *Op.cit.*, p. 100.

para o longo corredor dos seis alojamentos masculinos, para a praça da alegria, para o bandeirão. Estávamos também, ali, próximos à esquina do restaurante Erva-Doce, local, portanto, por onde se estende o bate-papo entre amigos após os momentos de calorosas relações sociais vividas nos espaços de moradia e alimentação. Eis um breve percurso onde fervilha a sociabilidade Rural. E sob o telhado do varandão, o charme particular do campus misturava o som da chuva às nossas palavras. Continuando a conversa, agora mais intensa e demorada, fui surpreendido pelo aluno quando conversávamos sobre os aspectos ligados à paisagem e à vida no campus Universitário. Então, em meio às suas narrativas, destaca o aluno:

... eu sou do interior de Minas, conheço a Universidade de Minas e a Unicamp. São bem diferentes da Rural... É uma coisa pesada! A Unicamp..., você olha a Unicamp e só vê massa e viga. É uma arquitetura pesada, quase tudo verticalizado... Na Rural, existe uma coisa leve. São as curvas. As curvas na arquitetura me fazem sentir isso. Tem lugar aqui que parece a varanda da minha casa.... Eu me sinto em casa. O campus tem um jeito de fazenda()*.

Oportunamente, acrescento o seguinte relato:

me sinto bem na Universidade. A natureza..., os desenhos na fachada, os detalhes da decoração nos telhados, no teto do Gustavão. Isso realça o visual, você olha e não é aquela coisa chapada, quadrada.

(Bruno: postulante da Associação ED, aluno do curso
de Agronomia)

Uma primeira observação acerca do relato em pauta revela a força e a tensão que acompanham as categorias **leve** e **pesado**. O **pesado**, denota um certo distanciamento emocional do ambiente familiar a partir das formas duras: o quadrado predominante, a verticalidade uniforme, etc. Nesse primeiro plano, parece que a relação homem meio-ambiente é tomada pela lógica instrumental – uma relação não envolvente. A categoria **leve**, por outro modo, denota uma certa aproximação afetuosa com as experiências familiares; portanto, as figuras curvilíneas e irregulares parecem provocar, por analogia, um sentimento de pertencimento duplo, ou seja, ao incorporar a categoria **leve** no discurso, o aluno procura aproximar dois lugares psicologicamente representativos à sua biografia: a morada de Minas e a morada da Rural conciliam simbolicamente a proximidade das famílias, o prazer de estar junto num local de pertencimentos. Seria como falar de um lugar onde a imagem sensível – ou se preferir, a elipse na geometria – está coberta de estímulos que atijam lembranças, apegos e experiências múltiplas.

Num plano correspondente, o verbo parecer, presente na frase: “*tem lugar aqui que parece a varanda da minha casa*”, denota o que está por trás das formas geométricas: o ocultamento, a falta. Embora as curvas **leves** aproximem os dois lugares, estes parecem, mas não são iguais. Na diferença, a falta de alguma coisa, o enigma, o suspense. Assim, a idéia de aproximação – pertencimento requer uma prova (para conciliar, também, a carência): o deciframento. Nesse contexto, captar as formas leves não representa um encontro resolvido, ou um encontro com a harmonia definitiva, mas, sim, um encontro como um estilo barroco que se complementa na falta, em cada novo olhar, em meio à ambivalência que desponta da elipse na geometria e da elipse na retórica. Sobre esta última, vale ainda ressaltar:

ler um discurso elíptico, portanto, é extrair-lhe os
significados, desvelar, lançar luz. Achar, enfim,

aquela recém-nascida figura que se esconde na
voluta que se expõe na fachada.³⁰

Tenho a sensação de que a narrativa do aluno revela o quanto muitas vezes “recém-nascidas figuras” se escondem neste lugar, à espera de um olhar. Seja um olhar atento ou fugidio, quase tudo seduz e encanta os sentidos, embora alguns olhares também revelem a imobilidade, o engessamento “estético”. Assim, vejamos o que nos diz um entrevistado:

*eu adoro o campus, é uma geografia..., paisagem...
muito bonita... de vegetação natural. A arquitetura
é interessante, porém, é engessada.*

**(Suya: associado do ED, aluno do curso de
Agronomia e integrante do Grupo de Permacultura)**

A partir deste quadro de imagens e discursos, a paisagem se destaca, cada vez mais acompanhada por seus diferentes elementos constitutivos: árvores, vegetação, lagos, bichos, arquitetura, casas, praças, jardins, laboratórios..., excesso e incompletude, juntamente. Movidos, pois, por este repertório que combina beleza natural e simbologia barroca, os indivíduos representam, constróem e reconstróem a vida social, criam um jeito de estar juntos, de viver em comunidade.

*Quando vim fazer o vestibular, me encantei com o
campus. Hoje, me sinto em casa. O contato com a
natureza e a arquitetura me atraem... Essa
arquitetura de tradição antiga, bem trabalhada,*

³⁰ SANT’ANNA, A. *Op.cit.*, p. 23.

passa uma sensação boa..., mas o nascer e o pôr-do-sol é algo muito marcante.

(Rodrigo Peres: ex-associado do ED durante quatro anos, aluno do curso de Zootecnia)

Imagem sensível! Então, digamos: a varanda, a fazenda – metáforas da Rural.

Em linhas gerais, tudo indica a possibilidade de argumentar, a meu ver, sobre esse cenário estético que sinaliza o gosto e o prazer que as pessoas sentem diante do ambiente marcado por tudo que fora apreciado até o momento. Reiterando a minha posição, ambiente este, onde os “componentes” – não mais faz sentido continuar usando a palavra recursos – extra-rationais que movem a vontade se fazem presentes (agora) segundo a visão, o sentimento e a autonomia de cada indivíduo. Todavia, a influência da sensibilidade barroca no século XX é resultado de um processo de transformações e novas adaptações desencadeado dinamicamente, em contextos diferenciados. Por esta razão, ao contrário da antiga estrutura social da monarquia absolutista, hoje, o que temos é a construção das sociedades plurais, democráticas — lugar por onde o espírito barroco e seus fundamentos tomam-se sugestivos para serem pensados, sentidos e recriados metaforicamente no decorrer do exercício analítico.

Natureza próxima: um ambiente estetizado



Parte interna do Pavilhão Central, onde estão localizados a Reitoria, as Decanias, as salas de aula, e outros setores para assuntos acadêmicos. (Visão tomada da frente para o fundo do Pavilhão) – MAIO/2001.

... eu fiz um ano de Comunicação em outra instituição e era aquela coisa só de concreto. Aqui, vejo o pôr-do-sol lá da minha janela, do Erva; vejo os lagos, a coruja (uma vez ela entrou dentro do meu quarto!), as maitacas... Eu agradeço a existência por estar vivendo nesse ambiente.

(Nina: associada do ED, integrante dos grupos agroecológico e Capoeira de Angola, aluna do Curso de Engenharia Florestal)

No primeiro plano, três gansos, habitantes costumeiros do jardim da academia, caminham majestosamente ao ritmo ostentoso do lugar. No segundo plano, tanta coisa aqui a adornar (e a contrastar): as plantas, as

árvores, o quadrado maior, o lago oblongo (ou quase elipsado), o retângulo, a dureza do parapeito que segue retilineamente por toda a extensão do segundo pavimento, as curvas que acompanham os arcos enfileirados no primeiro pavimento, enfim, indagações, antíteses, razão e sensibilidade – ou ainda, sobre essa última, algo a acrescentar: pertencimento, poesia!

Histórias reunidas ou o sentido do pertencimento



Poesia deixada por um ex-aluno – uma das três placas que estão fixadas em diferentes pontos do Pavilhão Central (parte interna) – MAIO/2001.

Após três anos da colocação dessa placa, tive a oportunidade de encontrar o Geovan (autor da poesia) no alojamento e o entrevistar. Agora, o Geovan tinha retornado à Rural para cursar História no turno da noite, e, como de rotina, as entrevistas eram marcadas no “restaurante” Erva-Doce e/ou nos alojamentos, tendo em vista a disponibilidade dos alunos.

Ao ritmo de uma conversa calorosa e divertida sobre as experiências de vida no campus – ou, se preferir, nos alojamentos –, procuramos então dar um relevo especial às relações entre a vida acadêmica e a inspiração poética, por assim dizer. Assim Geovan narra, com notada emoção, um trecho de sua biografia:

*... O P1 tem um ar de grandeza, parece um castelo.
Quando eu fiz a poesia, eu me lembrei de quando*

entrei no P1... Mas, uma coisa importante, era a conservação do jardim! Eu passei por aqui e o que foi que eu deixei?... Acho que você leva a experiência e deixa a história.

(Geovan: aluno da Rural)

Parece-me razoável, por força das circunstâncias, considerar a Placa (poesia) como sendo um desenho/objeto significativo³¹. Entretanto, quando nos reportamos ao papel do desenho, torna-se necessário distinguir os valores que estão por trás da noção de necessidades (e utilidades) e aqueles que remetem ao desenho implicando metas e desejos. A este respeito, pode-se acrescentar:

(...) el concepto de *necesidad* ha sido el motor que ha impulsado, y justifica, gran parte de la práctica del diseño (al inicio de este ensayo dijimos que los objetos no son producto de la necesidad, sino del deseo y de las habilidades cultivadas por la comunidad que los concibe y utiliza). (...) La necesidad no es algo que la naturaleza impone a la humanidad, sino una categoría conceptual creada por elección cultural... Cultivamos la tecnología para satisfacer necesidades percibidas y no un conjunto de necesidades dictadas por la naturaleza (...). La abundancia de objetos artificiales es producto de mentes repletas de fantasías, anhelos, metas y deseos.³²

Conseqüentemente, uma análise sobre o desenho/objeto, nos permite estabelecer a possível mediação com o que se relaciona ao humano. O desenho, no entanto, nos estimula a olhar e pensar o mundo de uma forma circunstancial, dinâmica e complexa³³. Destarte, podemos considerar que o desenho (a poesia contida na placa), vinculado a Geovan, expressa de forma significativa uma troca simbólica entre mundos: o que a Universidade lhe ofereceu e aquilo que, por consciência, desejou e retribuiu: a poesia, a placa, o desenho. Assim, a sua biografia parece ser traduzida aqui pelo sentimento de pertencimento ao lugar, logo, o desenho foi também a revelação das crenças e valores adquiridos ao longo da experiência mediada pelas necessidades

³¹ Ao optar por tal consideração, estarei me reportando ao trabalho de JUEZ, Fernando. De la necesidad, de la antropología y el diseño. In: TAYLOR, Rafael et al. **Aprender – comprender la antropología**, p. 165-185.

³² Idem, ibidem, p. 170-171.

³³ JUEZ, Fernando. Idem, p. 168.

percebidas. Entre dezenas de placas espalhadas pela Universidade e com denotação unicamente utilitária (não por isso pouco necessária), a placa dedicada à poesia de Geovan traz a marca de sua biografia tecida pelos sonhos e desejos de um aluno que fez da Universidade uma morada singular, um modo de construção identitária.

De outro modo, não escapando à simbologia do insigne prédio da Reitoria nas palavras de Geovan, existe muito poucas vinculações no caso da arquitetura, por exemplo, que podem ser explicadas pela necessidade de hospedagem como forma de defesa biológica, natural; portanto, o status e simbolismo destinados a um insigne prédio estão para além de uma estrutura que significa ou está destinada à proteção das pessoas, caso haja ocorrência de variações climatológicas. Com efeito, Fernando Juez acrescenta que: *“construimos instituciones, creencias y conocimiento con el uso y a través de la creación de ciertos objetos”*.³⁴

Por outro lado, enquanto a geometria renascentista conserva as linhas duras (ou cristalizadas) das formas no cenário barroco mais radical, diz Affonso Romano:

passa a ocorrer certo simultaneísmo, as figuras já não obedecem a uma hierarquia tão rígida. A geometria é subvertida e a curva sobressai ostensivamente, serpenteando, engolindo a linha reta. No lugar da disciplina em que cada coisa está em seu lugar, surge o ajuntamento, o aglomerado. No lugar do previsível, o in-previsível; no lugar da ordem estratificada, uma espécie de não-ordem em ebulição, quase caótica; onde havia imobilidade, estabilidade, tranqüilidade, irrompe a instabilidade, a insegurança, a vertigem.³⁵

³⁴ Idem, p. 168.

³⁵ Idem, p. 48.

Entretanto, não nos precipitemos com a vertigem (ou com a extravagância) pós-moderna, pois é, a partir desse espaço de ajuntamento e transformações, que germina a experiência reflexiva, e que se manifesta o desejo utópico de construir um projeto de vida boa.

Uma janela para a escritura vegetal



Parte interna do Pavilhão Central. Visão tomada do fundo para a frente do prédio – MAIO/2001.*

No primeiro plano, uma leve curva ao longo de cada coluna “anelada”, ajuda a quebrar a linearidade do parapeito. No plano seguinte, o lago e o jardim são ornados por plantas e arbustos bem desenhados**. Também aqui, as passagens sinalizam os contornos de um labirinto. O labirinto do jardim – metáfora do Barroco deslocado.

Ordem e indisciplina: paisagem plural



(*) (**). **Idem.**

Embora focalizados em contexto estético diferenciado, vale ressaltar alguns fundamentos que se aproximam da análise dirigida às duas fotografias anteriores. Por ora, vejamos:

... no Barroco ocorre uma simbiose significativa. Arquitetura e horticultura se encontram. Os franceses podam, recortam, desenham os arbustos de maneira rococó. Tais arbustos parecem torres de igrejas, verdadeiras esculturas verdes dando vida aos cenários. E a horticultura vai mais longe. Fazem desenhos de canteiros imitando frutas e legumes, usando, como no caso dos jardins holandeses, muito mais a linha curva do que a linha

reta. É a alegoria desenhada no chão. Uma escritura vegetal, metalingüística, em que a arquitetura e o desenho se vegetalizam.³⁶

Ou ainda:

... o jardim é a tentativa de domar o labirinto do mundo, assim como a jardinagem procura domar a selva. Nas florestas, nas paisagens, nos oceanos, nas terras consideradas exóticas, o peregrino está prestes a se perder. No jardim, o rei e a realeza podem passear tranqüilamente, pois o labirinto, persistindo, transformou-se em um jogo controlado.³⁷

Hoje, porém, diferente dos “jardins” “franceses” e “holandeses” dos séculos XVII e XVIII, os jardins da Rural em quase nada se enquadram ao estilo Rococó. Preserva-se, portanto, o equilíbrio estético do Barroco mais ousado. Todavia, sem o sobreexcesso de ornatos, as figuras curvilíneas vão consumindo, delicadamente, as linhas retas em meio ao aglomerado das formas. Em síntese, uma outra forma de conceber a “escritura vegetal”.

No segundo segmento, o jardim é cenário de inspiração, de olhar contemplativo; logo, o labirinto do mundo apresenta um novo desafio: o regozijo. No Barroco ousado, o jardim é o espelho do refinamento da natureza vegetal e da paisagem plural – indisciplinada, combinadamente. Uma vez percebida a interação entre o homem e a paisagem plural, por assim dizer, o passeio no labirinto do mundo se transforma em um jogo emocionado, jogo de correspondências – regido pelo princípio da reflexividade, da espontaneidade.

³⁶ SANT’ANNA, A. *Op.cit.*, p. 231-232.

³⁷ *Idem*, p. 233-234.

Por força contextual, o olhar do peregrino distante acaba ajudando-nos a pensar o casamento do Barroco com a nossa mestiçagem estética, “e de como este estilo se sentiu tão à vontade para se instalar nos trópicos”³⁸. Após uma bela narrativa, que envolve a intensa vida musical em Minas no século XVIII, indaga Affonso Romano:

o que faria com que um moreno sertanejo e seus vaqueiros estivessem habilitados tão naturalmente a tocar uma peça de Ignaz Pleyel (1757-1831), aquele que ao lado de Beethoven foi o mais célebre aluno de Haydn? Certamente era um contexto cultural singular esse que possibilitava que cientistas brancos alemães e fazendeiros mulatos se reunissem num entardecer em Minas para executar no anfiteatro das montanhas uma peça barroca.³⁹

Ainda sobre esses aspectos mais gerais aqui apreciados, pode-se acrescentar:

o olhar estrangeiro, às vezes pelo seu natural estranhamento, e quando praticado um exercício de alteridade, pode ajudar uma cultura a ver alguns traços fundamentais de sua formação. Sobretudo, uma cultura como a brasileira, que se debate contra

³⁸ Idem, p. 254.

³⁹ Idem, p. 266. Em complemento a esta citação, acrescenta-se: “numa época em que se dizia que o mineiro sabia duas coisas, o solfejar e o latim, Von Martius, que por aqui andou fazendo pesquisas científicas, narra aquela tocante cena [...] que envolveu um mineiro de nome João Raposo, que ele chamou de ”o moreno Orfeu das Selvas”... (Idem, p. 266). Sobre a respectiva narrativa, consultar também a página 266.

a racionalidade do quadrado e do círculo e que encontra na curva e na elipse a sua forma natural e prazerosa de expressão.⁴⁰

Agora, fiquemos com uma breve nota de mediação:

gosto da paisagem da Rural..., arquitetura e seus detalhes; o teto é diferente, não é colado à cabeça como os prédios de hoje (as coisas são retas). Isso aqui dá uma sensação de Universidade.

(Ana Carolina: ex-associada do ED, aluna do curso de Biologia)

Até o momento dêem-se pois, por notados, os meios percorridos para explorar uma dimensão da Universidade à luz da composição estética. Imagens sensíveis: metáforas ao jeito da Rural. Por essas vias, os signos e as mensagens que se encontram nas volutas das fachadas, nos escritos poéticos, no Restaurante Erva-Doce (como veremos) e em seu entorno, revelam boa parte daquilo que os alunos... pensam e sentem a respeito da Universidade e da sociedade, articuladamente. Uma Universidade que, pelas suas características, propicia a formação de grupos afins, agrega as diferenças e as concebe como parte fundante da experiência (ou da dinâmica) comunitária. Acentuada por problemas e virtudes, a Rural é capaz de tornar os seus espaços permeáveis à criação e difusão dos diferentes saberes ou manifestações culturais. Assim, movidos pelas energias utópicas, os alunos (re)inventaram a Associação (“restaurante”) Erva-Doce.

PARTE II

⁴⁰ Idem, p. 268.

III. ASSOCIAÇÃO ERVA-DOCE: HISTÓRIA E ASPECTOS GERAIS SOBRE O FUNCIONAMENTO

- **Intróito**
- **Objetivos dos integrantes do Erva-Doce**
- desenvolver a sensibilidade natural, trabalhando coletivamente em prol da saúde corporal e mental;
- realizar atividades culturais, tocando a subjetividade do ser humano;
- utilizar principalmente uma comida saudável, não utilizando produtos da agroquímica e sim agroecológicos;
- trocar idéias, interagindo os conhecimentos interdisciplinarmente e com ética.*

O Erva-Doce é um espaço alternativo que representa uma Associação de alunos da UFRRJ, sendo que estes realizam várias atividades para além do espaço acadêmico formal. Os integrantes do Erva-Doce construíram, ao longo dos anos, uma organização que valoriza a sociabilidade e que contradiz o sistema capitalista e individualista do mundo atual. É verdade que os alunos, que aqui se unem, são na sua maioria pessoas que acreditam em um mundo melhor e em outro paradigma de vida, com concepções humanas, como por exemplo, a agroecologia, alimentação natural, educação ambiental, atividades culturais, dentre outras.

O espaço Erva-Doce é fisicamente pequeno e está localizado em uma zona de contatos com outros grupos, pois, além de fazer vizinhança, interage com os seguintes grupos: agricultura ecológica (GAE), capoeira, permacultura, diretórios acadêmicos e com o alojamento estudantil. Portanto, representa um local de encontro de pessoas da comunidade universitária. Verifica-se que o Erva-Doce não é somente um restaurante de comida natural, é também um espaço físico e espiritual de pessoas que se encontram e realizam atividades

* Material também colhido e condensado por ocasião do evento: fevereiro/2003.

coletivas e sociais. O Erva-Doce possui uma história de construção material e imaterial que vem sensibilizando e tocando o espírito das pessoas que por aqui passam todas os dias.⁴¹

Um espaço de muitos encontros:



... antes, durante e depois do almoço!!!

Restaurante Erva-Doce – MAR./2003.

Concomitante à inauguração dos prédios centrais da nova UFRRJ em 1947, é inaugurado um restaurante que funcionava juntamente com uma padaria, tendo como propósito o fornecimento gratuito de alimentação para professores, funcionários e os quatrocentos primeiros alunos, aproximadamente. Dito isto, vejamos o relato que complementa esta nota:

Quando a Universidade foi inaugurada, a comida era feita na cozinha do Restaurante, onde, hoje, funciona o Erva-Doce. O alimento era produzido na própria Universidade. Em 1965, o Restaurante foi desativado. A padaria ainda durou algum tempo,

⁴¹ Carta escrita por integrante do grupo Erva-Doce (material colhido e condensado por ocasião da semana cultural realizada em fevereiro/2003).

mas, ainda em 1965, deixou de existir. Este local passou muito tempo abandonado até a atuação do grupo Erva-Doce hoje em dia. Nessa mesma época o Restaurante foi substituído pelo RU (Restaurante Universitário), construído em 65.

(Sr. José Bahia: engenheiro agrônomo e funcionário da Prefeitura Universitária. Admitido em 1953).

Mais adiante e, originalmente, o local onde hoje está localizada a sede da Associação Erva-doce foi ocupado, inicialmente, por um restaurante particular de comida “natural” chamado Arrozen. O restaurante contava com três funcionários fixos: Sérgio (o proprietário), Lurdinha (cozinheira) e Geraldo (ajudante de cozinha). Isso estabelecido, desenrolou-se no seguinte desfecho: durante o horário de almoço, quando a demanda de mão-de-obra era maior, os então alunos Rafael Leite* (Engenheiro de Alimentos 92/I) e Elisabeth (Engenheira Química 92/I) fizeram um acordo com o proprietário; trabalhariam servindo os clientes em troca de suas respectivas refeições.

Implicado por problemas de ordem gerencial e pessoal, o restaurante não pôde continuar suas atividades, sendo “abandonado” pelo proprietário. Desse modo, questionados pelos antigos freqüentadores que buscavam uma alimentação de qualidade, Rafael e Elisabeth decidem reunir esforços e pessoas dispostas a reabrir o restaurante. Assim, no dia 4 de abril de 1994, na residência do professor Alexis (Departamento de Geologia) foi realizada a primeira reunião no sentido de objetivar um novo rumo para a Associação. Estavam presentes na reunião Rafael Leite, o proprietário e outros seis alunos de diferentes cursos. Ao término das conversações ficou acertada a abertura do restaurante para 11 de abril e o pagamento de um aluguel pelo material existente. Entretanto, inesperadamente, dia 6 de abril, a Senhora Glória, esposa do proprietário e acionista majoritária procurou os alunos e os informou da impossibilidade da reabertura do restaurante, alegando o fato de ela não ter

* Um dos precursores da Associação Erva-Doce e freqüentemente lembrado pelos seus sucessores.

sido consultada, e que os alunos também não teriam capacidade de se organizar para gerir um negócio daquele porte. Nesse dia, no entanto, a Senhora Glória deixou o grupo e afirmou que iria colocar um sobrinho para administrar o restaurante. Por ironia do destino, a reabertura do espaço pelo sobrinho não perdurou mais que sessenta dias. Portanto, e não sem razão, as pessoas, que foram informadas sobre os planos e ideais dos alunos e sobre o modo como a efêmera reabertura se sucedeu, tornaram-se solidárias a eles, realizando um boicote não institucionalizado ao restaurante. Nesse período de impasses, Rafael viajou com destino à Universidade de Viçosa e tomou conhecimento da existência do Alfa, um restaurante de comida “natural” administrado sob a forma de Associação por estudantes da instituição. Oportunamente, Rafael participou de uma reunião de grupo em 19 de abril de 1994 e obteve os projetos de estatuto do grupo Alfa, imaginando que algo, naqueles moldes, poderia ser instituído na UFRRJ.

Após a tentativa fracassada de reabertura do restaurante por seu sobrinho, a Senhora Glória aceitou sentar-se à mesa de negociação para ouvir a proposta do grupo – novamente organizado e, agora, mais fortalecido! Por este caminho, somaram-se mais alguns alunos ao grupo da formação inicial, entre estes Rodrigo Barcelar (Agronomia) e Marcelo Durão (Agronomia). A primeira reunião deste grupo mais recente ocorreu em 6 de julho de 1994, ocasião em que ficara decidido que o restaurante seria reaberto sob administração exclusiva dos alunos no dia 20 de julho (dia da amizade) de 1994. Inaugurada efetivamente a Associação Erva-Doce, ficava por ser destacada uma peça-chave: a arte culinária. Foi então que a antiga cozinheira (a Lurdinha) foi convidada, merecidamente, a trabalhar com o grupo, de forma que houvesse uma pessoa efetiva para distribuir as tarefas relativas à elaboração do almoço. À luz das exigências, Lurdinha estaria qualificada, também, a responder ao moderado gosto dos convivas. Decidiu-se ainda que, após um período de experiência inicial, seria fixado um valor e um prazo para o pagamento dos equipamentos aos antigos proprietários.

Ao ritmo de um ideal perseguido, a semente germinava. Vários alunos haviam-se juntado ao grupo que já contava com cerca de 15 pessoas. Conseqüentemente, durante um período de muito trabalho, foram discutidas as bases do estatuto; portanto, ficou estabelecido que a Associação não teria fins

lucrativos e que a única “remuneração” do associado seria sob a forma de refeições, considerando, pois, a parcela de horas trabalhadas pelo mesmo. Agora, com o estatuto aprovado, a Associação passou a ter um papel muito mais amplo do que o fornecimento apenas de refeições, ou seja, cabe aos seus integrantes esclarecerem sobre a importância dos hábitos saudáveis de alimentação bem como promoverem eventos culturais de um modo geral. Nesse quadro de interações, a Associação Erva-Doce vem mostrando que “é possível unir pessoas com pontos de vista diferentes para, juntas, alcançarem objetivos comuns, através de discussões, construtivas”⁴². Em seus dez anos de existência, a Associação já contou com a colaboração de vários professores e teve como associado cerca de 135 alunos oriundos dos diferentes cursos da Universidade, que deixaram e levaram experiências importantes.*

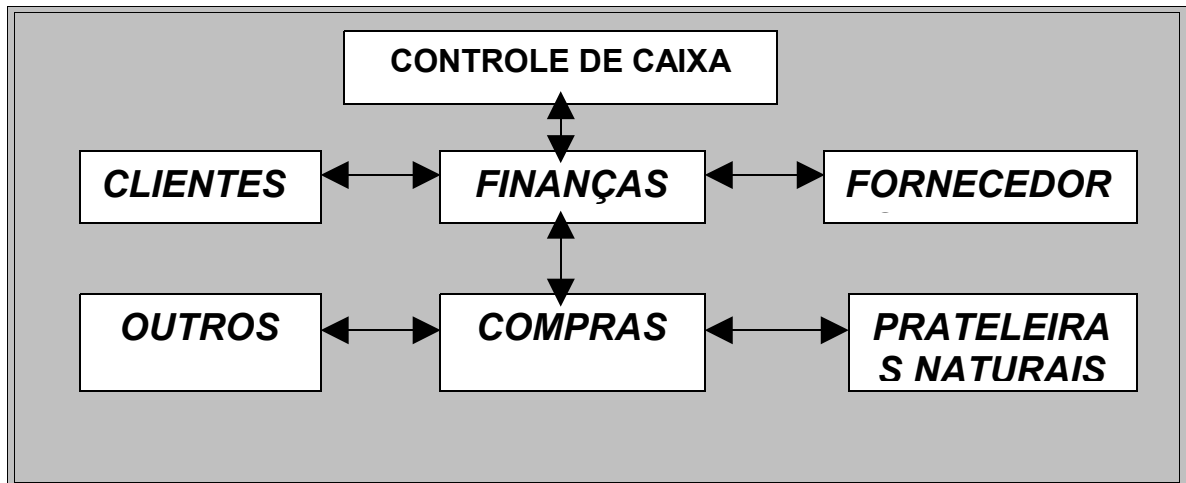
- **Sobre as comissões de trabalho**

Neste âmbito, cada comissão fica sob a responsabilidade de um associado e/ou postulante* designado em assembléia e/ou reunião. Inicialmente, a comissão de FORMAÇÃO trata da promoção dos aspectos educativos e culturais, isto é, procura divulgar e dinamizar o Erva-Doce não somente pela via do trabalho, mas pelos seus diferentes projetos socioculturais, considerando, por efeito, a integração de seus associados com a comunidade universitária. A comissão de FINANÇAS faz a intermediação entre os clientes e as oficinas desenvolvidas freqüentemente. A título de ilustração, eis um quadro demonstrativo:

⁴² LEITE, Rafael et al. (1998). Associação Erva-Doce. II Mostra e Seminário de Extensão da UFRRJ, nov., p. 87 (24 alunos foram relacionados como responsáveis por esta comunicação).

* Este material é a soma de textos, questionário, ata da assembléia de fundação do Erva-Doce e parte de outros documentos fornecidos respectivamente pelo ex-aluno Rafael Leite P. de Andrade e pelo aluno Diógenes (associado e ainda atuante). Destarte, o texto foi dirigido à luz de um exame condensado. Cf. por exemplo, objetivos e princípios gerais da Associação na ata de fundação transcrita em 12/12/1994.

** Sobre as características representativas dos associados e postulantes é interessante notar algumas predicções destacadas no estatuto do Erva-Doce, embora parte dos Artigos venha sofrendo constantes revisões ao longo dos anos; portanto, veja-se o resumo dos seguintes Artigos do Capítulo II: Artigo terceiro: o Erva-Doce é constituído por associados fundadores e postulantes que a partir da fundação se propuseram a participar de suas atividades sociais [...]. Artigo quarto: para ingresso posterior no quadro social, o postulante, obrigatoriamente, terá que se apresentar a qualquer assembléia geral, onde colocará suas intenções com relação ao grupo [...]. Artigo quinto: todas as admissões de associados serão recebidas somente após o referendo da Assembléia Geral sendo necessário no mínimo dois terços do quadro social para aprovação de cada novo sócio [...]. Uma outra categoria, não esquecendo, é a dos AMIGOS: freqüentadores ou convivas habituais, p. 2.



Diógenes (responsável pela comissão de finanças) retrata, com ênfase, que a farinha, o açúcar, o trigo, a soja, o queijo e os cereais em geral são comprados pelo Caio (associado e responsável pela comissão de compras) numa loja de produtos naturais em Niterói – “O Homem da Terra”. E com um tom lisonjeiro de quem não hesita em resgatar a memória, diz Diógenes: Rafael também comprava lá!

As comissões do PÃO E PIZZA e do PASTEL procuram estabelecer o controle da produção e do estoque, tal como se destacam na oferta e dinamização das oficinas de produção*.

Amassando a massa, os protagonistas do pão

* Conforme a ata de reunião de 23/01/2003, a comissão de pastel realizará oficinas às quartas-feiras sob os cuidados de Leonardo e Nina (associados). Este produto - também a pizza... -, é consumido mais frequentemente no período da tarde e no lanche da noite, pois o Erva-Doce funciona propriamente dito das 12:00h às 22:00h, “cumprindo o horário oficial de almoço da Universidade”: de 12:00h às 13:00h; entretanto, o almoço do Erva-Doce pode se prolongar um pouco mais caso a comida não se esgote – considera-se aqui o número de pessoas que deram os seus nomes até às 12:00h e a oferta das 45 refeições diárias – ou os clientes (amigos), associados e postulantes não tenham nenhum compromisso acadêmico... após as 13:00h. Hoje, janeiro/2003, almoçam diariamente no Erva-Doce uma média de 15 associados e 30 amigos.



operam a sua arte; arte e trabalho, arte do pão...

Denúncia, irreverência, autonomia, pertencimento e poesia.

(Fábio-careca, aluno do curso de Zootecnia e associado do Erva-Doce. Orientando a oficina do pão por ocasião da Semana Cultural do Erva-Doce. JAN./2003).

Ao conversar com o Fábio (careca) constatei uma enorme afinidade deste associado com a filosofia do Erva-Doce. É retratada, notoriamente, nas atas de reunião e/ou assembléia do Erva-Doce, a necessidade de os postulantes e associados – antes de tudo – terem maior união e disposição para trabalhar. O ideal (retrata a assembléia geral de 25/07/2002) é que a pessoa tenha o espírito do Erva-Doce. E é com esse espírito – extensivo à maioria do grupo – que Fábio relata sua experiência em relação às fímbrias do pão. Então, diz Fábio:

... é bom estar num ambiente de troca e diferentes culturas. Dentro da Universidade isso é muito importante, a socialização, o espírito de grupo. Antes da Universidade, é um estágio de trabalho, de

vida. A raiz está na alimentação e no amor para trocar... Como dizia o poeta Chico Saien:

*com a barriga mais
cheia comecei a pensar:
posso sair daqui pra
me organizar; posso sair
pra desorganizar. Da lama
ao caos, do caos à lama. Um
homem roubado nunca se engana.*

Acho que tem muito que pensar sobre isso!

Roubado de cultura, de comida – o corpo roubado.

No contexto do ideal político, por assim dizer, um misto que inclui razão e sensibilidade circunda, de forma incontestada, essa primeira parte do relato de Fábio. Todavia, ao utilizar aqui a poesia convocada por Fábio, por exemplo, não estou a excluir do exercício analítico o desígnio da razão, definitivamente, mas, sim, tentar encontrar à luz da experiência sensível – ou se preferir, da experiência subjetiva –, outros caminhos que respondam ao exagero da razão: o racionalismo que responda à sentença do realismo social: o concretismo. Utilizando as palavras de Melucci é pertinente complementar:

... eu me interesso pela dimensão pessoal da vida social porque estou convencido de que as pessoas não são simplesmente moldadas por condições estruturais. Elas sempre se adaptam e dão um sentido próprio às condições que determinam suas vidas. Eu acho que, provavelmente, esta idéia está

ligada à minha experiência pessoal: eu cresci em um família de classe operária, em ambiente de classe operária e sempre percebi que as pessoas não eram somente exploradas e submetidas à dominação. Elas criavam formas próprias de interação no interior das condições estruturais em que estavam estruturadas [...]. Eu sempre tive um interesse profundo pelas emocionais porque não me considero apenas um indivíduo racional. Eu sou profundamente consciente das minhas experiências corporais, emocionais e afetivas enquanto pessoa, e acredito que esta parte da experiência humana foi completamente removida do paradigma ocidental dominante, das filosofias generalizantes etc. Não é por acaso que os movimentos de mulheres e de jovens trouxeram esta dimensão de volta para a esfera pública, para o discurso político, transformando um assunto até então privado, em uma questão inserida no debate público.⁴³

Destarte, outros olhares talvez nos permitam descortinar o que se encontra nas entrelinhas dessa experiência plasmada a partir de uma biografia. Desse jeito, o amor e a poesia (sem cerimônia) ancoram em espaço aberto aos anseios dos alunos, a um projeto de vida frugal, à luta por baixo, contudo, com o sabor do diálogo e autonomia. Espaço Erva-Doce: palco de luta contra a cultura roubada, a burocratização do saber e por extensão, da Universidade.

⁴³ MELUCCI, Alberto (1994). Movimentos sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento – Entrevista a L. Auritzer e T. Lyra. In: **Novos Estudos Cebrap**, p. 153.

Com efeito, é aqui que a experiência sensível parece possibilitar uma ação política e apaixonada, desburocratizada e reveladora de novos significados e orientação para a vida individual e coletiva. Como diz Melucci: afinal, se não houvesse paixão, por que alguém se importaria em transformar alguma coisa?⁴⁴

O caminho para dialogar com essa indagação foi, como vimos, a poesia..., na qual o aluno expõe suas inquietudes no sentido de comunicar o seu jeito de estar no grupo, de “estar-no-mundo”. Na segunda parte do relato de Fábio destaca-se um forte sentimento de pertença e, por correspondência, o fulcro da construção identitária. Vejamos:

... aqui é o lugar da sociedade alternativa, do valor ao humano... Aqui as pessoas são respeitadas e não há oposição baseada no poder e sim, no diálogo. Estou aqui há seis anos e ninguém veio saber o que acontece ou se estamos precisando de alguma coisa. A minha sensação de perda é mais de sair desse espaço do que da vida acadêmica, formal.*

De volta às cercanias do PÃO torna-se oportuno focalizar um breve cenário histórico a respeito desse alimento de elevado simbolismo. No crivo da polida descrição há cerca de 1.500 a.C., o emprego da levedura, em terras do Egito, é condição essencial para o regime alimentar do povo. Sobre o elemento estético, em particular, os pães tinham formas variadas: eram redondos, ovais, triangulares ou cônicos. Preparavam-se esse alimento –

⁴⁴ Idem, ibidem, p. 160.

· Embora seja interessante o ressentimento de Fábio quanto à apatia e falta de presteza dos Decanatos... em relação ao Erva-Doce, esse discurso, no entanto, não chega a ser consensual entre os integrantes do grupo, pois uma ajuda “oficial” poderia comprometer a autonomia do grupo. É possível reforçar este argumento com o que nos diz em “questionário”, o ex-aluno Rafael Leite: “sempre fizemos questão de não pedir auxílio à direção da Universidade com medo de que isso tirasse a nossa liberdade de crítica e nos atrelasse a uma linha política da administração”.

“performativamente” – para os rituais mágicos e litúrgicos, comenta Edda Bresciani⁴⁵. Nesse curso, sustenta-se também o fato de que a alimentação greco-romana, numa época arcaica, era muito provavelmente à base de cereais, por isso – e não fora sem motivo – “Homero chamava os homens de comedores de pão”. De igual forma, ao longo da toda a Antigüidade, a civilização mediterrânea foi representada como sendo o mundo do pão ou dos cereais que servem ao seu preparo⁴⁶. Mais adiante, na França do século XVIII, existia uma grande preocupação com o risco de sublevações populares devido à escassez de pão. Nesse quadro, legisla-se cada vez mais sobre o processo de comercialização, com objetivo de assegurar os estoques dos grãos franceses. Assim, em linhas gerais, no final do século XVIII a problemática do pão passou a ser encarada com prioridade, tanto na esfera “política como no plano agrícola e nutricional”⁴⁷.

No curso de todo século XIX houve um desenvolvimento mais acentuado na comercialização dos gêneros alimentícios e no “emprego de novas técnicas para preparar e conservar os alimentos”. Dito isto, pode-se acrescentar:

para aumentar sua produtividade, a indústria – em particular a europeia – procura novos sistemas de acondicionamento para os produtos alimentares mais correntes, tais como o pão e o vinho; além disso, empenha-se para que as antigas técnicas artesanais de conservação dos alimentos – na sua maioria, perecíveis – se adaptem às suas exigências sem prejudicar a higiene.⁴⁸

Levando os pães ao forno mecânico. Assim, a cozinha do Erva-Doce
⁴⁵ BRESCIANI, Edda (1998). Alimentos e bebidas do antigo Egito. III. FLANDRIN, Jean-Louis et al. (org.). **História da alimentação**. *Op. cit.*, p. 71.

⁴⁶ GROTTANELLI, Cristiano (1998). A carne e seus ritos. In: FLANDRIN, Jean-Louis et al. (org.). *Idem*, Ibidem, p. 121.

⁴⁷ FLANDRIN, Jean-Louis et al. (1998) (org.). Sexta Parte – os tempos modernos. *Idem*, p. 537-538.

⁴⁸ PEDROCCO, Giorgio (1998). A indústria alimentar e as novas técnicas de conservação. In: FLANDRIN, Jean-Louis et al. (org.). *Idem*, Ibidem, p. 765.



entra na corrida da modernidade sem cair sob o peso do produtivismo comercial; sem apagar a arte de amassadura, o cuidado artesanal. Hibridismo cultural? Sim – um arranjo hábil de conjugar experiências entre mundos. **(Fotografia de Julio na cozinha do Erva-Doce: aluno do curso de Física e associado do Erva-Doce).**

Lembro-me, por força contextual, da atenção e do respeito desses jovens (Fábio-careca e Julio) dirigidos à cozinheira oficial do Erva-Doce: Lurdinha. Paraibana discreta e de notável simplicidade, traz em seu curriculum de vida os ingredientes da arte culinária: combinação de dedicação, prazer e sabedoria popular. E na oficina do pão, Fábio não hesitou em destacar:

... farinha de trigo integral, óleo..., açúcar mascavo...,
fermento biológico... ralar na peneirinha..., espera
crescer de 40 a 45'. Uma bandeja pequena e uma
coisa importante: o aviso da Lurdinha!

De forma geral há no espaço Erva-Doce, uma rica troca de experiências entre os alunos e a Lurdinha. Por efeito, abre-se um coro reflexivo sobre a intersecção entre Universidade (educação) e sociedade. Antes de retomar este assunto, vale ainda dizer:

... em razão de seu papel fundamental na alimentação, a panificação é uma das primeiras atividades artesanais a conhecer tentativas de mecanização que se aplicam tanto na fase de amassadura, a mais penosa, quanto na fase de cozimento, outro gargalo de estrangulamento no âmbito do ciclo produtivo. Tais esforços esbarraram na complexidade do trabalho de amassadura das farinhas; com efeito, é difícil aperfeiçoar máquinas que sejam capazes de substituir os hábeis movimentos da mão humana e, por conseguinte, obter bons resultados qualitativos e quantitativos. Não obstante o grande número de experiências efetuadas no decorrer desses dois séculos, somente em 1925 é que alcançou sucesso a fabricação de uma amassadeira adaptada a todos os tipos de farinha e realmente competitiva em relação ao trabalho manual.⁴⁹

Nesse quadro, por exemplo, a educação na sociedade contemporânea não pode ser medida pela formação universitária que se volte tão somente para

⁴⁹ PEDROCCO, Giorgio (1998). *Idem, Ibidem*, p. 766.

a competência do domínio técnico-instrumental. Da mesma forma, a Universidade e a educação não devem ser pensadas apenas pela dimensão da economia; a economia e a técnica podem até transformar a Universidade e a educação..., mas as transformarão em Universidade e educação da técnica, da economia, por assim dizer. Experiências análogas a este tipo de Universidade são comprovadas claramente segundo a prática emulativa dos setores privados de ensino. Em complemento, soma-se ao ideário empresarial a pouca autonomia dos docentes... sobre a discussão e tomada de decisões acerca do papel da Universidade frente à corrida do lucro pelo lucro. Portanto, parece ser coerente pensar a Universidade e a educação à luz da cultura, capazes, porém, de produzir, concomitantemente, a cultura erudita e popular (ou da tradição), a ciência e o saber interessados; capazes de difundir e socializar o conhecimento rico em significados. Mas o mais importante para que o conhecimento ultrapasse a sua linguagem mais “comum” – e revele maior significado –, é o constante exercício da experiência sinestésica, “esta capacidade de migrar de uma linguagem para outra”, diz Renato Janine Ribeiro, e acrescenta: esta linguagem “é o que mais falta hoje, até aos artistas...”⁵⁰. E para retratar o sentido da experiência sinestésica, Renato Janine utiliza uma interessante analogia a fim de ilustrar a passagem de um Fellini pouco motivado a ver filmes. Ei-la:

numa entrevista que li de Fellini, por volta de 1970, dizia ele que assistia a poucos filmes. Não se inspirava, para filmar, em outras imagens de cinema. Lia, sobretudo – e assim lhe vinham à mente as imagens. Sua criação era o que podemos chamar sinestésica, isto é, uma constante migração de uma forma de aisthesis, de percepção, para outra. Isto distingue os grandes artistas, os melhores criadores: a capacidade de freqüentar várias linguagens e de

⁵⁰ RIBEIRO, Renato (2003). **A universidade e a vida atual**: Fellini não via filmes, p. 56.

traduzir uma em outra [...]. É o que Fellini entendia quando, mais que ir ao cinema, lia.⁵¹

Em vista desse contexto, penso que a proposta (ou filosofia) dos integrantes da Associação Erva-Doce é dotada de grande virtude: ultrapassa o pensamento e a ação fragmentados e limitados ao academicismo técnico-burocrata. Ao contrário de algo estático, o projeto desses jovens resulta desde sempre – e sobretudo – de uma rede de informações que envolve os de dentro e os de fora, diferentes pessoas, idades, culturas e saberes. Uma proposta, portanto, que combina ciência, arte, sonhos e realidade. Ou ainda:

... a Associação Erva-Doce começou com menos de dez associados que eram como vocês: pessoas superocupadas com suas provas, estágios, projetos, congressos, centros acadêmicos, DCE, etc. Pessoas que achavam que a Universidade não deveria ser apenas um colégio de terceiro grau. Pessoas especiais que queriam construir um espaço muito especial aonde pudesse abrigar todos os seus sonhos de liberdade e democracia.

(Ex-aluno Rafael Leite de Andrade)*

Por correspondência, o apreciado nas linhas anteriores parece estar bem próximo da persuasiva resposta de Edgar Morin a J. Ardoino. Notemos o comentário em entrevista:

⁵¹ Idem, p. 56-57.

^{*} Trecho de uma carta escrita por Rafael diante das informações (notícias) ouvidas sobre as dificuldades do grupo mais recente em pagar as dívidas do Erva-Doce, e, pois, o salário da Lurdinha. Essa notícia também foi destacada e discutida na ata de reunião de 27/11/2002.

J. ARDOINO: você rejeita, com justificativa, a instituição educativa naquilo que ela leva consigo de esclerosante. Mas a função educativa ultrapassa muito largamente essa instituição. Não é a cultura, finalmente, tomada no seu conjunto, que na sua visão é realmente educativa?

E. MORIN: plenamente de acordo. A esse respeito, estamos no caminho. A formação permanente, a educação dos adultos fazem também parte desse conjunto. Sempre pensei que a ascensão ao conhecimento era muito arbitrariamente detida em certas idades. Com a revolução, a educação deve ser permanente. Se ela não encontra a seiva original, definha [...]. Podemos ter as mais belas instituições, mas elas não são suficientes para suscitar a vida que a deve animar. Tome para a democracia o exemplo de certos cantões suíços. É preciso seiva, que é completamente diferente de acumulação do saber, que é, no fundo, aventura humana. Desse ponto de vista, o fenômeno do conhecimento, os processos educativos são fenômenos propriamente antropológicos que não saberíamos enquadrar neste ou naquele setor. A

cultura é um laço orgânico entre a educação e a antropologia.⁵²

Sem correr com sua obra, continuam então os moços



recorrendo à tradição. Arte da amassadura, expressão do bom labor, um jeito de esculpir o dom, o gosto e o pão – JAN./2003.

E do trigo em versos tônicos, eis os

*Andei sabendo por aí
que a cozinha da Lurdinha...
não se arreda fácil não,*

⁵² Educação e complexidade: diálogo com Jaques Ardo *inteligência da complexidade*, p. 194-195.



*tem história e manifesto...,
romantismo e poesia
na cultura do artesão.
Andei sabendo por aí,
nas conversas de verão...,
nos murais da formação.*



Comissão de Formação:



um apontamento sobre a metáfora da duplicidade curricular.

(Alex, aluno do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas e associado do Erva-Doce; Ana Carolina, aluna do curso de Economia e também associada – JAN./2003.

Formação e “currículos” paralelos: diferentes valores. Assim, uma notável parcela dos relatos emitidos pelos alunos anunciam um certo mal-estar quanto à falta de sintonia entre a “Universidade de cima” e a “Universidade de

baixo”*. Parece-me, pois, pelos sinais das evidências, que o uso metafórico dessas duas Universidades justifica, de algum modo, a existência da fragmentação do conhecimento... e, com efeito, a necessidade de uma honesta e profunda revisão da filosofia e dos procedimentos que orientam o ensino acadêmico em sua versão oficial. Não nos devemos esquecer – com todo respeito ao exercício da docência, à autoridade e à importância do professor ou cientista –, de que os alunos, em sua maioria, são importantes protagonistas e não coadjuvantes da Universidade. Embora não tenha o caráter literal – como pronunciei há pouco –, não é moralmente aceito pelos alunos que o currículo formal, a prática “democrática” em sala de aula e a “produção própria do conhecimento” “ofertados” pelo “lado de cima”, tenham pouca (ou nenhuma, em certos casos!) conformidade ou sintonia com a experiência cultural operada lá do “lado de baixo” – no “Porão” fervoroso da Universidade, no terreno da ilegalidade virtuosa. Para que seja atendida uma inexorável parcela acerca dos anseios dos alunos e, por extensão, de uma soma significativa dos demais atores da Universidade, creio ser importante – e aqui estou a me apoiar na percepção dos alunos – começar pela substituição consciente da depreciada política de poder (espalhada emblematicamente em alguns setores da Universidade) pela política de idéias. Vejamos agora alguns relatos que dizem respeito ao que venho apreciando. Em valioso relato a mim concedido por escrito, o ex-aluno Rafael Leite nos diz sobre um acontecimento que se deu próximo de 2000:

alguns decanos de assuntos estudantis usaram o fato de que o espaço não está formalmente cedido para a Associação como meio para nos fazer aceitar que atuássemos com o “bandeião” durante alguns períodos de férias. Tentei fazer uma espécie de

* A expressão “Universidade de cima” é aqui por mim considerada no propósito de denotar a Instituição Universitária Legal e seu percalço: o cientismo (visão fechada da ciência), o pragmatismo técnico e a tecno-burocracia, a neutralidade de alguns professores – refiro-me àqueles vinculados às áreas de predomínio técnico – em relação aos seus objetos de estudo e à dificuldade destes em lidarem com a alteridade. Com outro formato e não isenta do processo de interdependência, a “Universidade de baixo”, por assim dizer, germina e atinge a maioria juntamente com os grupos alternativos. Daí, a Associação Erva-Doce e seu projeto cultural, por exemplo.

convênio com a UFRRJ onde ela nos cederia o espaço, mas a equipe jurídica da instituição não foi favorável.

Em uma época mais à frente, o professor Marcos Antonio da Silva Batista, decano de assuntos estudantis, “responde” ao problema levantado por Rafael Leite considerando o intrincado processo que envolve e paralisa a experiência social. Em gentil recepção em seu gabinete, o professor Marcos respondeu às minhas perguntas, cujo trecho mais oportuno destaco por força contextual:

o processo burocrático é maior que o processo cultural. A questão legal mais a auditoria impedem, travam o olhar do desenvolvimento social. O Erva-Doce faz parte da história, da cultura da Universidade; contudo, deveria existir amparo legal.

Aqui não temos documentos.

Nesse âmbito, a pergunta que fica parcialmente em aberto é a seguinte: diante da burocratização do mundo da vida, como ficaria a autonomia conquistada pelo grupo frente à insidiosa legalização da Associação Erva-Doce?

Ainda que o professor Marcos pense, generosamente, numa forma de amparo legal e deva ter suas razões para tal, tudo indica, portanto, que a percepção dos alunos concorre para a inconsútil legitimação da associação, e não para a possível legalização, combinadamente. Em linhas gerais, parece já ser bastante o modelo cartorial que rege o ensino universitário no país.

Sobre o paradoxo da agregação e outros fundamentos:

... a Universidade não proporciona a interação; a Universidade quer formar e pronto! Mas os alunos aqui ficam soltos, e isso leva à busca do coletivo, dos espaços de construção.

**(Suya: associado do Erva-Doce e aluno do curso de
Agronomia)**

A educação tem falhado... A própria Universidade desagrega os alunos e as pessoas estão muito individualistas. A grade curricular é diferente do que aprendemos e fazemos aqui. Os espaços alternativos – o Erva – ... permitem a agregação.

(Alex: associado do Erva-Doce)

Sobre a tão sonhada autonomia e (re)significação do conhecimento: ainda o coração angustiado.

... A construção do conhecimento lá da instituição já vem pronta. Um exemplo disso é o experimento da física... Nas salas, predominam o treinamento onde as pessoas estão preparadas para ouvir e não para participar.

(Aluno integrante do grupo dos teóricos)*

Ou ainda:

... muitos de nós estamos sujeitos a acabar como os
nossos professores: criando o isolamento como defesa.

(aluno integrante do grupo dos teóricos)

Engraçado! Andam dizendo, e também tenho lido, que há gente em ampla escala, e nem sempre com cuidado, decretando o fim da história e, que na pós-modernidade a realização do desejo utópico é algo irrealizável, é coisa de poeta – como se a poesia fosse fumaça”, lembra Morin. Embora reconheça a ocorrência de mudanças significativas ao longo da história, por exemplo, a transformação da família, a violência urbana e no campo, a crescente burocratização das instituições ou o utilitarismo em vários setores e dimensões do ensino (o lado feio da vida e da Universidade...), e, por aí, a sensação de esgotamento da energia utópica que circunda os nossos dias, fazendo tudo isso no entanto parte da dinâmica social, tenho todavia a sensação de que as pessoas estão frequentemente buscando um modo de tornar possível as utopias: algo que ainda não foi realizado. Nestes termos, a construção de um ambiente favorável ao exercício do pensamento democrático é o que incessantemente tem sido perseguido por todos aqueles cujos sonhos e generosidade representam os antígenos contra os corações angustiados.

Nesse contexto, torna-se oportuno acrescentar o que nos diz o antropólogo Hugo Lovisoló sobre a idéia de democracia pessoal e de relações democráticas interpessoais.

** Com “sede” no primeiro andar do sexto alojamento, este grupo reúne alunos de diferentes cursos da Universidade e regiões: Rio Grande do Sul, Norte, Nordeste e outras. As reuniões, para esses alunos, pautam-se em assuntos sérios que normalmente não são discutidos nos espaços formais. Reunidos em um quarto, o colóquio costuma iniciar às 19:00h e se estender até a madrugada. Os alunos fazem questão de ressaltar a necessidade da discussão independente da classe social ou condição financeira e da região de origem dos companheiros. Assim, respeitar a idéia e a cultura do outro, desaprovar a banalização do conhecimento e rejeitar qualquer forma de violência, é o lema do grupo. “Nós nos baseamos num projeto de solidariedade, por isso, aqui é um momento de partilharmos experiências de amizade”, diz um integrante do grupo.

Entendo por democracia pessoal, em seus mínimos termos, a construção de um sujeito autônomo capaz de escolher, a partir de avaliações razoáveis, as atividades e associações nas quais quer participar. Entendo por democracia interpessoal um tipo de relacionamento não condicionado legalmente, um relacionamento que se processa na base do reconhecimento mútuo da autonomia, das afinidades e disposições, sobretudo emotivas, e o estabelecimento de acordos, de contrato, de parcerias.⁵³

Ainda na trilha de Lovisolo: avaliações razoáveis, interesses comuns, disposições emotivas, acordos. Eis alguns elementos constitutivos da Luta por Baixo! Por conseguinte, diante da entropia social, a reflexividade: condição para a neguentropia social, portanto, novas agregações. Dito dessa forma, vale apreciar:

sobrevivemos através dos esforços de vários colegas que passaram pela Rural e deixaram muito do seu suor e trabalho. Entre os integrantes do Erva-Doce, normalmente, estavam os estudantes mais ativos da UFRRJ, pessoas que entenderam que na Universidade se aprende muito mais do que Física, Química ou Matemática, que participaram de Grupos como o GAE, Diretórios..., Capoeira, Teatro e

⁵³ LOVISOLO, Hugo (1995). **Educação física**: arte da mediação, p. 103.

Coral; pessoas que deixaram e levaram muito mais do que o saber acadêmico e não apenas “passaram” pela Universidade.*

Seguindo esse esboço, reitero a circunstância da neguentropia: negação da entropia, logo, possibilidade para a realização das utopias.

Numa entrevista, o professor José Antônio de Souza Veiga relata longa e emocionadamente alguns capítulos de seu trabalho, de sua vida na Universidade. Vejamos, pois, o resumo de algumas notas sobre os sonhos:

... a minha identificação com o campus aconteceu em 1960 quando eu era ainda um menino de seis anos – meu pai me levou para visitar a Rural e eu fiquei deslumbrado!... De lá pra cá foi uma questão de sonho e ideal. Devemos nos livrar da mesmice, e por isso, sonho com um mundo diferente. Por exemplo, o vestibular do interior foi um sonho..., uma outra forma de ver que, em muito, favorece a diversidade na Rural.

Por correspondência, faz-se necessário destacar o que nos diz, também, o professor Antonio A. Garbocci Bruno (Assessoria da Reitoria):

o fato dos alunos, em sua maioria, estarem alojados na Universidade estimula a socialização, as trocas culturais. Isso, vai além da enciclopédia livresca, pois existe uma atenção especial que ultrapassa a

* Trecho da carta escrita por Rafael Leite ao sair da Associação Erva-doce.

expressão técnica... A garotada do Erva é que mais prima por isso.

Relembrando a imagem fotográfica em narrativa ou sobre a “duplicidade” propriamente dita:

trabalhar no Erva faz um diferencial no currículo e na formação da vida da pessoa... Temos colegas que estão se destacando lá fora, pois agregaram valores ao currículo. Vestir a camisa do Erva é se sentir à vontade, em casa; é receber bem as pessoas. O associado é como um dirigente, um educador – por ser assim é que é importante a formação geral e o enriquecimento cultural.

(Diógenes: associado)

Seguem também, a respeito deste quadro, outras evidências enunciativas. Aluno do curso de Zootecnia e ex-associado do Erva-Doce, Rodrigo Muniz, acrescenta o seguinte:

a liberdade que a gente tem conduz a esse tipo de relacionamento mais espontâneo. O espaço contribui para uma visão crítica da vida – um contraste com a filosofia pragmática do curso de Zootecnia.

Leonarda, que vem há tempo, aquece as linhas abaixo com emocionado relato:

*o motivo que me faz ser integrante e interagir com o grupo não foi de ser apenas uma teórica, mas sim, vivenciar essa prática-coletiva: valores de honestidade..., consciência..., a fluidez. (Nesse momento, uma observação solicitada por Leonarda):
quantas provas que você estuda, que você faz e não tem muita relação com a prática coletiva, com a sensibilidade... Isso não é só eu que estou falando!*

(Associada do Erva-Doce, faz parte do grupo de Permacultura e é aluna do curso de Engenharia Florestal)

Em primeiro plano, a Universidade parece, ainda, preservar a mania de ser uma viva lembrança da razão legislativa. Atentos ao regime de verdades, os legisladores do saber – em boa margem – concentram-se em organizar (de forma unilateral) comissões para rever estatutos, regimentos, currículos, etc. Em razão disso, indago: seria prudente a mudança de programas e currículos sem antes mudarmos a nossa maneira de ver as nossas atitudes? Afinal, os programas e currículos são idealizados e construídos mais em função do corpo docente ou discente?

Em segundo plano, se a tese da democracia é mais prudente (e penso que o seja!), tudo indica ser um bom momento para que a tão sonhada autonomia da Universidade... se transforme numa causa em que os “De Cima” e os “De Baixo” possam, a partir de um diálogo próximo, partilhar seus ideais, objetivos, crenças e valores. Penso, por extensão, que essas duas dimensões da mesma Universidade devem ser observadas em sua “unidade” e à luz do

holofote do bom-senso, da sensibilidade. Assim, dotada de defeitos e virtudes a Universidade Rural faz combinar mundos “aparentemente” distantes com o tom da diversidade, da pluralidade de estilos. Entretanto, o caminho sugerido não é o do pensamento único, pois isso não é aceito por antecipação; o caminho para um melhor entendimento sobre a Universidade ou sobre a metáfora da duplicidade, por exemplo, está em procurar a unidade na ambivalência, na paradoxização. Eis o entorno da Comissão de Formação da Associação Erva-Doce. A mudança, parece-me, está em cada canto: na luta de bandeiras erguidas; na madrugada onde as vozes ressonantes não se curvam tão facilmente na morada do lugar; no silêncio penetrante da poesia de protesto fixada num mural, junto à mesa em frugal reunião para comer, no diálogo de construção, no seio da Rural. Portanto, a primeira, e talvez a mais importante decorrência disto, diz respeito à busca da autonomia por baixo – como já fora apreciado em outro ângulo – e, por esta razão, é preciso que desçamos da Torre de Marfim para compreendermos as mudanças moleculares que interagem no terreno das micro-estruturas, atentando todavia para o fato de que as rupturas não acontecem somente na esfera macro-estrutural. Por sua vez, o enorme debate acerca da Universidade autônoma, tudo indica tem deixado de fora – por descuido, talvez!?! – muitas vozes que clamam pela autonomia em seu formato pluridimensional. Se estou certo em minhas elaborações, preservar e garantir a melhoria da Universidade pública e gratuita na sociedade democrática será a obra e iniciativa de todos, algo cuja marca distintiva tenha a afinação de um coral onde todas as vozes sejam verdadeiramente representativas.

Sobre o quadro de horário e a comissão de FALTAS, a dinâmica de trabalho se processa da seguinte forma: para ter o direito de comer de segunda a sexta-feira, o integrante (associado) deverá completar seis horas semanais. Cinco horas de trabalho disponibilizadas equivalem a quatro refeições e, o mínimo, são quatro horas oferecidas para duas refeições. Todavia, no caso do postulante, esse terá que pagar 50% da refeição, isto é: R\$ 1,50. Assim, de acordo com a disponibilidade, o associado poderá oferecer três ou quatro horas em um mesmo dia. Vejamos nas palavras de Rafael Leite uma exposição acerca desse contexto:

... a motivação inicial para entrada no Erva-Doce pode variar muito, mas a motivação para a permanência da pessoa é sempre a identificação com o espaço. Muitos chegam pensando apenas no prato de comida que ganharão em troca do trabalho, ou então pelas pessoas bonitas que freqüentam o local, mas a maioria acaba se apaixonando pelo ideal; quando isso não acontece, a permanência do associado é sempre breve.

Em sentido próximo, de forma a chamar a atenção para disciplina, considerando o não cumprimento das tarefas por alguns integrantes, decidiu-se por votação na reunião de 23/01/03: a) os associados passarão a comer gratuitamente no máximo três vezes por semana; b) as faltas não serão mais abonadas e os postulantes só serão indicados a associados se tiverem freqüência exemplar – o ideal é que a pessoa tenha o espírito do Erva, diz a ata de reunião; c) haverá balanço semanal de finanças, conclui.

Meditações anarquistas



Espaço Erva-Doce: um convite à literatura de inspiração libertária – JAN./2003.

Por ocasião da semana cultural promovida pela Associação Erva-doce, Robledo (à esquerda – ex-associado do Erva-Doce e aluno do curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas) foi convidado pelos integrantes da Comissão de Formação para realizar uma oficina-palestra sobre Educação Libertária. Em linhas gerais, Robledo tem-se dedicado à discussão do pensamento anarquista no âmbito acadêmico e em sua prática profissional na qualidade de educador... Oportunamente, em visita ao Erva-Doce, eu já tinha feito um breve contato com Robledo, que gentilmente, me falou em alguns poucos minutos: *“me tornei associado do Erva-Doce pela característica do trabalho do grupo: o fato de não ter patrão e ser baseado no processo de autogestão”*. Dito isto pude perceber, nesse primeiro momento, a satisfação do Robledo em externalizar a sua condição de pertencer ao Grupo e, por extensão, poder partilhar de forma contextual os seus ideais. Embora, devo dizer, minha percepção sobre a conversa com o Robledo se justifique apenas à representação desse primeiro contato, e não da totalidade da experiência vivida por este aluno até a sua saída do Erva-Doce.

De volta à semana cultural ou à oficina sobre Educação Libertária, tive agora a oportunidade de observar longamente a exposição de Robledo, como também fui motivado a participar do caloroso debate. Entretanto, contentar-me-ei em relatar e analisar apenas uma parte da oficina... e alguns trechos de outras fontes inerentes ao assunto.

Não com poucos livros espalhados sobre a mesa, Robledo expõe um primeiro tomo para os alunos inscritos na oficina que versa sobre a educação libertária, procurando sublinhar a sua experiência na escola. Reitera também a proposta do Erva-Doce e a relação dos princípios anarquistas com este espaço de construção. Aqui, fica marcante o modo de pronunciar a experiência, com base na autogestão* e sua importância na dinâmica (ou no desenvolvimento) de trabalho do Erva-Doce. Ou seja: “a hierarquia é um grande mal e não oferece um programa de autonomia”, o que se vê é apenas uma forma de organização vertical”, diz Robledo. Por conseguinte, é interessante, agora, fazer um cotejo com o que nos diz Rafael Leite – este sempre notável porta-voz da Associação. Assim, temos:

... sei que o Erva-Doce foi citado muitas vezes pela administração como exemplo de organização estudantil autônoma. As pessoas de fora, que tiveram a oportunidade de visitar e conhecer a filosofia da Associação, sempre saíram muito bem impressionadas [...]. A Associação nos dá a

A categoria “autogestão” será aqui descrita em seu sentido mais estrito, isto é, como concebida na literatura anarquista, contudo, isso não equivale dizer que no conjunto da experiência da Associação haja uniformidade denotativa. Ei-la: “autogestão é por princípio, a comunidade cuidando diretamente de seus próprios deveres e interesses. Para que ela aconteça terá que haver ampla liberdade de organização sem leis cerceantes e hierarquias. Por estes fatos os partidos e legisladores tornam-se desnecessários. Afinal, se as pessoas tomam para si as responsabilidades de gerenciamento de suas vidas, os representantes profissionais e demais poderes são completamente inúteis”. Cf. para este exemplo, o seguinte endereço: [on line] disponível na internet via <http://www.bandaesgoto.hpg.ig.com.br/BEAnarquismo.htm>. Arquivo capturado em 10 jan. 2004, p. 2.

* No mesmo endereço Cf., também, a categoria AUTONOMIA – sem restrições quanto às experiências da Associação. “A autonomia é a condição indispensável para obter-se a liberdade individual/coletiva. Significa o respeito às decisões, vontades, opiniões do indivíduo em relação ao grupo e vice-versa. Por exemplo, caso um grupo decida em prol de determinada ação, os membros discordantes não ficam obrigados a participar da mesma. Para isso não deve haver relações de dependência que impeçam as pessoas de se posicionarem livremente”, p. 3.

oportunidade de determinar, democraticamente, como e quando trabalhar de acordo com as necessidades do grupo. Essa é uma experiência importante e que raramente nos é permitida nesta sociedade. Embora não pareça, é muito mais difícil quando não há ninguém que nos diga como agir. Pois assim, a RESPONSABILIDADE por tudo que fazemos é exclusivamente NOSSA.

Não restam dúvidas que, de forma geral, a recusa peremptória da hierarquia e a prática da autogestão estão fortemente presentes no plano laboral do grupo. De certa forma, tais características são permeáveis à filosofia de vocação anarquista, por assim dizer. Embora esse sentimento não esteja presente ou se manifeste em um bom número de associados – seja pela dificuldade de se posicionarem sobre esse assunto ou por dirigirem suas motivações e interesses para outros contextos –, isso não significa um modo de afastamento efetivo da experiência. Com efeito, é interessante considerar também a “experiência” subliminar: “*é bom trabalhar sem patrão*”, “*sinto que nós temos liberdade para acertar e errar*”. Paralelamente, eis o que, freqüentemente, eu ouvia nas entrevistas; logo, coisas desse gênero podem estar ausentes do “dito” tradicionalmente manifesto por um “bom número de pessoas”.

Há casos, e não sem sentido, em que a ação de denotação anarquista está maximizada e o pensamento (ou percepção) se encontra minimizado. Assim, relato a experiência de Diógenes: responsável pela Comissão de Finanças da Associação. Em um momento tenso e tomado por grande dificuldade financeira, a Associação Erva-Doce dependia de uma solução não demorada e da indispensável união de seus integrantes. Desse modo, em reunião de emergência realizada em 23 de janeiro de 2003, todos foram convocados a dar suas sugestões. Em meio à inflamada discussão, Diógenes lança a sua polêmica proposta: “*que todos nós retornemos a postulantes*”! Em

síntese, por votação, entretanto, decidiu-se pela não aprovação dessa proposta, tal como foram escolhidos outros caminhos para tratar o problema. O mais importante em torno dessa experiência – estou a crer – foi a atitude de resignação do Diógenes; uma atitude, portanto, moralmente identificada com os pilares do pensamento anarquista. Por outro lado, em minhas conversas com Diógenes, não cheguei a perceber qualquer intencionalidade em relação à proposição anarquista. Todavia, entre uma coisa e outra, o que faz sentido e nos desperta são os elementos “contrapostos”, as singularidades. Pois o revelado é o espírito “anarquista” materializado na prática, um modo vivificante da concepção de inspiração libertária que se vai multiplicando nos grupos alternativos, a partir dos vínculos relacionais, das causas ecológicas e estudantis.

Em segundo plano, assim dizendo, pode-se compreender esse “meio-lado” anarquista (ou sua fase paradoxal) segundo o que nos revela Rafael Leite:

... outra coisa importante é a questão da hierarquia.

De modo geral, quando as pessoas encontram um degrau, por menor que ele seja, elas sobem nele e passam a ser tiranos com os que se encontram abaixo. Vou explicar: era difícil convencer os integrantes mais velhos que eles tinham os mesmos direitos e deveres daqueles que acabaram de entrar no grupo (principalmente aqui na Rural com essa cultura de veterano, “bicho”, etc.). Isso inibia os mais novos nas reuniões impedindo que eles pudessem dar suas opiniões (pois não estavam “contaminados” pelos “*sempre se fez assim*” e “*fazemos deste modo desde que entrei aqui*”), por

isso acho que perdíamos um importante fator revolucionário e de mudança do nosso modo de agir. Através do exemplo do líder deve-se lembrar que todos são iguais em direitos e deveres, não importa quem esteja fazendo um mês ou cinco anos na Associação.

Na Associação sempre fomos meio anarquistas à medida que não tínhamos eleições formais que determinassem quem coordenaria o grupo. O líder sempre foi a pessoa que estava mais preparada naquele momento e que tinha iniciativa para isso. E por falar em INICIATIVA, acho que esta é a palavra chave que possibilitou a criação do Erva-Doce, permite sua existência e será responsável pela sua manutenção.*

Discutir a concepção e a prática anarquista no entorno da Associação Erva-Doce merece nossa atenção. Um bom exemplo disso está na cautela de Rafael Leite: *“sempre fomos meio anarquistas!”*. Por essas vias, de um lado está a energia utópica e a prática de orientação libertária e anarquista, por extensão. De outro lado, os elementos contrapostos: os costumes dos veteranos atijando o sentimento de soberania, ainda que coexista o “poder” e a acracia “local”; a forma de organização sem autoridade e sem o Estado e seu modelo de governo formal. É evidente – como venho retratando ao longo do texto – que os integrantes do Erva-Doce agem em grande margem independentemente do sistema administrativo-legal da Universidade e isso contribui notadamente para a prática da autogestão (ou de inspiração

** Trechos das cartas escritas por Rafael Leite intituladas: Minha experiência na Associação e Carta de saída – Para os Amigos que Ficam.

libertária). Por outro lado, quando se está a tratar de um plano mais geral, compreende-se a ausência do Estado e da autoridade que dele se deriva, como algo crucial para a consagração da filosofia anarquista; portanto, a liberdade e a igualdade, segundo esta concepção, só serão conquistadas com o fim do capitalismo e do Estado que o protege. Entretanto, não havendo necessidade de rogar pelo anarquismo em seu sentido literal – uma vez que o seu “meio-lado” já é o bastante para fazer fulgir a prática da autogestão – é que o Estado se torna presente nas vozes empolgadas que reivindicam a manutenção da Universidade Pública. Desse modo, o caráter ambivalente e mediador (articuladamente) que permeia essa experiência também retrata a convivência inusitada de “partidos” “outrora” incompatíveis cujos dogmas se renderam à força dos sonhos, essencialmente.

Recuperando as vozes empolgadas que nos levam à presença do Estado em meio à esta ordem de coisas, vejamos, então, um pequeno trecho da carta escrita por Rafael Leite endereçada à Associação Erva-Doce e aberta à comunidade: “...trabalhamos por prazer e não por dinheiro; queremos uma universidade pública, gratuita e de qualidade”. Aliás, essa juventude, tudo leva a crer, tem dado bons exemplos sobre como viver bem e com as diferenças nos arredores da instituição universitária.

Também aqui e não menos importante, as estratégias utilizadas pelos militantes anarquistas a fim de divulgar o ideal revolucionário por meio da propaganda de protesto têm, de certa forma, uma proximidade com a forma de divulgação do tra

Associação Erva-Doce. Eis alguns cartazes; divulgação das atividades e oficinas realizadas.....



... Assim, as mensagens e ilustrações encontradas nas diferentes formas de divulgação dos eventos acadêmicos, apresentam uma marca especial acerca de muito do que é percebido pelos alunos considerando suas próprias construções, a Universidade e a Sociedade, combinadamente.

Contextualizando o assunto, é possível, por vias análogas, ressaltar o papel da informação ou da imprensa no que diz respeito à mobilização dos anarquistas vinculada à luta pelo Primeiro de Maio (ou pela diminuição da jornada de trabalho) na França do século XIX, por exemplo. Sobre este quadro, pode-se acrescentar:

menos dispendioso, mais flexíveis, cartazes e panfletos permitem uma ação mais descentralizada: proliferam; encontram-se vários exemplares nas caixas dos arquivos departamentais ou do Comissariado de Polícia de Paris. Os anarquistas foram os que mais os usaram [...]. Os panfletos permitem uma expressão mais pessoal, principalmente, quando são manuscritos. Através deles, os militantes se apropriam do discurso oficial e, com uma palavra, aí põem sua marca, aí assinalam sua presença.⁵⁴

⁵⁴ PERROT, M. O primeiro Primeiro de Maio na França (1890): nascimento de um rito operário. In: **Os excluídos da história** – operários, mulheres e prisioneiros. (Cap. 5, 1988:141). Em outro contexto, a título de exemplo, Gramsci procurou entender porque o homem – tomando como referência a experiência italiana – aderiu ao Fascismo e não ao Comunismo. Logo, por meio da imprensa: folhetins, panfletos, revistas e de outras

Sobre as boas vibrações:

... uma marca própria!



A docilização do “anarquismo” à luz da sensibilidade romântica – JAN./2003.

Em primeiro lugar, pretendo realizar nesse espaço um modo de encontro entre as filosofias anarquista e romântica. Aqui, a exemplo da metonímia: uma imagem nos conduz a outra por relações de proximidade. Em segundo lugar, esse modo de encontro é sugestivo de ser compreendido à luz do contexto no qual os conceitos de liberdade e espontaneidade se façam presentes. No entanto, as minhas elaborações à primeira vista serão sintéticas, visto que o tema sobre o romantismo, particularmente, será fonte de aprofundamento em outra parte desse trabalho.

Do ponto de vista cultural, por exemplo, é possível destacar inicialmente a presença de um pré-romantismo: conceito formulado pelo historiador literário francês Paul Van Thiegen. Este estudioso, em 1924, publica em Paris a obra denominada *Le pré-romantisme*. Sendo assim, o pré-romantismo (em sua minoridade) se manifesta a partir da segunda metade do século XVIII como reação ao cânone estético do neoclassicismo. Por sua vez – como já procurei demonstrar em páginas anteriores –, o neo-classicismo fora a mais teimosa

instituições da sociedade civil, como Igreja, escola, teatro, etc. é que Gramsci tentou encontrar respostas para tal ocorrência (este, pois, foi um caminho que lhe forneceu pistas sobre a formação da vontade coletiva).

reação iluminista ao Barroco, ou seja: “uma reação da ordem intelectual contra a exacerbação sensorial do barroquismo e tudo quanto na estética barroca implicava no colapso do senso da medida”⁵⁵. Com efeito e, em grande margem, isso era o que o “intelectualismo iluminista repelia em nome do primado da Razão”⁵⁶. Todavia, fazendo o roteiro dos contrários, como nos diz Franklin de Oliveira, pode-se acrescentar: “o pré-romantismo implicou na revolta do sentimento contra a *Ratio*, na rebelião da emocionalidade contra o império do *logos*. Nele, como no romantismo [extensivo ao período que vai até meados do século XIX – grifo meu], o *Sentio, ergo sunt* substitui o *Cogito ergo sum*”⁵⁷. De outro modo, em fins do século XVIII e no curso do século XIX, reflexos da Grande Revolução de 1789, que aboliu os privilégios da Nobreza hereditária e derrubou os regimes absolutistas, ilustram nas páginas da história os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Nesse momento de efervescência revolucionária, o Romantismo estava rompendo com a tradição clássica e anunciando, pela voz da utopia, o oportuno diálogo com o anarquismo. Daí, o contágio construtivo dos setores populares: o campesinato e os trabalhadores urbanos. Também não mais aceitando os padrões clássicos que orientavam para uma concepção estática do mundo, o novo consumidor de origem burguesa aproveita para divulgar novos valores: apego às tradições nacionais, o gosto pelas lendas, narrativas e leituras de ficção⁵⁸. Em linhas gerais podemos observar, por extensão, o comentário de Franklin de Oliveira:

... a emergência do anarquismo, como filosofia política, é impensável fora do contexto ideológico romântico. Rousseau, com o seu apontegma: “*O homem nasceu livre e por toda a parte vive agrilhado*” criou o clima de idéias que viabilizou o anarquismo. O conceito da liberdade Universal do

⁵⁵ OLIVEIRA, Franklin de (1979). A filosofia do romantismo. In: **Século XIX: o romantismo** – Museu Nacional de Belas Artes, p. 78.

⁵⁶ Idem, p. 79.

⁵⁷ Idem, p. 79.

⁵⁸ Sobre esta ocorrência (e sobretudo o que levou a burguesia ao consumo da obra de arte e ao bom-gosto, outrora somente reservado à Nobreza), Cf. o trabalho de CAMPBELL, Colin (2001). **A ética romântica e o espírito do consumismo moderno**, p. 85-225.

indivíduo e a apologia da espontaneidade humana consagrada pelos anarquistas têm evidentes matrizes românticas.⁵⁹

Entretanto, no berço acolhedor da Revolução estava o romantismo francês e seu terreno contraditório. Assim, inevitavelmente e de forma plural tem-se, de um lado, os romantismos que implicaram na revolta do sentimento contra a Razão iluminista. De outro lado, o liberalismo clássico agrega ao seu plano ideológico “concepções fundamentais do racionalismo iluminista”, tal como a idéia irreversível de progresso e a ordem política que articulava a “Declaração dos Direitos do Homem e os Princípios dos Direitos Naturais”⁶⁰. Isso dito, parece indicar a presença de um movimento romântico dentro de um contra-movimento romântico, ou seja, o primeiro caso a revelar uma posição que ressalta o indivíduo e a liberdade – visto a Declaração dos Direitos do Homem – e, no segundo caso, soma-se ao liberalismo a argumentação racional de John Locke (1632-1704) no sentido de demonstrar a legitimidade da origem da propriedade individual. Ainda neste quadro, vejamos o que nos diz Alino Lorenzon sobre este pensador cujas idéias iriam fecundar todo o século XVIII:

... o direito natural à propriedade privada individual resulta do desenvolvimento da capacidade de iniciativa de cada um. E esse direito deverá ser reconhecido, respeitado e garantido pela sociedade e pelo Estado.⁶¹

Por conformidade, Locke conclui que a falta de iniciativa, por exemplo, leva à pobreza, logo, a pobreza resulta notadamente de um problema moral. E, como elementos constitutivos do problema moral, estavam: a ociosidade, a

⁵⁹ OLIVEIRA, Franklin de. *Idem*, p. 88.

⁶⁰ *Idem*, p. 88.

⁶¹ LORENZON, Alino (1989). Ética e comunidade – a ideologia do individualismo. In: **Síntese – Nova Fase**. Revista n. 45, v. XVII (BH), Jan./Abr., p. 44.

preguiça, o esbanjamento e outros. Com efeito, “*é o trabalho a única garantia do direito de propriedade*” – afirma Locke segundo a abordagem de Lorenzon, que por ora indaga: a discussão acerca deste problema moral aponta para as verdadeiras causas da desigualdade social?⁶²

Sensíveis às contradições históricas, o Romantismo (e, em particular, o francês cuja natureza heróica foi tão emblemática na Revolução) e seu vizinho próximo, o anarquismo, apostam, cada vez mais, em suas singulares bandeiras de orientação, isto é: o predomínio da intuição sobre a razão, a sensibilidade e espontaneidade..., considerando aqui a vertente romântica e seu maior peso conotativo; o vizinho, por sua vez, uma versão mais “flexível” ou erva-doceana conserva o debate contra a burocratização institucional, faz valer a autonomia em seu sentido legitimador, se faz singular no coletivo, é fiel ao exercício do pensamento democrático e ensaia a vida ao ritmo doce das boas vibrações, das utopias VIZINHAS.

Mudando de rumo sem perder a trilha da conjuntura, uma voz inquieta anuncia o resultado da assembléia semanal dos docentes e funcionários: estamos em greve! (diz o anunciante). Em seguida, em tom moderando, ecoa uma nova voz vinda do espaço Erva-Doce:

... o último que sair, não apague a luz.



Dispostos em fileira não-uniforme, nove pequenos recipientes de plantas encontram-se numa pequena área descoberta que faz parte do Restaurante Erva-Doce – **DEZ./2001.**

⁶² Idem, p. 43.

“Às vezes, uma pequenina coisa pode concentrar todas as grandes coisas da vida; não é necessário explicar muito, basta olhar...”

(frase do escritor angolano Ondjaki)*

Repousando em uma poça d’água fertilizada pela lacuna da greve, uma fila de pequena beleza natural inunda o silêncio de matéria orgânica reluzente. Ninguém por perto, apenas a lembrança de um programa gastronômico, comunitário! Mas, o olhar, ao ser consumido pela vida ali deixada, parece convidar a memória a reviver fontes que se negam a secar – como se o encontro da alma da chuva com a alegoria das pequenas plantas fizesse fermentar a tarde de esperança no retorno ainda não materializado dos gestos moderados, das vozes de ontem. Associação Erva-Doce: local onde os saberes, a arte, a poesia e os sonhos estimulam o diálogo múltiplo no momento frugal da tertúlia para comer..., animam o tempo do olhar: tempo que não se deixa ser confundido com o tempo pleno das imagens massivas que tentam falar por todos nós. Tempo do olhar – tempo de mediação simbólica entre a imagem sensível e experiência-narrativa singular. Local, portanto, que, ao revelar suas pequenas grandes coisas, convida-nos a participar de uma possível escrita, onde as mensagens imagísticas e verbais são comunicadas aqui, por intermédio de vestígios fotografados, de narrativas, anunciando metáforas do mundo natural e social.

De volta às aulas, por assim dizer, vale recordar, inicialmente, um trecho inquietante da biografia de Rafael Leite no decorrer de sua atuação na Associação. Vejamos o seu relato:

... muitas vezes fomos considerados “malucos” por trabalharmos sem pensar no lucro financeiro como retorno. Falo mais sobre isso na carta aberta à

ONDJAKI. In: **Revista UNESCO o Correio**, n. 9/10, p .5.

comunidade respondendo à acusação do jornal O DIA que, em uma reportagem sobre drogas no campus, citou o Erva-Doce como lugar onde os “malucos” se reuniam.

Sobre a resposta de Rafael:

... talvez sejamos “doidões”... Talvez o normal seja ser individualista, inventar mentiras para vender jornais; não nos importar com a situação de desmonte das universidades públicas...

E também neste retorno, as portas do Erva-Doce são reabertas em notado ritual de simpatia, sempre! Assim, a

Associada de “plantão” recepciona os convivas



minutos antes da refeição, dizendo após fitar o amigo: posso colocar o seu nome no livro?

Sim, responde o amigo.

Doravante, o amigo (ou conviva) será chamado a tomar parte do almoço “segundo a ordem” em que seu nome encontra-se no livro. Livro de chamada, livro de controle, livro cuja anunciação atija os prazeres dos sentidos, livro dos amigos. Aqui, por força de uma sugestiva mensagem, destaco o final da carta de Rafael Leite dirigida à Associação e aberta à comunidade.

Estamos sempre de portas abertas às pessoas que desejam colaborar direta ou indiretamente para o desenvolvimento do grupo. Venha nos conhecer melhor e descubra que existe algo “diferente” embaixo da ponte do F1.

*“Eles dizem que é absurdo ter emoções,
amar, ter sonhos e esperanças.*

*Eles temem o absurdo de lutar por um
mundo melhor, de ser feliz, livre e criativo.*

*Eles temem o absurdo de rir deles, de ser
alternativo.*

Eles temem o absurdo.

Nós somos o absurdo!”

(Calazans)

Tendo em vista o caráter multidimensional que se faz presente neste estudo no qual interagem as ciências e as artes da gastronomia, a paisagem, os diferentes saberes, portanto toda uma simbologia plural do cenário estético, é que insisto em considerar a Associação Erva-Doce não só um veículo de produção e difusão cultural nascida em terras ubres da Rural, mas também fonte de vitalização da convivência em comunidade.

São, no entanto, experiências como essas que enriquecem e acompanham a vida além dos muros da academia, assim parece-me. São experiências como essas que não se calam tão facilmente diante do barulho da pós-modernidade.

PARTE III

IV A ALIMENTAÇÃO NO CONTEXTO CIVILIZATÓRIO: UM OLHAR SOBRE A CONVIVÊNCIA EM COMUNIDADE

O signo da velocidade anula e desmoraliza as demoradas preparações que orgulhavam os antigos gourmets.

(Câmara Cascudo)

*... Acreditamos em um trabalho comunitário aonde existe compromisso, respeito, responsabilidade, doação individual e amor [...]. Peço que nunca subestimem a importância da Associação Erva-Doce para a comunidade universitária... Aqui aprendi que, realmente família não é sangue, família é sintonia”!**

* Trecho da carta de Rafael Leite P. de Andrade: PARA OS AMIGOS QUE FICAM.

Sobre o sentido da Comunidade Sensorial* – um modo sensível de viver e estar no GRUPO. Primeira pista:

o Erva é muito mais que um restaurante, as pessoas têm um ideal comum. Ser integrante é muito mais que cumprir horário, é vínculo..., é empatia. Existe uma forma de energia e a pessoa vai sentir isso na comida... Aqui está a diferença desse “restaurante” comunitário.

(Ana Carolina: Biologia)

* Utilizo este espaço no sentido de argumentar e tecer alguns comentários sobre a noção de Comunidade Sensorial que estou a sugerir. Para tanto, ao longo do Capítulo, essa idéia tomará mais corpo uma vez retratada integralmente a percepção dos alunos lado-a-lado com a escrita contextual. Inicialmente, a noção de Comunidade Sensorial parece agregar uma categoria principal (de orientação) e demais sub-categorias de ligação; ou seja: ENERGIA (linguagem sensível-corporal) e suas sub-categorias – sensação/percepção/vitalidade; espiritualidade/transcendência/intuição; sonho/comunicação/realizações. Em primeiro plano, vejamos o traço semântico que envolve a palavra SENSORIAL: o estímulo sensorial é relativo ou pertencente à sensação “(lat. medieval *sensatio*)” que, por sua vez, é “uma impressão (lat. *impressio*): marca deixada na consciência ou memória por uma experiência sensível ou percepção”. Para este comentário Cf. o trabalho de JAPIASSÚ, J. et al. **Dicionário básico de filosofia** (1996, p.140-245). Todavia, as sensações no plano mais estrito são subjetivas e interior advindas dos sentidos e causadas por algum acontecimento que os excita ou estimula; conseqüentemente, as sensações nos levam à percepção e, pois, à interpretação do mundo que nos cerca, logo, instâncias da consciência e da memória nos permitem discriminar os acontecimentos imediatos e passados, de forma natural, racional ou sensível. Nesse primeiro plano, por exemplo, poderíamos convocar a categoria ENERGIA e apreciá-la à luz de uma experiência natural, por assim dizer. Imaginemos a relação dos seres humanos com a alimentação tomando como princípio os nutrientes que participam das vias de produção de energia. A forma de energia bem conhecida na fisiologia pode aqui ser representada como: ATP (adenosina trifosfato) + CP (fosfocreatina). Com efeito, admite-se, portanto, que a fonte de energia imediata advinda desta cadeia química resulta em capacidade de realizar trabalho ou, de modo mais elegante, em impulso para viver. Por correspondência, nutrientes energéticos tais como glicose, carboidratos e lipídios encontrados na alimentação partilham da ENERGIA vital – eis uma das dimensões que sublinha a íntima relação do homem com a comida. Num segundo plano, a categoria ENERGIA se “distancia” do sentido orgânico e, com grande ênfase, passa a denotar os aspectos mais subjetivos ligados à transcendência corporal: intuição, espiritualidade, sonho... Aqui, a Energia é representada por grande parte dos alunos – tudo indica, por força das evidências – como sendo um canal de comunicação intersubjetivo onde a sensibilidade e emoções assumem um lugar de destaque nas práticas culturais e sociais dos alunos. Nestes termos, o preparo e consumo de alimentos, o GOSTO e o PRAZER (como categorias estéticas) são sublinhadas por essa outra dimensão da ENERGIA cujo traço semântico, como já anunciei, é a linguagem sensível-corporal. Longe de qualquer oposição entre as proposições orgânica e espiritual (mágica, divina), o que temos, então, é a ambivalência da experiência humana, pois se apresentam de forma duplamente presencial as dimensões natural e social. Entretanto, a prevalência da ENERGIA em seu sentido transcendente, intuitivo não passa despercebida: eis o espírito Romântico presente, sem dúvida! Amparado pelas categorias contextuais, vejo a possibilidade de acrescentar ao meu estudo o que chamo de Comunidade Sensorial, considerando, articuladamente, o seu sentido orgânico e metafórico.

O alimento, afirmam os historiadores, sempre foi a ligação determinante na cadeia da existência. O mundo vegetal, animal e os seres humanos constituem a mais complexa engrenagem dos ecossistemas que, por sua vez, lutam por dominar. De forma mais geral, quando comemos, por exemplo, estabelecemos um íntimo contato com o meio ambiente natural. Assim, a comida é motivo de prazer e de inesgotável busca de conhecimento destinado ao cultivo, preparo e elaboração de regras sociais⁶³ (quando consideramos a prática do cozimento uma maneira de promover a civilidade e socialização). Nesse contexto, a prática de cozinhar foi uma invenção especial entre as ocorrências inovadoras ao longo da história; entretanto, tal invenção não tem o seu maior mérito “pela maneira como transforma a comida”, diz Fernández-Armesto, pois para esse autor a existência de outras maneiras de transformar a comida já era conhecida. Destarte, o ato de cozinhar se destacou “pelo modo como transformou a sociedade”⁶⁴. Por destaque e importância, vale ainda dizer o seguinte:

a cultura começou quando o que era cru foi cozido. A fogueira no campo passa a ser um local de comunhão quando as pessoas comem ao seu redor. O ato de cozinhar não é apenas uma forma de preparar o alimento, mas também uma maneira de organizar a sociedade em torno de refeições em conjunto e de horários de comer previsíveis. Ele induz novas funções especializadas, prazeres e responsabilidades compartilhadas.⁶⁵

Reunião, compartilhamento e uma chama aquecedora fazem brotar diante dos olhos atentos dos homens a semente da culinária. O fogo, base

⁶³ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe (2004). **Comida: uma história**. p. 14.

⁶⁴ Idem, p. 24.

⁶⁵ Idem, p. 24.

material da cultura, tão logo domesticado e administrado, não tardou em unir as comunidades, uma vez que a tarefa de zelar pelo cozimento necessitava de cuidados e esforços compartilhados para urdir as chamas; necessitava-se, no entanto, de distribuição de tarefas. Em sentido próximo, o filósofo Gaston Bachelard parece ter contribuído notadamente para uma visão da chama (iniciadora) como representação social*.

Nessa direção, podemos acrescentar, a exemplo de Fernández-Armesto, que o cozimento “socializou o ato de comer ao transformá-lo em atividade praticada em local e momento determinados, por uma comunidade de comensais”⁶⁶. Por essas vias, a invenção do cozimento de alimentos foi o estímulo crucial para a formação de comunidades. Mais que simples nutrição, o cozimento confere à comida o seu maior valor. Dito isto, abre-se uma rede de possibilidades imaginativas para o entendimento da comida e das refeições, principalmente no quadro do processo civilizador. Assim, as refeições estão ligadas a contextos sociais e culturais particulares, estruturados. Estão também ligadas à celebração de amor, a atos rituais e festas comunitárias de caráter mágico-religioso. Sobre esse assunto, reitero outra posição de Bachelard, contudo mais próxima do cozimento, das lembranças, da tradição, do sonho, do paladar*. Com outras, palavras, a gastronomia, vista por Jean Anthelme Brillat-Savarin (1755-1826), era uma das mais vigorosas fontes de prazer (elegância e prática civilizatória) que representava um estado de

** “Na realidade, o que surge primeiro são as proibições sociais. A experiência natural só vem depois para nos fornecer uma prova material inesperada, portanto demasiada obscura para dar lugar a um conhecimento objetivo. A queimadura, ou seja, a inibição natural ao confirmar as proibições sociais nada mais faz que reforçar aos olhos da criança o valor da inteligência paterna. Há portanto, na origem do conhecimento infantil do fogo uma interferência do natural e do social em que este último domina. O fogo constitui, inicialmente, o objeto de uma proibição geral; daí esta conclusão: a proibição social é nosso primeiro conhecimento geral do fogo. À medida que a criança cresce, as proibições espiritualizam-se: a palmada é substituída pela voz severa; esta pela narrativa dos perigos de um incêndio, pelas lendas acerca do fogo do céu. Assim, o fenômeno natural passa logo a ter implicações sociais”. Para esse exemplo Cf. a seguinte obra: BACHELARD, Gaston (1989). **A psicanálise do fogo**. p. 16-17.

⁶⁶ FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. Op. cit., p. 33.

· Amparado por lembranças da infância, nos diz BACHELARD (Apud FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe: 2004. Idem, p. 34): “o fogo é um ser mais social do que natural (...). Eu comia o fogo, eu comia o seu ouro, o cheiro e até o crepitar, enquanto o biscoito ainda fumegante ia sendo esmigalhado entre meus dentes. E é sempre assim, com uma espécie de prazer sensual... que o fogo prova a sua humanidade. Ele não só cozinha, como faz o biscoito crocante e dourado. Ele dá uma forma material para as festividades humanas. Por mais longe que formos em nossa consulta ao passado, o valor gastronômico da comida sempre supera seu valor alimentar, e é na alegria, em não na dor, que o homem encontra seu espírito... Dos dentes da corrente pendia o caldeirão negro. A panela de três pernas estava sobre as cinzas quentes. Minha avó enchia as bochechas de ar e soprava por um tubo de aço para reanimar a chama adormecida. Tudo ia sendo cozido ao mesmo tempo: as batatas para os porcos, as batatas melhores para a família. Para mim haveria um ovo fresquinho sendo cozido sob as cinzas”.

espírito, um jeito de olhar a vida e uma forma de intervir na sociedade⁶⁷. Aliás, nos convida Brillat-Savarin para uma passagem em sua Meditação XIV – *do prazer da mesa*:

com freqüência temos em volta da mesa todas as modificações que a extrema sociabilidade introduziu entre nós: o amor, a amizade, os negócios, as especulações, o poder, as solicitações, a ambição, a intriga: eis por que o convívio tem a ver com tudo, eis por que produz frutos de todos os sabores.⁶⁸

Por outro lado, ao comentar sobre as “ondas de erosão” da culinária na sociedade contemporânea, Fernández-Armesto insiste na seguinte idéia: “o ato de cozinhar fez tanto bem aos indivíduos e às sociedades que o fato de a revolução culinária ter sido mantida até os nossos dias não nos surpreende”⁶⁹. Entretanto, “nenhuma prática é tão benéfica a ponto de eliminar qualquer desconfiança”, acrescenta este autor. Desse modo, com a propagação dos usos tecnológicos e o aparecimento dos críticos da culinária, algo parece fazer sentir que os efeitos socializantes de partilhar as refeições estão ameaçados. Como se estivesse esperando o direito de resposta, e com destacado tom de ironia, Fernández-Armesto acrescenta: “o fim da culinária já foi previsto com lágrimas e desejado com veemência. Na verdade, aquilo que poderíamos chamar vagamente de movimento anticulinária tem mais de cem anos: começou entre as feministas e socialistas que queriam libertar as mulheres da cozinha e substituir a família por uma comunidade mais ampla”⁷⁰. De um lado, a liderança feminista apelava para que a prática de cozinhar fosse substituída pela chama inodora da ciência e, daí, isso equivaleria proteger a vida das pessoas dos visionamentos, “dos sons e cheiros da despensa e áreas

⁶⁷ Para este exemplo Cf. a obra de BRILLAT-SAVARIN (1998). **A fisiologia do gosto**. p. 137-143.

⁶⁸ Idem, p. 171.

⁶⁹ Idem, p. 43.

⁷⁰ Idem, p. 44.

semelhantes”. De outro lado, a moda das *erudités*, diz Fernández-Armesto: “é a prova do ponto a que chegou o gosto por lanches crus”⁷¹.

Em restaurantes elegantes e naqueles repugnantes “balcões de salada” e lugares mais populares, nos quais folhas com as pontas enroscadas e tiras tristonhas de legumes crus ficam expostas à contaminação.⁷²

Ou ainda:

é claro que a popularidade da comida crua não significa que as pessoas vão parar de cozinhar. Porém, é bastante possível que, devido a outras pressões, o ato de cozinhar se transforme até ficar irreconhecível. O cozimento foi uma invenção valiosa pela maneira como estimulou a formação de comunidades, mas os hábitos culinários contemporâneos ameaçam destruir esta conquista. A comida transportável alimenta os valores da pressa, é combustível para a anomia da sociedade pós-industrial.⁷³

Compartilhando idéias muito próximas Fernández-Armesto e Câmara Cascudo nos permitem caminhar por um terreno onde conflitam a ciência do

⁷¹ Idem, p. 44.

⁷² Idem, p 44.

⁷³ Idem, p. 45.

“saber comer” (arte cuidada que nos ensinam os gastrônomos em versos de pausas e paladar) e a ciência “dos nutricionistas” (movida pela aceleração dos tempos atuais se compraz com o chamado da fome ao ritmo da utilidade e da herança biológica). Assim, em tempos hipermodernos muitos vão comendo para encher a barriga, tão somente. Desse modo, as pessoas comem em meio às diferentes rotinas de trabalho, diárias. O café da manhã, o almoço, o jantar, as filas calorosas das lanchonetes (dos diálogos sociáveis e dos vínculos de amizade) estarão com os seus dias contados? Vejamos, ainda, o que lembra Fernández-Armesto:

a solidão dos que comem *fast-food* torna as pessoas incivilizadas. A comida está perdendo o caráter social [...]. A vida familiar se fragmentará se as pessoas deixarem de compartilhar suas refeições, pois como disse Carlyle, “se a alma é uma espécie de estômago, o que é comunhão espiritual senão o comer juntos?”⁷⁴

Até aqui, o ponto de vista discutido por Fernández-Armesto destaca o problema moral inscrito nesta nova forma de cozinhar e seus efeitos contrarrevolucionários, considerando, pois, o fato de que a invenção do cozimento (“que tornou o ato de comer sociável”) em seu longo percurso histórico e civilizacional, poderá, de certo modo, cair nas malhas do esquecimento – assim dizendo. Nesse aspecto, diz Fernández-Armesto: isso “nos levaria de volta a uma fase pré-social da evolução”⁷⁵.

Por ordem e sabor dos escritos – carregados de prosa elegante e humanidade – de Câmara Cascudo, o desdobramento da crítica à culinária instrumental parece-me oportuna. Então, em nota curta, nos fala Cascudo (“esse mágico que transformou o regional no universal, sem contudo perder o sabor e as matizes do local”):

⁷⁴ Idem, p. 45.

⁷⁵ Idem, p. 47.

... a industrialização dos alimentos reduz a cozinha a um armário de latas. A técnica essencial limita-se a saber abrir uma lata sem ferir os dedinhos. Um jantar agresso de latas é ato de comer mas não atinge ao nível de uma refeição.⁷⁶

Ao longo do processo de evolução das espécies, a inteligência, o trabalho, os costumes e a criatividade contribuíram, dentre outros fatores, para que a espécie humana se destacasse do conjunto da natureza. Dito dessa forma, a invenção da cultura combinada pela criatividade e os costumes, por ilustração, permitiram encerrar a espécie Homo na “escala” de destaque. Com efeito, a arte e a ciência aumentam consideravelmente a supremacia dos humanos, ainda que isso possa ser razoavelmente bom ou despropositado – sobre as espécies “menos” inteligentes. Entretanto, quando somos chamados a caminhar por terras íngremes da história é possível compreender com um trago de ironia e generosidade que a cultura e o progresso, dependendo da maneira como enxergamos, ora nos atíça o ânimo, ora nos decepciona na esquina da história. Ao ritmo dinâmico do movimento da história as mentalidades (e experiências culturais) vão e voltam. Nessa viagem temporal muitas mentalidades adormecem, não voltam mais: tornam-se memórias valiosas. Outras, se negam a ficar e, embora metamorfoseadas, sempre marcam o seu lugar, movem-se por aí – permanência, renovação, memória: eis a dinâmica do processo histórico (o movimento, a imaginação, o tempo). Daí o sonho, a decepção, a utopia possível.

É nesse contexto de crítica e vontade civilizadora que Câmara Cascudo ensaia a contradição histórica, demasiadamente humana! Ei-la:

O HOMEM, DESDE O AURINHACENCE, comeu
sentado, diante dos alimentos servidos a sua fome.

⁷⁶ CASCUDO, L. da Câmara (1983, v. 1). Op. cit. p. 42-43.

Comer y beber, sentado, y dormir , echado, diz o espanhol. Uma lamentação mecanizada, seqüência de pratos escolhidos maquinalmente e trazida na ração individual, como tigre que recebe o naco sangrento, é uma homenagem ao Jardim Zoológico e aos Parques Animais. Uma vitória da falsa economia sobre a normalidade da alimentação. Do “progresso” contra a tradição valorizadora da refeição. Comer de pé, elegendo os pratos pela pressão de uma mola, é modalidade de pasto, indispensável, justo, mas não-humano, não-natural, não-social. Anúncio das refeições em latas, pastilhas, comprimidos, cápsulas, água sintética, pílulas contendo essência de café e chá, para findar, é uma padronização do *robot* sobre o *sapiens*. A mesa substituída pela mecânica dos *self-services*. Poema deglutível. Música aspirável. Progresso em vez de civilização.⁷⁷

Embora o rasgo de Câmara Cascudo em muito que não é natural e civilizador nos toque fundo, algo nos deixa mais à vontade quando assimilamos os contornos da história como parte da dinâmica social. Por seu turno, os mecanismos políticos de exaltação cultural e os sinais de obediência à cartilha do mundo industrial no lado ocidental vêm, em ritmo forte, chegando ao esgotamento. Portanto, o futuro da comida (e seu caráter civilizador) não está tão ameaçado. O mercado globalizado, por exemplo, não trouxe a indesejável homogeneização da cultura alimentária, ao contrário: acentuou as diferenças! Como lembra Fernández-Armesto: “o futuro será muito mais parecido com o

⁷⁷ Idem, p. 43.

passado do que os sábios da futurologia previram”⁷⁸. Todavia, isso não equivale dizer que as identidades na cultura da tradição sejam intocáveis, imunes a qualquer tipo de assimilação. Existe – reconheçamos – um diálogo fecundo do presente com o passado, da tradição com a mudança equilibrada. Se de um lado é possível saber que cada cultura é passível de contaminações, que cada tradição é resultado da história e que a história não é estática, também é possível admitir, por outro lado, o seguinte:

sociólogos e especialistas em *marketing* enterraram, incontestavelmente, um pouco rapidamente demais a tradicional estruturação das refeições: até mesmo na cidade e inclusive entre os jovens é raro que as refeições tenham desaparecido tanto na França, na Itália e na Espanha [...]. Se a anomia dos comportamentos alimentares se espalha na Europa, como na América, permanece aí muito mais circunscrita; e não é evidente que, um dia, leve ao desaparecimento das estruturas tradicionais.⁷⁹

Ainda sobre esse contexto é oportuno acrescentar o posicionamento de Fernández-Armesto:

uma reação artesanal já está a caminho. A repugnância em nível local contra as pressões para aceitarmos produtos de gosto padronizado estimulou o reaparecimento de cozinhas tradicionais. Até o McDonald’s e a Coca-Cola se juntaram aos gastos

⁷⁸ Idem, p. 325.

⁷⁹ FLANDRIN, Jean-Louis et al. (org.). **História da alimentação**. Op cit., p. 866.

regionais e aos preconceitos culturais, modificando suas receitas, adequando sua apresentação.⁸⁰

Preservar o entendimento do longo estágio do processo civilizacional mirando a cultura gastronômica como fonte humanizadora das relações sociais é, sem dúvida, uma ambição inesgotável, uma tarefa angustiante – tendo em vista o “muito” que nos foi deixado e tudo aquilo que a história não alcançou acerca da aventura imaginativa dos nossos longínquos antepassados. Contudo, sem o sabor reparativo, o caminho agora será percorrido de forma mais contextual.

Por antecipação, apreciemos o que nos diz Nina Duarte (associada) e, posteriormente, Alex (associado):

... esse espaço, o Erva-Doce, é nossa casa, a casa dos estudantes – fazemos um elo com os eventos dos outros grupos. O Erva é o quartel general de muitos eventos.

Aqui, existe uma identidade e acredito na idéia de comunidade, mas isso deve ser construído com consciência, ética e respeito de todos: tem gente que deixa a desejar! O que me prende aqui não é só comer, existe a questão social, as trocas.

E sobre o ENCERAMENTO* – um rito de passagem:

⁸⁰ Idem, p. 324.

* O enceramento trata-se de um ritual operado pelos veteranos (peculiar do terceiro alojamento masculino) no sentido de tornar os bichos – estudantes novatos – mais unidos e integrados às regras do 3º andar. Assim, os bichos ficam pelados no banheiro e os veteranos passam “cera” nos mesmo lambuzando os seus corpos. Em destaque, é uma tradição localizada, sem abusos e/ou violência e movida pelo caráter lúdico, sociabilizante, comenta Bruno (postulante e ex-encerado). Bruno acrescenta que 18 calouros foram encerados na época de sua residência no ANDAR e, que isso, dá força ao grupo e faz parte do espírito comunitário – os opostos se

Para viver é necessário se autocontrolar, tem que reagir com calma.

(Bruno: Postulante)

Para uma melhor visualização sobre os saberes e práticas que se destinam ao campo da gastronomia – e a outros contextos da convivência em comunidade –, torna-se necessário, no momento, observar que os costumes ligados aos rituais de alimentação e da sociabilidade que daí se derivam, foram criados e modificados por exigência dos contextos sociais e históricos em que se realizaram. Por conseguinte, o intercâmbio entre tais rituais e o processo de sociabilidade, assim dizendo, expressa dimensões da vida social e relacional. Nestes termos, esse modo de diálogo remete-nos ao trabalho de Norbert Elias (*A História dos Costumes*)⁸¹. Sobre o processo civilizador, Elias procurou mapear os elementos que, ao longo da história, se inter-relacionaram, tendo como mapa os processos dinâmicos de transformações das estruturas sociais e das estruturas da personalidade⁸². Isso, portanto, no âmbito do meu estudo parece revelar a influência da filosofia e prática da alimentação “natural” na construção de um estilo de vida singular, cuja totalidade da experiência local estimula a sensibilidade, a espontaneidade e o autocontrole das emoções. À luz de um quadro mais global, aos códigos de controle social elaborados até a primeira metade do século XVIII no terreno da mitologia religiosa, da verdade científica e da política de poder no universo aristocrático, foram já no século XIX, e em larga intensidade, substituídos por formas mais dóceis e psicológicas de controle das emoções e das paixões. No curso dos acontecimentos, pressionada a partir de baixo pelos novos ricos, a nobreza é levada a permitir o trânsito da burguesia em seus salões, nos espaços da alta corte⁸³. A contragosto, os aristocratas de corte encenavam a “boa” recepção cortesã em

comunicam, conclui Bruno. Não por caso, o 3º andar do 3º alojamento é muito rico em narrativas, em construção de biografias. Viver em comunidade diz Bruno: requer um nível bastante alto de confiabilidade, de respeito pelas coisas do outro. Daí, quando sinto falta de um livro ou de meu CD, vou procurar nos quartos ao lado – lá, os encontrarei, pois as portas daqui estão constantemente abertas!

⁸¹ ELIAS, Norbert (1990). **O Processo Civilizador: uma história dos costumes**. v. 1.

⁸² Idem (1993; v. 2, p. 195).

⁸³ ELIAS, Norbert (1993, v. 2, Op. cit., p. 153-206).

meio ao indesejável processo de interdependência. Por sua vez, para sustentar o jogo teatral ensaiado na corte e assimilar a pressão exercida por baixo, era necessário à nobreza, cada vez mais, não apenas os sinais externos de status, mas também se expressar por meio da linguagem verbal e não-verbal (corporal), na fala, nos gestos, nas distrações e maneiras. Aqui, ao avançar o processo civilizatório a sociabilidade vai tomando força paralelamente à crescente interdependência entre mundos. Por extensão, o emprego da força e violência, por exemplo, vai sendo substituído por formas mais moderadas de comportamento, à medida que aumenta o autocontrole dos instintos; portanto, a conduta cavalheiresca cede espaço para a conduta cortesã, ao mesmo tempo em que aumenta o equilíbrio interno em resposta aos estímulos (ou mecanismos) externos de controle social. Assim, na juventude do processo de interdependência, a sociedade e corte dos séculos XVII e XVIII anunciam uma transformação mais ou menos decisiva de guerreiros em cortesãos. Desse modo, Norbert Elias sublinha este acontecimento como “uma das precondições sociais mais elementares de todos os grandes movimentos de civilização”⁸⁴. No século XX, ao tratar os mecanismos psicológicos de autocontrole frente às experiências sociais (ou, se preferir, experiências vinculadas aos códigos de comportamento à mesa ou ao reconhecimento social), estaríamos diante de uma pessoa que apresenta um maior domínio de si mesma; que apresenta autonomia diante de uma escolha pessoal, logo, apresenta uma conduta com – e que exige – o (auto) equilíbrio. Entretanto, as formas de controle externo não deixaram de existir, fazem parte da dinâmica do processo civilizador em continuidade, agora, nas sociedades democráticas, por assim dizer. Como procurarei demonstrar, reitero: o estilo de vida adquirido no entorno da Comunidade Sensorial denota uma forma mais espontânea de viver; com efeito, a linguagem sensível-corporal é, em tom maior, o modo de expressar os gestos moderados – firmes” –, porém, docilizados.

O conceito de civilização anunciado por Elias perpassa os meus argumentos (contextualmente), e assim se refere:

⁸⁴ Idem, p. 215-225.

... expressa a consciência que o Ocidente tem de si mesmo. Poderíamos até dizer: a consciência nacional. Ele resume tudo em que a sociedade ocidental dos últimos dois ou três séculos se julga superior a sociedades mais antigas ou a sociedades contemporâneas “mais primitivas”. Com essa palavra, a sociedade ocidental procura descrever o que lhe constitui o caráter especial e aquilo de que se orgulha: o nível de sua tecnologia, a natureza de suas maneiras, o desenvolvimento de sua cultura científica ou visão do mundo, e muito mais.⁸⁵

Ou ainda, pode-se acrescentar:

... refere-se ao tipo de habitação ou à maneira como homens e mulheres vivem juntos, à forma de punição determinada pelo sistema judiciário ou ao modo como são preparados os alimentos [...].⁸⁶

A autovisão de mundo dos franceses e ingleses conduziu o holofote do processo civilizador em linha reta. Daí a crença no progresso (no desenvolvimento da razão) e o julgamento sobre a “boa” e a “má” sociedade; sobre a luz da etiqueta cortesã e tudo aquilo que o não refinamento (ou a não polidez) escurece.

Amparado por notável material empírico, Elias analisa cuidadosamente as modificações de comportamento ocorridas entre os séculos XIII e XVI. Aqui, a noção de civilizado (*civilité*) não se confunde com o comportamento popular

⁸⁵ ELIAS, Norbert. Op. cit., v. 1, p. 23.

⁸⁶ Idem, ibidem, p. 23.

ou vulgar entendido por Erasmo, ao considerar os costumes dos camponeses, por exemplo. Erasmo teria sido, no entendimento de Elias, uma figura importante da época de transição entre a Idade Média e a juventude da sociedade cortesã. Mesmo não havendo nenhum ponto de partida para a questão do controle social do comportamento individual, é percebido por Elias um ponto de modulação na passagem sobre estes dois momentos históricos; portanto, para o processo civilizador essa modulação foi fundamental. Por sua vez, observou-se, a partir desse momento histórico, o desenvolvimento de maior sensibilidade em relação ao constrangimento social vinculado a determinadas práticas individuais camponesas, ou seja: as práticas consideradas vulgares passam a ser sensivelmente evitadas⁸⁷. No entanto, com o aumento das interações humanas ou do processo de interdependência entre os diversos estratos sociais surge, então, um tipo novo de regulação social que as pessoas exercem entre si. Em complemento, nos fala Jessé Souza:

... nesse intervalo de tempo, temos uma sensível mudança de atitude em relação a uma série de necessidades naturais dos indivíduos. O comportamento à mesa, o costume de cuspir e assoar o nariz, o sono, a vida sexual, a agressividade etc., passaram a ser reguladas de forma a servir de sinal de refinamento e civilidade. Uma outra etapa do processo civilizatório se apresenta quando, por força crescente da divisão do trabalho e acirramento da competição social, o controle externo é substituído pelo controle interno. Apenas com este último desenvolvimento a regulação da vida pulsional atinge o caráter evidente

⁸⁷ Para maior apreciação sobre este estudo Cf. a obra de ELIAS, Norbert. Idem, 1990 (v. 1, p. 65-108). Cfr. Também o trabalho de SOUZA, Jessé (1999). Elias, Weber e a singularidade cultural brasileira. In: WAIZBORT, Leopoldo et al. (org.). **Dossiê Norbert Elias**, p. 61-66.

que percebemos hoje. Só então o controle do comportamento individual atinge o nível da sociedade democrática e industrial moderna. Agora, autocontrole transforma-se em princípio da saúde mental e física e é internalizado por cada um dos indivíduos.⁸⁸

Por sua vez, procurarei deslocar (ou contextualizar) as categorias controle e autocontrole para o campo empírico e mais próximo da experiência em comunidade. Disso decorre, também, a minha intenção em trabalhar com a idéia de Comunidade Sensorial justaposta à idéia de Comunidade Local, pois entendo – embora haja traços conceituais e/ou semânticos diferenciados – a Comunidade Sensorial como sendo uma Comunidade Local. Vejamos então como os autores tratam esta última conceitualmente:

entendemos por Comunidad Local aquel agregado de grupos domésticos que, estando asentado sobre o territorio específico, mantiene sus formas de vinculación por diferentes tipos de relaciones sociales, entre las cuales el parentesco, la vecindad y la amistad tienen una consideración significativa como grupo social; es decir, aquel agregado de grupos domésticos unidos por un sistema de lazos y relaciones; por la conciencia de ser distintos de los demás grupos, definidos de acuerdo con el mismo principio.⁸⁹

Todavía, a Comunidade Sensorial – onde a partir do seu CENTRO: a Associação Erva-Doce –, inter-relaciona cultura

⁸⁸ SOUZA, Jessé (1999, p. 67). Idem, ibidem.

⁸⁹ GUSMÁN, Eduardo & NAVARRO, Manuel. Ecosociología: algunos elementos teóricos para el análisis de la coevolución social y ecológica en la agricultura. **VII Jornada de Adalucía y America**. Reis – La Rábida, 14/16 mar. 1988 (Univ. De Córdoba y Granada). p. 31.

gastronômica, saberes agroecológicos, capoeira, alojamentos, amizade e sociabilidade e nos remete à seguinte expressão: “pensar globalmente actuar localmente”⁹⁰. Por essas vias destaco um modo holístico de OLHAR a teia dos sonhos, a teia que simboliza a convivência comunitária:

o Erva-Doce faz o elo entre os grupos atuantes no espaço de convivência. Atrai as pessoas, os grupos e energias pela sua vitalidade, seu movimento contínuo, o tecer de sonhos e realizações. Representa a mãe deste núcleo de convivência, é uma estrutura solícita e aberta ao uso de outros grupos, por isso troca energia com outras dimensões dentro da universidade. A capoeira atrai as pessoas com o entoar do espírito e expande seu brilho espiritual além de sua estrutura. Esta diversidade de sonhos e realizações do centro de convivência se somam na descoberta da universidade sem fronteiras, se materializam na resistência e autogestão de estudantes organizados que fazem desta passagem pela universidade uma experiência ainda muito maior e transformadora.

(Nina Duarte: Associada)

O Erva não se resume em um restaurante. A gastronomia faz parte de uma proposta holística e está ligada à agricultura permanente (permacultura). O homem, o alimento e a natureza formam um sistema cíclico. O Erva é esperança, local de construção, se doar muito!

(Leonarda: Associada)

⁹⁰ GUSMÁN, Eduardo & MOLINA, Manuel. Op. cit., p. 134.

Erva-Doce: um convite à sociabilidade e à meditação sobre o mundo natural e cultural.



Esta parede apresenta, resumidamente, o signo da metamorfose, uma poesia destacada no centro e alguns informes sobre as atividades diárias do Restaurante. – MAIO/2001.

Nesse quadro, as categorias teóricas envolvidas no processo da sociabilidade (gastronomia e amizade, particularmente) formam um elenco significativo de conceitos inerentes ao exercício analítico do material temático em discussão. Com efeito, o estudo sobre o estilo de comunidade que me proponho a discutir, sugere operar também, e de forma sistêmica, com tais categorias. Por ora, a FOTO em destaque faz sentir (à luz do signo da metamorfose) uma certa intimidade com a estética do efêmero e quanto à cozinha, relaciona-se com as belas-artes, com as práticas culturais ao longo do processo civilizador. Neste lugar Erva-Doce, como se vê em simples e doce pintura, as mulheres e os homens – tudo leva a crer segundo as possibilidades de interpretar e sentir, como diz uma aluna – transformaram a “filosofia escatológica

da lagarta” em signo de liberdade e renovação, sendo agora, a borboleta, resultado de uma metamorfose que ultrapassa a estética do efêmero, tornando-se, portanto, criação e estética memorável. Logo, fica na borboleta a memória da lagarta – memória que preserva o nome e permite contar história quando um ato natural se encerra em curto espaço de tempo, sem deixar vestígios (tal como o ato de comer, cuja digestão faz desaparecer toda a arte do cozinheiro talentoso).

E a exemplo da boa prosa de Câmara Cascudo, o que poderíamos antecipar sobre a arte culinária da Lurdinha? Ao sabor da casa, eis o toque de arte e paladar:

... ao cair da tarde, um gosto doce,



um olhar doce. Torta da Lurdinha, torta da semana, torta de BANANA. – FEV/2003.

... as coisas agradáveis, macias, flexíveis, harmoniosas, são doces. Doce olhar, água doce, ferro doce. Os portugueses velhos tinham o homem doçar e a mulher doçar, afetados, mimosos, cheios de

**dengues. E no Cancioneiro da Vaticana
(II, 63) canta-se:**

**d'um desejo tam doçar
Que muy docemente sabe.**

O velho Jerônimo Bahia poetava:

**Porque quando é doce a erva
Todos da erva gostamos...⁹¹**

Uma borboleta, uma flor chamada COSMOS – metáforas!

Algo que chama a atenção para...



⁹¹ CASCUDO, L. da Câmara (1983, v. 1). Op. cit., p. 61.

as coisas mais simples: aproximar o homem e a natureza ao sabor de um projeto de vida boa. A flor, a borboleta, o desenho – simbologia que faz sentir o valor do pensamento alado, o desejo e a energia que permitem traduzir o sonho em realidade, em ideais compartilhados. O pequeno COSMOS: um modo de aproximar as diferenças ao tom da metamorfose, à luz da harmonia entre os contrários, ao ritmo estimulante do diálogo plural. Nada perfeito! Porém, nada impossível de ser sonhado, de ser realizado. Utopia, energia, compartilhamentos: preâmbulo acerca da Comunidade sensorial.

- *Sobre as experiências contextuais: moradia, alimentação e estilo de vida.*

No quarto acontecem grandes momentos onde é criado um ambiente familiar, isso faz surgir um espírito de socialização na Rural. A alimentação é um momento-chave para as reuniões..., para montar o cardápio, comprar alimentos... Tenho consciência de que me alimentaria melhor se comesse no Erva-Doce, mas...

Hoje eu tive que dar uma palestra para os calouros da LICA, acordei cedo e escolhi esta calça. Eu estava apreensiva! Com esta roupa, eu me sinto mais segura, mais livre, mais firme. Com o tempo, passei a considerar a roupa importante, pois me permite uma sincronia com o meio em que vivo. Utilizamos a “roupa viva” construída por nós. A roupa

industrializada carrega o ranço do capitalismo, passa por um processo artificial.

(Érika – aluna do 6º período do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas. Integrante do GAE e simpatizante do Erva-Doce)

Um modo de autocontrole revestido pelo espírito romântico



Érika, fotografia retirada no espaço do Restaurante Erva-Doce. – FEV./2003.

Esta imagem sinaliza as formas de representação dos valores que permeiam um estilo de vida: espontaneidade, moderação e as alegorias reveladas por força do vestuário. Em torno disso, pode-se acrescentar:

o vestuário é, em certo sentido, o corpo do corpo. Dele podemos deduzir a atitude da alma. E dá exemplos de que maneira de vestir corresponde a esta ou aquela condição espiritual. Este é o primórdio de um tipo de observação que mais tarde será chamado de “psicológico”.⁹²

Ainda neste quadro, nos diz Ana Carolina (Ex-Associada):

não existe essa coisa homogênea ou enquadramento para o uso da roupa... No seminário de biologia eu ia com a roupa leve e dizia coisas diferentes. As pessoas me olhavam diferente... Eu estava como queria: à vontade, a roupa diz que eu sou assim, me dá força...

Estilo de vida é uma maneira de comer, de vestir... Eu já gostava de andar e viver assim. Gosto de contrastar com o normal. Se vestir é estar bem, ser o que você é! Tenho uma identidade com o Erva, pois é uma identificação com o meu estilo de vida anterior.

(Patrícia: Associada)

Aqui, pude perceber (em meio à entrevista com a Érika, mais diretamente) que a expressão corporal ou o jeito (de estar à vontade) da aluna indicavam um certo autocontrole, um modo de afirmação identitária, tal como isso parece ser representado pela forma de comunicar ou vestir. Portanto, a categoria “autocontrole”, nesse caso, deve ser compreendida à luz da expressão ESPONTANEIDADE, expressão que está

⁹² ELIAS, Norbert. Op. cit., v. 1, p. 90.

para além do autodomínio como faz sentir o conceito de Norbert Elias. Acrescenta-se, portanto, o sentido não racionalizado da categoria autocontrole, ou seja, caminhamos muito mais, nesse caso, na direção da compreensão Romântica de “autocontrole”, considerando a força semântica que encontramos na espontaneidade, do que na direção do autocontrole identificado com o autodomínio surgido em meados do século XVIII – berço do neoclassicismo. Isso pois, não invalida a noção de autocontrole das emoções tão bem analisada por Elias; contudo, é preciso somar à idéia em curso o fato de que o comportamento ascético dessa época estava entre as virtudes do Cavalier e cortesão. Para o dândi, diz Baudelaire: “o autocontrole e a auto-estima eram tudo”. Assim sendo, em “tempos” neoclássicos e, em nome da honra, suprimia-se o prazer, a ética da emotividade e a espontaneidade. E sobre a ética aristocrática, acrescenta Colin Campbell:

qualquer excesso de emoção, fosse de angústia ou êxtase, seria indecente e descortês, representando maus costumes num cortesão [...]. Do cortesão, se exigia, como observamos, garantir que seu comportamento fosse mais agradável aos outros do que a ele próprio, e essa preocupação com os efeitos dos atos evidentemente inibia o grau de interesse pela auto-satisfação. Mas, acima de tudo, estava a suprema importância do conceito de honra e, conseqüentemente, a reputação do cavalheiro aos olhos dos outros, o que restringia o hedonismo egoísta. Como os versos de Lovelace

subentendem, o orgulho tinha precedência sobre o prazer.⁹³

Por outro lado, não nos iludamos com qualquer forma de polaridade. O ambivalente século XVIII nutria a chama da razão e do ideal ascético, da mesma forma que acomodava nas páginas da vida e da literatura a cultura da sensibilidade. Vida dupla, portanto. Isso nos parece pertinente, também, na sugestão de Bredvold (Apud. CAMPBELL, Colin, p. 196):

já não consideramos adequado o dito de Matthew Arnold de que o século XVIII foi uma época de prosa e razão: estamos bem conscientes de que foi também uma época de sentimento e de que provavelmente, tanto na literatura quanto na vida real, mais lágrimas foram derramadas nesse século do que no XIX.

Nesse contexto, fica-nos a sensação de quanto o comportamento das pessoas foi e é marcado por esse par de culturas gêmeas, interdependentes: razão e sensibilidade. Todavia, o meu estudo, embora não negue a razão, tem demonstrado por meio da experiência empírica, uma maior influência da sensibilidade sobre a razão. Daí o espírito do pensamento romântico a orientar mais saborosamente as minhas elaborações, o percurso da Comunidade Sensorial.

Eu sinto a presença forte da vida na comunidade. A Universidade: alojamentos, corredores, etc. Mas existe

⁹³ CAMPBELL, Colin. Op. cit., p. 229.

esta comunidade menor que é do coração e envolve pessoas afins com a agroecologia, a perma, etc. Nos grupos menores como o Erva-Doce as afinidades são lapidadas... Existe um formação de identidade mais forte. A vitalidade do Erva propicia essa multidisciplinaridade constante. O Erva atrai, concentra. Em volta do alimento estão os elos, as reuniões, conversas, encontros... O Erva e a Capoeira têm esse contexto de resistência – têm uma energia: experiência sensorial, comunicação. Nos bastidores da academia existe essa dimensão que é uma experiência única. O Erva e a Capoeira representam energia, espiritualidade, sonhos, realizações, dar e receber, trocar.

(Nina Duarte...)

O relato acima demonstra a importância do Centro de Convivência para os encontros e experiências de grande parte das alunas. O Centro de Convivência está localizado próximo aos alojamentos e ao bandeirão, agregando em seu espaço a Associação Erva-Doce (ponto de encontro dos demais grupos), o Grupo de Agricultura Ecológica, o Grupo de Capoeira e outros. Reitero: fazendo um elo próximo e aquecido com os alojamentos, este espaço representa um notável campo de sociabilidade e produção cultural dos alunos.

Da ENERGIA plural à linguagem sensível-corporal:

para mim a energia não é somente física, é uma energia de vida. Se eu chego a adquirir energia é porque eu sugo, e se eu

sugo tenho que devolver isso, trocar com as pessoas... Tenho que perceber que meu corpo está bem. Tem gente que não se importa em estar fedendo, mas isso é influência da carne; tem gente que não tem essa sensibilidade para perceber que o odor corporal está relacionado com a alimentação.

(Rodrigo Peres...)

... o ideal comum do alternativo não está no sistema racional, limitado. O espiritual passa pela alimentação natural. Esse é o lado do crescimento pessoal, é o lado alternativo, a comunidade alternativa.

(Patrícia...)

... os alimentos possuem esse poder de alimentar o espírito e o corpo... Que o alimento traga bons pensamentos, bons sentimentos. Comer brotos, por exemplo, traz uma informação de vida, permeia o espiritual.

(Nina Duarte)

Penso que os relatos aqui em destaque nos oferecem algumas pistas possíveis de nos aproximar da noção de Comunidade Sensorial. A categoria de orientação (ENERGIA) e as categorias de ligação – como vimos – reforçam o modo singular de comunicação por meio da linguagem sensível-corporal. Eis um espaço relacional e de compartilhamentos, que agrega valores constituídos e comunicados sensivelmente – como se fosse uma TEIA. Por estímulo do contexto, o corpo, por extensão, é um dos temas mais discutidos no mundo contemporâneo. Em rápida nota: corpo, consumo e lazer são

importantes signos culturais de nossa época. Parafraseando o antropólogo Jorge Crespo, o corpo vem sendo “objeto de estudos cada vez mais freqüentes no domínio das ciências humanas e sociais”. Ao mesmo tempo, no nível do cotidiano, este quadro tem-se manifestado na “exuberância e imaginação das múltiplas técnicas utilizadas nos adornos e no vestuário, no teatro e na dança”, enfim, nas mais diversas instâncias da vida humana. Todavia, as práticas (ou linguagens) do corpo não devem ser compreendidas enquanto realidades simples e homogêneas, mas sim a partir de um todo complexo onde as múltiplas interações sociais e culturais aconteçam⁹⁴. Também, a partir de um recorte dos estudos de Hugo Lovisolo nessa área, pode-se dizer:

há um entusiasmo crescente pela história social, história da cultura, do imaginário e das mentalidades. Também cresce significativamente a produção internacional e nacional sobre a história do corpo e das atividades corporais. O corpo e as atividades corporais, em sentido mais amplo, estão se tornando num objeto empírico e teórico legítimo para a história, a sociologia e a antropologia. Há assim, um esforço significativo para compreender este “novo objeto”.⁹⁵

Por correspondência, visto que a linguagem sensível-corporal (ou a corporeidade*, como queira) constitui a base central da experiência sensorial

⁹⁴ CRESPO, Jorge (1990). *A história do corpo*. p. 7.

⁹⁵ O texto ampliado sobre o assunto pode ser encontrado na área de pesquisa Transformações Sociais e Educação Física – projeto iniciado por Lovisolo em 1994 junto ao PPGEF/UGF, mimeografado.

* A corporeidade, conforme o pensamento de Maurice Merleau-Ponty, diz Santin, deve estar incluída na compreensão da consciência e do eu. O eu ou a consciência são corporeidade. Assim, o eu se sente e se vive como corpo. Santin também acrescenta que à luz do pensamento antropológico pode-se observar

(energética..., vital), procurarei agora discutir, de forma breve, alguns mal-entendidos acerca deste tema, principalmente quando o debate sobre o corpo caminha na direção das especulações e das análises ideológicas gerais da sociedade.

Nessa esfera, para fundamentar a diluição da corporeidade na era pós-industrial, por assim dizer, Maria Lisbôa e Rosane Pereira interpretam os escritos de Silvino Santin da seguinte forma:

a imagem da corporeidade de nossa cultura é racionalizada, cientificada e industrializada; em nada garante o cultivo do corpo; ao contrário, o reduz a um objeto de uso, um utensílio, uma ferramenta a ser usada segundo a vontade de cada um ou, o que é pior, conforme os interesses econômicos, políticos e ideológicos de outros grupos.⁹⁶

Num quadro mais geral, os temas sobre amizade, sociabilidade e solidariedade, por exemplo, foram marcados historicamente por diferentes contrapontos e concepções filosóficas. Tomando como referência o sistema comercial ou o caráter financeiro que trata as relações pessoais à luz da visão utilitária e econômica – ou se preferir, só utilitária –, podemos encontrar, na sociedade comercial do século XVIII, algumas questões que devem ser mais bem cuidadas – principalmente quando lidamos com a imagem racionalizada do corpo, tendo como base a “extensão” da cultura ou da economia. Portanto, teríamos primeiramente a síntese da seguinte concepção:

Há uma tendência da teoria moderna de entender o intercâmbio utilitário como incongruente às relações de solidariedade (tradução livre. Cfr. original em inglês).⁹⁷

que todo sistema de relações humanas está construído na e pela corporeidade. Ou ainda: “no momento em que formos capazes de viver a nossa sensibilidade como a dinâmica da corporeidade, surgirá um outro modo de viver. Agir com sensibilidade significa sentir o dinamismo da vida, perceber a presença do outro [...]. Quando a racionalidade não se apóia na sensibilidade, torna-se fria e calculista, capaz de maiores atrocidades”. Para este comentário, ver SANTIN, S. (1987). **Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade**. p. 50. Ver também deste autor “O corpo e a estética”. In: DANTAS, E. (org.) (1994). **Pensando o corpo e o movimento**. p. 76-78.

⁹⁶ SANTIN, S. Apud LISBÔA, M. & PEREIRA, R. **Filosofia da educação física**. p. 149.

⁹⁷ [...] “the strong tendency of modern theory and culture to understand utilitarian exchange as incongruously related to personal solidarity”. Para esta citação conferir o trabalho de Allan Silver (1990). *Friendship in Commercial Society: Eighteenth-Century Social Theory and Modern Sociology*. In: **AJS**, p. 1491.

Inicialmente, poderíamos pensar que parte desta teoria explicaria um tipo de relação fria, calculista, mais impessoal, considerando que a sociedade comercial do século XVIII tenderia a atenuar as relações solidárias, tendo em vista o mecanicismo e racionalismo do período industrial clássico. Em contrapartida, a experiência escocesa, nesta mesma época, não assimilava nem apontava tal tendência.

Os escoceses viam na sociedade comercial não a atenuação do amor, mas sim uma nova forma de sociabilidade purificada do instrumentalismo penetrante, e contribuindo para o que a sociologia depois denominou solidariedade social (tradução livre. Cfr. original em inglês).⁹⁸

Mesmo diante da distância ou das diferenças entre os séculos XVIII e XX (e agora XXI, acrescentando), parece que a experiência escocesa – e aqui estou pensando no sentido metafórico – nos oferece algumas pistas (ou apresenta uma certa antecipação) para pensarmos a dinâmica das relações pessoais no nosso século. Todavia, a modernização das sociedades, se foi capaz de produzir o tão indesejável congelamento da vida (ou o racionalismo que daí se derivaria) esse, por sua vez, não poderia deixar de ser entendido como ambivalente. Assim sendo, parece-me que o que foi interpretado e dito por Lisbôa e Pereira não responde à “nova forma de sociabilidade purificada do instrumentalismo” já presente no século XVIII, nem tão pouco às experiências que, ao longo do século XX, desafiaram as diferentes formas de hegemonia cultural. Portanto, a imagem da corporeidade de

⁹⁸ “The Scots see in commercial society not an “attenuation of love”, as Nelson has it, but a new form of sociability purged of pervasive instrumentalism and contributing to what sociology later called social solidarity”. Conferir também para esta citação, Allan Silver. Idem, ibidem, p. 1493.

nossa cultura não é um símbolo petrificado. Dessa maneira, partindo do princípio de que os símbolos são dinâmicos e abertos a múltiplas interpretações, e que o homem é a espécie que produz símbolos e culturas (por isso se destacou do conjunto da natureza ao ser capaz de transformar o seu meio e a si próprio), e que a cultura é formada por uma imensa rede de símbolos materiais e espirituais, poder-se-ia supor, então, que nem as imagens nem as culturas poderiam ser também petrificadas tão facilmente. Nesse caso, qualquer forma de petrificação só poderia durar até o momento em que outras imagens e culturas ainda não fossem produzidas ou (re)inventadas. Logo, como as pessoas vivem constantemente a buscar novas experiências que dêem significado e valor às suas vidas, a imagem da corporeidade de nossa cultura não seria nunca ou somente racionalizada, cientifizada ou industrializada; em outras palavras, atrás do fascismo e do totalitarismo de Mussolini, por exemplo, estava um Trilussa.⁹⁹

É interessante afirmar que o corpo traz em si uma memória sócio-cultural, cuja história revela seus símbolos, mitos, contradições e desafios. Assim, a linguagem sensível-corporal abre um largo caminho no terreno da comunicação plural, das práticas socioculturais. Isso lembra, portanto, que este gênero de comunicabilidade parece ser vital às relações humanas. Logo, “pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social”¹⁰⁰. Por oportunidade, eu acrescentaria: pensar o corpo, nesse âmbito, é uma outra maneira de pensar a experiência de mobilização e prática política; é uma outra maneira de pensar a convivência em comunidade.

⁹⁹ “Trilussa foi um poeta italiano cujo verdadeiro nome era Carlos Alberto Salustri, viveu no tempo de Mussolini e ousou escrever fábulas criticando ferinamente o regime Fascista”. Alguns versos de Trilussa poderão ser encontrados no trabalho de ARANHA, M.L. et al. (1993). **Filosofando: introdução à filosofia** (Capítulo 25, p. 256-257).

¹⁰⁰ LE BRETON, David (1995). A síndrome de Frankenstein. In: SANT’ANNA, Denise (org.). **Políticas do corpo**. p. 65.

Complementando o assunto, a noção de auto-identidade* observada por Giddens, por exemplo, perpassa, notadamente, a concepção de corpo e estilo da vida a partir das experiências de auto-realização, não utilitárias, que contenham uma narrativa identificadora da história vivida por cada pessoa. Sobre o corpo (e a auto-realização), destaca Giddens: “o corpo não é só uma entidade física que “possuímos”, é um sistema de ação, um modo de práxis, e sua imersão prática nas interações da vida cotidiana é uma parte essencial da manutenção de um sentido coerente de auto-identidade”¹⁰¹. Ao modo da interação sugerida, reitero a posição deste autor: “um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular da auto-identidade”¹⁰².

A partir dessas considerações e dos relatos destacados ao longo do texto, a idéia de Comunidade Sensorial parece oferecer uma chave de acesso às experiências que estão para além do cálculo racional, ou aquelas que criam rupturas com os valores já cristalizados. Eis então a questão crucial: o sentido dado à convivência comunitária pelos alunos, associa-se à busca do prazer, aos contatos afetuosos à mesa, à preservação da autonomia como possibilidade de decidir sobre a elaboração da agenda destinada à discussão dos problemas e renovação do grupo (Associação Erva-Doce) e da Universidade, articuladamente.

Da amizade itinerante.

Sentar à mesa é fazer amizades, você tem um contato com diferentes pessoas e acaba sabendo um pouco da vida de cada um – isso é muito legal.

(Patrícia...)

** O conceito fornecido por Giddens sobre Auto-identidade pode ser compreendido da seguinte forma: “o eu entendido reflexivamente pelo indivíduo em termos de sua biografia”. Para este exemplo, Cf. a seguinte fonte: GIDDENS, Anthony (2000). **Modernidade e identidade**. p. 221.

¹⁰¹ Idem, p. 95.

¹⁰² Idem, p. 79.

Os estudantes na Rural estabelecem laços de amizade quase que familiares. Em se tratando do Erva-Doce, esses laços tornam-se ainda mais fortes, pois os integrantes se sentem parte de algo que eles mesmo vão construindo de acordo com suas próprias decisões. Sentem que estão contribuindo para evolução de algo que contou com a participação de outros associados antes deles e que permanecerá quando eles partirem. Acho que esse sentimento se estende a todos os simpatizantes.

(Rafael Leite)

A amizade está acima do plano ideológico quando somos francos. Metade do que eu aprendi na minha vida..., do social, foi aqui.

(Integrante do Grupo dos Teóricos)

Em primeiro plano, após estes relatos iniciais, faz-se oportuno apreciar o campo da gastronomia ao sabor de algumas meditações contextuais, itinerantes. Assim, Savarin, ao retratar a *Meditação III*, situa a gastronomia no terreno das ciências e procura legitimá-la de acordo com este estatuto; contudo, está presente na obra de Savarin a merecida atenção destinada aos saberes e artes da gastronomia, combinadamente. A *Meditação XI* anuncia a gastronomia como um dos principais vínculos da sociedade; é ela que amplia o espírito de convivência, anima a conversação e suaviza o ritmo da desigualdade convencional. Também no *Aforismo XVIII*, Savarin faz lembrar: “*quem recebe os amigos e não dá uma atenção pessoal à refeição que lhes é preparada não é digno de ter amigos*”. Para Savarin, portanto – em linhas

gerais –, a gastronomia associa-se estreitamente ao prazer do sentido e do gosto que possui uma função civilizadora¹⁰³.

Agora, tratarei o tema da amizade cruzando o referencial teórico com o itinerário que nos leva a outra estação da convivência em comunidade. Para os gregos, o mito de Prometeu aparece por significação em oposição ao mito de Epimeteu, enquanto Prometeu representa “aquele que pensa antes”, Epimeteu representa “aquele que pensa depois”.

No ponto de vista de Karl Kerényi, Apud Gaston Bachelard, ao discutir o assunto deste par de gêmeos, se pergunta:

Será que Prometeu e Epimeteu não formavam, originalmente, “um ser híbrido, o homem primordial”? Inspirando-se em Hesíodo, ele retoma a complementaridade entre o astuto Prometeu e o tolo Epimeteu, que, juntos, formam uma “unidade indistinta”. Prometeu e Epimeteu são como dois aspectos de uma única mesma Gestalt. A dupla forma Prometeu e Epimeteu representa a raça humana. Astúcia e tolice, completando uma a outra, caracterizam a humanidade¹⁰⁴.

Ou ainda:

Prometeu é ao mesmo tempo Prometeu e Epimeteu. A insensatez é assim a contrapartida da astúcia. Isso é o mesmo que dizer que a astúcia é também tolice. Sim, a astúcia não é a verdadeira inteligência. O Prometeu astuto aparece finalmente como uma “redução”, a redução de um Prometeu completo, de

¹⁰³ SAVARIN, Brillat. Op. cit. (1995, p. 16, 56 e 143).

¹⁰⁴ BACHELARD, Gaston. Fragmentos de uma poética do fogo. p. 103.

um Prometeu poético. (A retomar e desenvolver)¹⁰⁵.

Em cada um desses casos parece que a dupla Prometeu e Epimeteu revela-nos que a união dos aspectos aparentemente antagônicos se constitui numa ambivalência que acentua, metaforicamente, as relações interpessoais. Paradoxalmente, somos constantemente compelidos a refletir (ou avaliar) as formas como agimos ou encaramos o outro a partir de nós mesmos; a partir do que entendemos como perfeito ou imperfeito, certo ou errado, sensível ou inteligível. Quando envolvidos nas experiências da vida mundana, muita das vezes experiências imprevistas ou impessoais, antecipamos e optamos em nos relacionar com tipo de pessoas que mais estejam alinhadas com os nossos valores, em outras palavras, que sejam semelhantes a nós. Conforme Aristóteles, quando nos relacionamos com pessoas que possuem as mesmas virtudes que concebemos como sendo orientadoras de nossa conduta, maior a possibilidade de desenvolvermos e nos assegurarmos dos laços de amizade construídos neste tipo de relação. Por efeito, maior o grau de reciprocidade, de partilhar os bens e prazeres comuns daqueles envolvidos neste tipo de amizade (estamos aqui diante da amizade perfeita ou virtuosa, entre iguais)¹⁰⁶. Em contrapartida, também nos relacionamos, e com muita freqüência, com uma gama de pessoas que necessariamente não estão conectadas com os valores e virtudes que concebemos como sendo mais importantes segundo o nosso ponto de vista moral. Ora, não estaríamos

¹⁰⁵ Idem, p. 104.

¹⁰⁶ Cf. Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. Livro VIII, cap. 13.

nós, os mortais, diante dos mesmos paradoxos apresentados na composição da história dos mitos de Prometeu e Epimeteu? Se somos singulares por meio das diferenças, o que nos impediria de buscar nas diferenças do outro (ou nos contrários) a “completude” de uma relação? Será que as “respostas” para estas perguntas não estariam na direção (ou nas possibilidades) de concebermos outras formas de amizade que não fossem somente entre os iguais? Parece-me pertinente, pelo menos de certo modo, que as mensagens (ou pistas) sobre a construção da amizade à luz da mitologia grega – refiro-me mais especificamente às metáforas que dela se derivam – nos oferecem algumas boas lições, ainda que questionemos o universalismo ou o moralismo inerentes à mentalidade formada na Antigüidade clássica. Pois, mesmo assim – reservando-me às implicações morais –, reviver a exuberância deste inesgotável passado lendário não desapropria a grandeza das obras dos poetas Hesíodo e Homero (cerca de 700 a.C.) e de Ésquilo (cerca de 470 a.C.). Afinal de contas, eram homens que escreviam e recitavam o mundo dos deuses para a grande maioria dos outros homens. Isso não quer dizer, por outro lado, que o uso da mitologia grega possa servir, irrestritamente, como modelo explicativo para tudo o que acontece na vida terrena, mundana. No referente às relações de amizade, sabemos da impossibilidade de os homens concretizarem tal relação com a ordem divina, portanto, a amizade é uma virtude que se concretiza entre os homens na vida sublunar. Logo, as narrativas míticas sobre a amizade entre os deuses (encontradas na expressiva literatura ou dramaturgia grega) nos revelam, através de suas metáforas,

as facetas entre o mundo sensível (imaginário) e inteligível (real).

As tragédias encenadas nos teatros gregos (em seu sentido coletivo) falavam das grandes aflições dos homens da antiga época. Os personagens mitológicos, na figura dos heróis, convidavam a platéia a refletir sobre as injustiças sociais, convocando os cidadãos a uma nova maneira de pensar e de agir¹⁰⁷.

Diante destes argumentos, não estou a afirmar que tudo se reduz a uma espécie de encontro nostálgico com a Antigüidade clássica, mas, sim, tentar descortinar o outro lado da realidade, de forma que possamos refletir o homem como um incorrigível simbolizador. Por isso, não se pode negar aos homens e às mulheres a posse de um imaginário que, por sua vez, representa crenças, desejos e realidades múltiplas. Assim, no nosso tempo presente, parece que as narrativas sobre os laços de amizade entre mitos se repetem à luz de uma nova roupagem, de um novo ciclo. Seja no passado ou no presente, os heróis mitológicos partilham com os humanos a aventura na busca dos sentidos, na busca de um mundo que, apesar de contingente, tenha algum tipo de significação. Talvez este seja um caminho, pelo menos sugestivo, para uma reflexão sobre a intrincada relação entre a capacidade imaginativa dos mortais e a condição (ou o valor) atemporal do mito.

Oportunamente, retomarei o ponto sobre as formas de amizade virtuosa e accidental no sentido de discuti-las à luz da experiência empírica, considerando o resumo dos relatos coletados na entrevista – como referenciado anteriormente. Inicialmente, a vida nos alojamentos, por exemplo, exige dos alunos uma grande capacidade de adaptação às situações mais adversas; por isso, muitas das vezes implica (principalmente para os recém chegados) decepções ou constrangimentos diversos. Entretanto, à medida em que as pessoas vão se conhecendo, as relações (de tipo conflitivo) vão sendo tingidas pela solidariedade, abrindo espaço para a intimidade (afetividade) e formas de amizade. Os traços pessoais que orientam a dinâmica comunicativa

¹⁰⁷ LEVEFRE, Silvia. Op. cit., p. 772.

entre os alunos podem ser traduzidos aqui por algumas virtudes que orientam parte da vida social nos alojamentos, e em contextos específicos ligados à vida acadêmica. Vejamos então o recorte de alguns relatos:

- **Fragmentos de uma experiência nos alojamentos: da tolerância à amizade**

No início você tem que se virar. Ninguém nos conhece, somos BICHOS. Você tem que conviver com os caras, não tem jeito. A única forma é tentar se adaptar e cada um entender a individualidade do outro. Para conviver nos alojamentos você tem que ter paciência, tem que aturar, né! Depois você fica amigo dos caras, e isso é que é legal. Passamos a conviver melhor. Mas no início, se você vai ser amigo ou não, você só vai saber depois, o que importa é o momento. O que predomina no início é a política da boa vizinhança.

(Ex-aluno do curso de Educação Física)

Foi uma experiência muito importante na minha vida. Eu tive uma criação muito rígida! Ali, eu vi o outro lado das coisas (...) É uma experiência que te ajuda a crescer, os amigos contribuem para isso.

(Aluno do curso de Educação Física)

Por meio destes relatos pude perceber, inicialmente, que a tolerância abriria um caminho (em meio à contingência da experiência) para a convivência com o outro e o possível sucesso das relações pessoais (ou sociais). No entanto, a tolerância seria o primeiro passo para que os indivíduos se

tornassem solidários "mutuamente". Logo, a solidariedade, tal como os laços de amizade, "concretizar-se-iam" posteriormente. Assim sendo, a tolerância, como virtude, poderia ser compreendida aqui com sendo indissociável à dinâmica da sociabilidade. Todavia, argumentar sobre essa "pequena", mas importante virtude, como nos diz Comte-Sponville¹⁰⁸, sempre envolve alguns problemas. Por essas vias, ser tolerante não é tolerar tudo. Entender a tolerância como virtude não significa considerar virtuoso quem tolera a violência, o assassinato ou coisas desse gênero¹⁰⁹. Portanto, a tolerância exige uma justa medida. Dessa forma, Comte-Sponville acrescenta:

***A tolerância só vale contra si mesmo, e a favor de outrem. Não há tolerância quando nada se tem a perder, menos ainda quando se tem tudo a ganhar em suportar, isto é, em nada fazer*¹¹⁰.**

Por ora, mesmo que estes problemas estejam contornados pela justa medida, tratando-se do contexto em pauta, isso não levaria à certeza de um final feliz das relações; contudo, não poderíamos desconsiderar a importância dessa virtude quando não tem outro meio para superar a contingência e a ambivalência da experiência. Por efeito, apostar na tolerância seria apostar nas possibilidades de uma espera; uma espera que, a qualquer momento, pudesse deflagrar o respeito às diferenças, à empatia, à afetividade, ao calor do contato humano, mesmo que tudo isso possa vir a acontecer ou não, seja eventual ou ambivalente. De qualquer forma, na maioria dos casos, as transformações da intimidade parecem ser orquestradas por estas notas, por

¹⁰⁸ COMTE-SPONVILLE, André. *Pequeno tratado das grandes virtudes*, p. 189.

¹⁰⁹ Idem, *ibidem*, p. 173.

¹¹⁰ Idem, *ibidem*, p. 176.

esses caminhos. Conseqüentemente, isso implica relações pessoais mais intensas, comportamento solidário e construção dos laços de amizade.

A experiência da amizade entre os contrários ou vivendo relações ambíguas

Morar no alojamento foi uma experiência única na minha vida, foi um grande aprendizado. Sobre a amizade, eu acho que está mais ligada aos interesses... No nosso caso, o status das áreas ligadas ao mercado aproxima as pessoas pelo interesse financeiro. Você se identifica ou forma os grupos de acordo com a utilidade. Esse tipo de relacionamento é muito comum na vida informal, entre grupos de amigos.

(Ex-aluno do curso de Educação Física)

Para mantermos a amizade temos que estar sempre negociando. Às vezes as rotinas não são compatíveis: o que é bom para um não é bom para o outro. A pessoa chega de madrugada, liga o rádio, bagunça tudo. Isso desestabiliza a rotina. Então, ela tem que compensar isso mostrando outros serviços, servindo de alguma forma. Assim, mantemos a amizade (...) mas também tenho amigas que pensam como eu, são poucas, mas tenho.

(Ex-aluna do curso de Agronomia)

A época em que eu fiz mais amizades na Universidade foi quando eu trabalhei como estagiária na academia do campus. Eu dava aulas de dança para a comunidade e para as alunas da Rural. Apesar de haver uma troca, eu recebia pela Rural para dar aula e tinha interesse em tê-las como alunas, isso não significa um relacionamento distante, pelo contrário, nós éramos muito íntimas. Elas

me visitavam no alojamento e nós trocávamos confidências, coisas desse tipo. Claro que existia o interesse financeiro por trás disso tudo, mas nos tornamos grandes amigas, guardo esta experiência como grande recordação. Era uma relação bastante calorosa, de toques - a corporeidade era bem marcante na relação. A maior parte das minhas amigadas na Universidade foi assim.

(Ex-aluna do Curso de Educação Física.)

Nesse contexto, as novas formas de relações pessoais abrem aqui uma outra compreensão sobre as antigas formas de amizade verdadeira, reta e de reciprocidade simétrica. Esta configuração da amizade, na Antiguidade clássica, teve em Aristóteles (também em Sócrates, Platão, dentre outros), marcante repercussão. Assim, Aristóteles nos diz:

... as amigadas acidentais, que são aquelas passageiras, acontecem sobretudo entre pessoas idosas (que procuram a utilidade), e entre jovens (que procuram o prazer). Ao contrário, a amizade perfeita ocorre entre os "homens de bem" e os "semelhantes na virtude"¹¹¹.

Paradoxalmente, os relatos dos entrevistados apontam na direção de relações assimétricas de amizade (ou reciprocidade assimétrica), considerando a desigualdade como uma qualidade que não implica negatividade das relações íntimas, nem tão pouco um tipo de amizade que, por esta natureza, tenha menos valor do que aquelas filosoficamente destacadas na literatura inerente à tradição clássica, aristotélica... Parece que esse novo tipo de relação entre os desiguais vem ganhando espaço no mundo da vida contemporânea e, pois, abre um interessante debate sobre a formação de um tipo de amizade dinâmica, construída pelas diferenças e em meio à

¹¹¹ ARISTÓTELES (VIII, 1156b, p. 208). Apud BALDINI, M. (org.). **Amizade & Filósofos**, p. 14. Cf. também, Aristóteles. *Ética a Nicômaco*. In: **Os Pensadores**, Nova Cultura, 1987. (VIII, 1156b, p. 114).

contingência das experiências. Assim, poderíamos indagar: a formação dos vínculos de amizades acidentais não estaria ligada à busca da individualização em meio às experiências particulares e coletivas? Por força da metáfora, não estariam os indivíduos buscando a "unidade" num tipo de relação (amizade) Prometéica-Epimetéica?

Em outra perspectiva, contudo, com pontos similares do que estou a dizer,

Nötzoldt-Linden apela para uma noção de amizade baseada nas "amizades diferenciadas" de Simmel ("de curto prazo, orientadas para um projeto e, mas voltadas para o indivíduo") como "uma relação em processo dinâmico, multidimensional no tempo". Ela orienta-se para as novas análises da amizade, as quais recusam a pergunta pela "verdadeira" amizade e apostam para uma concepção da amizade processual e diferenciada historicamente¹¹².

Uma morada sempre lembrada: segunda estação.

¹¹² NÖTZOLDT-LINDEN, Apud ORTEGA, Francisco. **Amizade e estética da existência em Foucault**. p. 156. (Cf. o contexto interpretativo de Francisco Ortega).



Visão frontal e lateral do 5º alojamento masculino. – DEZ./2001.

Adornadas por decalques, varais e pequenos “canteiros” suspensos, as janelas superiores revelam as paixões dos alunos: o time de futebol, a caricatura dos fatos sociais, o contato e o cuidado com os elementos da natureza, enfim, é a vitrine da morada a comunicar uma maneira de pensar o mundo. Assim, a representação do alojamento é, por extensão, a da vida comunitária; por isso, ela evoca o calor dos contatos e a tensão inerentes às relações interpessoais.

Marcas dos fatos sociais



Porta do alojamento masculino. – FEV./2003.

“Meu” quarto: um toque da vida privada e a



paixão pela música de época. – NOV./2003.

Nosso quarto: o tom que mistura o público e



o privado ao ritmo da amizade, do compartilhamento – 6º alojamento masculino. – **NOV./2003.**

O sonho, o amor, a esperança – a família que



se quer preservar na casa deste lugar. Lugar Rural, lugar singular – corredor do 1º alojamento feminino. – **NOV./2003.**

A ordem no caos



Fotografias do corredor do 3º andar do 3º alojamento masculino. – MAIO/2001.

À primeira vista, as caixas utilizadas para cultivo de mudas, que estão sobre as mesas, o cachorro e os outros objetos que ocupam a área de frente do 3º andar, representam a anarquia estabelecida, a violação das normas inscritas no Regimento dos Alojamentos Universitários e, pois, a ausência de regras e princípios orientadores da ação. Dito dessa forma, os veteranos (maioria que ocupa os quartos deste setor) não poderiam deixar de carregar o peso, nem sempre merecido, de tamanha imagem: a desordem, irreverência – nenhuma etiqueta e docilidade, portanto. Por outro lado, quando enxergamos as coisas mais de perto, é possível encontrar, na iconografia, o que se mistura com as conversações: a emoção de ver e ouvir, o visível e o não-visível, o dito e o não-dito. Aqui, no fundo das aparências está a limpeza, o respeito e o cuidado com as coisas da natureza, a reflexividade a respeito dos saberes e práticas agro-ecológicas, a dialética da desordem, por assim dizer.

Vivemos num ambiente onde existe uma ordem no caos, na anarquia. Ali, as pessoas têm autonomia para construir as suas próprias regras.

(Ex-aluna do Curso de Educação Física – simpatizante do Erva-Doce. Este relato, de modo geral, diz respeito às experiências nos alojamentos).

Assim sendo, parece-me ser possível tratar o mundo dos irreverentes moradores do 3º alojamento (e em especial, os do 3º andar), à luz de outros olhares, isto é, combinando o simbolismo iconográfico com as conversações.



Cronos (Fotografia do banheiro do 3º alojamento masculino – 3º andar)

Ao cair da tarde, nada melhor que uma boa partida de futebol. Após o momento de lazer, o banheiro, o bandeirão e o Erva-Doce estão a esperar o *happening*, o acontecimento ritual, e que permanece, aqui, em vestígio fotografado. Um calção solitário a paralisar o tempo, a desafiar a tirania de um Cronos acelerado, pós-moderno. Eis um espaço que acalma os ânimos, acalenta as brincadeiras, a gozação, a fofoca. Assim, o banheiro parece propiciar os encontros,

os laços de amizade, a sociabilidade. Agora, parece que o papo continua no bandeirão... O banheiro, o calção: uma imagem de quem saindo fica.

Da imagem distanciada



Espaço anexo ao banheiro – 3º andar do 3º alojamento masculino. Aqui, no primeiro plano, pode-se ver à esquerda uma pia destinada à higiene dental, e, à direita, um tanque usado para a lavagem de roupas e outros utensílios. No plano de fundo alguns utensílios da cozinha: uma panela, uma toalha de mesa, um copo e um recipiente de plástico foram deixados sobre o parapeito da janela. – MAIO/2001.

Inicialmente, ao fotografar os utensílios da cozinha no contexto em que estavam inseridos – visto o teor inusitado da cena que ali se apresentava –, tinha a sensação de que estava diante de uma imagem que escondia um motivo ou uma mensagem ainda por ser revelada. De certa forma, quanto mais me concentrava para mirar a cena que desafiava meu olhar distanciada e indagativo, mais me instigava o fato de tornar tal imagem parte substancial do trabalho analítico. Em momento oportuno, iniciei uma conversa com a Fabíola (ex-aluna da Rural e minha acompanhante no passeio pelos alojamentos) e

passsei a “interrogá-la” sobre os detalhes da cena. Então, de forma breve, a Fabíola compara a cena aqui retratada com suas experiências no alojamento feminino:

não existe uma coziiii...nha no quarto, as pessoas procuram adaptar... A panela está ali “largada” mas tem um dono ou um responsável que trata da limpeza. A pia serve pra isso! Outra coisa é que tem muita gente que prefere fazer a sua própria comida a comer no bandeirão. Quando fazemos a nossa comida, nos preocupamos com a variedade do cardápio... Também tem a questão da confiança, da intimidade – a panela está ali porque as pessoas sabem que ninguém rouba. Existe nisso tudo algo que lembra sua própria casa. É uma experiência tão íntima que esse espaço acaba sendo a extensão da minha casa.

Antes, um olhar de estranhamento, distanciado – mensagem oculta. Agora, porém, um olhar aproximado, portanto o ressurgimento de uma imagem límpida e revestida de relatos memoráveis. Antes, uma anônima panela na janela do “banheiro”. Agora, uma panela-marca, carregada de mensagens: a confiança, a intimidade, signo de uma casa; portanto, do descuidado aparente, /o cuidado – diferença, gosto ou paladar.

Por via contextual, recordemos Câmara Cascudo que, outrora, anunciava o elogio à marmita e à panela.

... é o clássico pot-au-feu, reunindo carne de caça, cereais [...], fervendo sem parar e fornecendo caldo espesso que se tomava com o pão, trigo, cevada, milho, farinha de mandioca, uma refeição completa. É a marmita permanentemente ao lume,

cozinhando algo para a fome doméstica e sucessiva. Essa mesma vasilha dava ao conteúdo sabores peculiares, insusceptíveis de previsão culinária moderna. On fait de bonne soupe dans un vieux pot [...]. Comida inconfundível de uma única panela [...]. Era a figura tradicional dos lares antigos, ter a panela ao lume inarredável do ritmo familiar...

Com uma panela ao lume

Basta uma miga de pão!¹¹³

Tendo percorrido este itinerário, exponho , agora, a cena (imagem) não-precária, a cena provida da contigüidade: panela, a toalha.



“Da proximidade”

..., a narrativa – eis a conversação que se faz necessária!...

***Lembranças do trabalho de campo à luz da metáfora da
Maria.***

¹¹³ CASCUDO, L. da Câmara. Op. cit., p. 55-56.

... O grupo respeita muito a gata, ela é sensível e percebe as coisas que estão acontecendo. Maria é sagaz e diferente; ela cresceu no alojamento convivendo com as pessoas e sendo respeitada por todos – sabe distinguir as pessoas e escolher o espaço dela... A vida nos alojamentos parece, em parte, a metáfora da Maria.

(Alex...)

Imagens da jornada de Lévi-Strauss ou um modo



sensível de entendimento, de comunicação nos Trópicos. Imagens: lembranças partilhadas!... (2º andar do 6º alojamento masculino. – MAR./2003.

Lembrando Lévi-Strauss – quando eu estava a escrever esta parte do trabalho – muito me instigou o relato final de sua emocionante obra: o clássico *Tristes Trópicos*. O antropólogo e professor da École de France, assim descreveu, ao concluir... sua expedição:

... adeus, selvagens! Adeus, viagens! – durante os breves intervalos em que a nossa espécie suporta interromper a sua faina de colméia em captar a essência do que ele foi e continua a ser, aquém do pensamento e além da sociedade: na contemplação de um mineral mais belo que todas as nossas obras; no perfume mais sábio que os nossos livros, respirados no âmago de um lírio; ou no piscar de olhos, cheio de paciência, serenidade e perdão recíproco que um

entendimento involuntário permite, por vezes, trocar com um gato.¹¹⁴

Em termos gerais, o sentimento de solidariedade e amizade implica virtudes e diferenças, ora entre pessoas iguais (não podemos negar as relações que envolvem a amizade perfeita – sentido aristotélico) ora entre os não semelhantes. Entretanto, a configuração das novas formas de amizades acidentais foi, sem dúvida, um dos pontos importantes na construção desta parte do trabalho. Dito dessa forma, a categoria teórica AMIZADE parece ser de grande importância para os estudos que tratam de forma direta ou contextual os assuntos acerca da sociabilidade, da convivência comunitária e, por extensão, da alimentação ao longo do processo civilizador. E lá no quintal do Erva-Doce, a...

... síntese!



Síntese da casa maior, da casa Rural. Síntese dos “sonhos” e dos sentimentos dos alunos pintados na parede do quintal...

¹¹⁴ LÉVI-STRAUSS, Claude (1955). *Tristes Trópicos*. p. 410.

“Sonho que se sonha só é só um sonho que se sonha só... Mas sonho que se sonha junto é realidade!”

(*Erva-Doce*)

PARTE IV

V. IMAGENS DA TEIA DOS SONHOS



Conhecimento, sabedoria e sensibilidade.

Sob o telhado do Restaurante Erva-Doce, Erika (aluna do 6º período do Curso de Licenciatura em Ciências Agrícolas, integrante do Grupo Agroecológico e simpatizante do Erva-Doce), expressa-se por meio de um gesto transcendente dirigindo seus braços para um móbile (sinos-de-vento) que parece levitar acima do seu corpo. Também à esquerda, e mais elevado, outro móbile anuncia sua graça. No plano de fundo, um pequeno terreno verdejante é utilizado para o cultivo de variadas plantas – MAIO./2001.

No meio de uma longa entrevista aberta, fiz a seguinte pergunta a Erika: qual a sua visão sobre a relação do homem com o meio ambiente, levando em conta

a utilização do conhecimento científico como forma de objetivação da natureza? Em uma ação muito rápida, e sem pronunciar nenhuma palavra, Erika deixou o banco em que estava sentada e dirigiu-se até o móbil para manifestar o seu pensamento em enigmática e imóvel dramatização – como mostra a foto –. Após permanecer concentrada por alguns segundos, fitou-me, serenamente, e respondeu: – Está vendo isso?... é assim que nos relacionamos com a natureza e com tudo que faz parte da nossa vida... Após esta cena inusitada, retomamos o contato mais próximo e Erika pôs-se, então, a narrar:

... muito antes da ciência, da tecnologia..., o homem já se relacionava com a natureza através do conhecimento simples, da sabedoria, que foi passado de geração a geração. A observação e a sensibilidade são importantes para essa relação [...]. A ciência também é importante – tenho um colega no grupo que se aprofundou nesse campo –, mas procuramos resgatar esse conhecimento tradicional: o cuidado com a natureza, com as técnicas de manejo... O resgate do conhecimento dos veteranos, por exemplo, através da transmissão do conhecimento para os “bichos” é uma forma de manter a tradição cultural... Ahaa, estes sinos foram feitos pela Nina (a fadinha do Erva) – você já a conhece? Isto aqui se chama a “Teia dos Sonhos”⁷⁸ – resgata uma lenda indígena que fala sobre os

⁷⁸ Pendurada abaixo do móbil e imperceptível quando olhada frontalmente, uma figura plana, em forma circular, retrata uma teia desenhada com o uso de fibras que se entrelaçam. Portanto, na versão de Erika, em cada intersecção da teia, uma mensagem que permite o diálogo metafórico entre mundos, considerando o “jogo” com o signo (ou a analogia) indicial.

costumes do seu povo¹¹⁵. Cada ponto da teia representa uma coisa: a família, a natureza.... A teia é esse emaranhado que parece muito com a nossa experiência aqui na Rural... Cada lugar é um ponto de encontro de novas experiências. Cada grupo tem suas características, vivemos com as diferenças e as semelhanças. Faço amizade aqui no Erva, nos alojamentos... No fim, somos uma grande família.

(síntese da narrativa)

Passaram-se alguns meses e em momento oportuno conheci a Nina. Conversamos sobre a entrevista inicial que realizei com a Erika e, novas informações, vieram à tona. Vejamos, resumidamente, o que a Nina acrescenta:

... a Erika é minha amiga! Achei muito legal a forma como ela interpretou a lenda – foi bastante original. A teia dos sonhos é uma lenda dos índios Americanos. A lenda diz que as mensagens dos espíritos superiores que são puras e verdadeiras chegavam aos índios através dos sonhos. Nos sonhos, os bons e os maus pensamentos ao

¹¹⁵ Para efeito de contextualização, vale acrescentar o que nos diz Miguel Altieri em seu trabalho – Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável (2000, p.26-27). “A etnoecologia é o estudo e descrição de sistemas de conhecimento de grupos e étnicos rurais indígenas sobre o mundo natural (Alcorn, 1984). Esse conhecimento tem muitas dimensões, incluindo lingüística, botânica, zoologia, artesanato e agricultura, e deriva da interação direta entre os seres humanos e o meio ambiente. Os povos indígenas extraem as informações mais adaptáveis e úteis do meio através de sistemas especiais de conhecimento e percepções. Desse modo, preservam e repassam informações de geração a geração por meios orais ou empíricos (Chambers, 1983)”.

*passarem pela teia são filtrados por uma pedra ou por outro objeto sagrado que fica no centro da teia, sendo que, apenas as mensagens boas e verdadeiras chegarão enquanto se dorme. É como se as coisas do ego e do inconsciente fossem filtradas para que as mensagens boas e verdadeiras prevaleçam. Nós chegamos aqui com muita coisa na cabeça, com muitas tarefas para serem cumpridas... Esses... (“sinos”)... parecem filtrar as coisas ruins e passar apenas as coisas boas dos nossos sonhos. Isso faz com que nos dediquemos mais às coisas boas do Erva. É uma forma de energia positiva que ilumina o ambiente.**

(FEV./2002 – A Nina é representante da Associação Erva-doce e do GAE.)

Entre outros assuntos levantados ao longo da conversa, gostaria de antecipar que o modo lúdico com que a Erika e a Nina lidam com essa experiência revestida de simbolismo mágico, fazem revelar – assim estou a crer – não a separação, mas dimensão holística que agrega a cultura da tradição, o caráter sagrado ligado à natureza, o conhecimento científico e a pesquisa, por extensão. Todavia, essas considerações têm me permitido refletir sobre os discursos dos alunos... (visto as justificações de suas ações),

· Para Cfr. A versão da Nina consultar, por exemplo, o seguinte endereço eletrônico (www.filtrodossonhos.hpg.ig.com.br). Em síntese, “o *dreamcatcher* é um objeto sagrado da tradição dos índios Americanos e a lenda diz que um *dreamcatcher* ajudará a pessoa que dorme a ter apenas sonhos agradáveis. O *dreamcatcher* captura, durante a noite, o espírito de todos os sonhos maus e os prende em sua rede permitindo que apenas os bons sonhos passem através da mesma. No centro do *dreamcatcher* há um pequeno buraco por onde passam os bons sonhos que se carregam com a energia dos objetos da natureza (as pedras, penas e pelos de animais) que o adornam e logo toda essa energia positiva é transmitida para quem está sonhando [...]. O *dreamcatcher* é confeccionado com galhos e fibras de salgueiro [...]. Acredita-se que os *dreamcatchers* proporcionam boa sorte e harmonia”.

cujos ideais apontam para a concepção de uma epistemologia alternativa e as práticas socioculturais congruentes com o projeto ecologicamente sustentável.

Por correspondência, ilustro o que venho falando apropriando-me das palavras do sociológico Héctor Leis:

... a agricultura orgânica, os restaurantes naturais, as associações ambientalistas e os grupos de meditação vão empurrando o conjunto da sociedade brasileira em direção a uma nova relação com o meio ambiente [...]. Uma síntese criadora e vivencial das ciências, filosofias e religiões já ajuda a celebrar uma nova unidade entre ser humano, Deus e natureza. Ou, como diziam os sábios taoístas na China antiga, “homem, céu e terra”.¹¹⁶

Por correspondência, apoiando-se no pensamento de Alain Touraine, Scott levanta o questionamento acerca da racionalidade, que é a base do conceito ocidental de modernização (ou, como chama Touraine, a “nova modernidade”). Por conseguinte, Scott, avança nesta questão e chega à problemática referente às universidades do século XXI, considerando, no entanto, que as mesmas também deverão levar em conta “as formas de conhecimento tradicionais, alternativas” e, quem sabe, o aparecimento de valores anticognitivos que corroerão as bases da ciência objetiva¹¹⁷. Ainda conectado a este cenário, cabe notar que, quanto mais a ciência é enaltecida pelo discurso dos legisladores do saber, ou pelos meios de comunicação de massa, mais se reproduz a idéia de força da competência especializada – em sentido parecido, tudo indica que uma coisa leva à outra – bem como os paradoxos entre a ação e seus resultados.

¹¹⁶ LEIS, H. Apud Equipe Planeta. **Revista Planeta**: nova era, p.43-44.

¹¹⁷ SCOTT, P. Fissuras na torre de marfim. **Revista UNESCO o Correio**, v. 26, n. 11, p. 20.

Sem a pretensão de desqualificar o considerável avanço do saber científico neste final de século, o que coloco em pauta são os estigmas e/ou o regime de verdades que consagram e reproduzem a “hegemonia” da ciência ao longo da história. Assim, cientistas, especialistas (ou técnicos) e os cidadãos comuns, encontram-se, diariamente, frente aos paradoxos produzidos pela “ciência”. Em outras palavras, vale acrescentar o que Giddens (num contexto mais geral) diz:

não podemos simplesmente “aceitar” os achados que os cientistas produzem, para início de conversa por causa da freqüência com que eles discordam uns dos outros, em particular em situações de risco fabricado. E hoje, todos reconhecem o caráter essencialmente “fluído” da ciência. Cada vez que uma pessoa decide o que comer, o que tomar no café da manhã, se café descafeinado ou comum, ela toma uma decisão no contexto de informações científicas e tecnológicas conflitantes e mutáveis.¹¹⁸

Em síntese, enquanto os cientistas, os especialistas, os políticos e os burocratas de uma forma geral não forem capazes de recuperar o diálogo com a sociedade e com a própria natureza, o ideal de vida boa ficará, por muito, no discurso vazio. Por isso a “lição” da multidimensionalidade se dirige a todos, considerando a complexidade que envolve os estudos... ambientais (ou ecológicos), por exemplo. Precisamos, constantemente, inventar novas formas de

¹¹⁸ Para este comentário, consultar GIDDENS, A. **Mundo em descontrole.** p. 36.

interação, de conhecimento e de ação. Por essas notas, reitero a mensagem de Morin:

“Nós só sairemos da nossa barbárie mental quando formos capazes de considerar a complexidade dos fenômenos. É a nossa maneira de ver quem deve mudar.”¹¹⁹

E sobre as palavras primeiras: IMAGENS, um corpo, um gesto, um pequeno móbile – prenúncios. A narrativa, uma lenda, um povo – a teia dos sonhos: duas versões e muitas metáforas, engajamento, identidade, pertencimento e sensibilidade.

CONCLUSÃO

Falar sobre o espírito da Associação Erva-Doce é caminhar na via do pensamento multidimensional. Aqui, o todo complexo nos permite observar as pequenas partes se relacionando com as grandes partes. Em primeiro plano, a Associação Erva-Doce mostra a possibilidade de cultivo da cultura gastronômica sintonizada com o consumo moderado, com o gosto e o prazer (fundamentos estéticos) de sentar à mesa em calorosa reunião para comer. Por força da filosofia de autogestão, que orienta as atividades do grupo, tensões e conflitos internos resultam em experiências de vida partilhadas coletivamente, democraticamente. Um espaço, portanto, de

¹¹⁹ MORIN, E. & LE MOIGNE, J.L. cap. III, p. 154.

trocas constantes, de saberes e práticas identificados com a cooperação, com o respeito à natureza, com a autonomia de cada pessoa, com um projeto de vida boa. Em linhas gerais – ainda que lado a lado com a fragmentação das relações sociais –, a Comunidade Sensorial ou Local responde aos desafios da pós-modernidade, da descontextualização, do vazio existencial. Em segundo plano, porém correspondente à primeira questão de estudo, sentar à mesa representa um ritual de comunicação, e não apenas para comer; portanto, participar da refeição com um tempo determinado amplia as relações sociais e enriquece o fundamento cultural que sustenta o processo civilizador. Todavia, daí resulta a sociabilidade dos grupos humanos que se reúnem para comer em um local rico em simbolismo e calor humano – em horário certo. Aqui, ao ritmo Erva-doce, a hipótese confirma o contrário da angústia manifestada por Câmara Cascudo em nota anterior: “comer de pé, elegendo os pratos pela pressão de uma mola, é modalidade de pasto.”

De outro modo, olhar para o pequeno grupo (microsocial) é ver, por correspondência, a dimensão macro ou civilizadora da experiência alimentária, social. É ver o lugar comum dos convivas em comunidade. Também neste entorno, como fora visto em Norbert Elias, o comportamento à mesa, considerando a expressão de moderamento, sinaliza o maior (auto)domínio no contexto do processo civilizador. Assim sendo, isso representa o grau de conformidade com os modos de conduta mais espontâneos ou docilizados no curso da modernidade avançada. Esse conjunto de fatores, no entanto, inscreve os saberes e as práticas difundidas pela Associação

Erva-Doce nas páginas da Comunidade Sensorial. Com efeito, a gastronomia ilustra o refinamento à luz do olhar polido e favorece os vínculos de amizade. No decorrer da investigação, a categoria teórica AMIZADE perpassa com notada força os depoimentos dos alunos, anunciando, pois, um modo singular da dinâmica de sociabilidade vivida nos grupos de pertencimento, no Campus da Rural. Eis uma experiência carregada de memória, sempre!

De forma mais geral, muito me instigou, no curso da investigação, a forma com que os alunos confrontam a vida universitária por ordem da metáfora da duplicidade, ou seja: de um lado tensão e limitações – sem generalizações, portanto – oriundas da Universidade de cima, do outro lado, a possibilidade de, a partir da Universidade de baixo, gozar a plena autonomia no que diz respeito à construção e difusão do conhecimento próprio, a garantia de mediar interesses, desejos, ciência e saberes a partir de um projeto coletivo, porém, assinado por cada individualidade. Por extensão, é nesse campo ambivalente e estetizado da Universidade Rural que os atores sociais expõem os seus projetos, dramatizam e materializam parte de seu sonhos. Oportunamente, a paisagem do Campus também contribui para estimular a imaginação e conferir significados ao cotidiano. A arquitetura, por exemplo – em especial o P1 (Prédio da Reitoria) –, é representada por muitos como uma construção bela, graciosa. Na fachada do P1, os traços leves do Barroco dão o ar da graça e do olhar prazenteiro. No interior do quadrado maior, o jardim e os longos corredores acomodam os passantes, os casais de namorados, os ensaios poéticos, as imagens leves.

Imponência relativa, o bate-papo à vontade, circulação de todos, cálculo racional, fôlego e sensibilidade. Aqui, o mote do poder hierárquico se destina ao campo das relações burocráticas, e não às experiências partilhadas nos espaços simbólicos de pertencimento. Daí o sentido democrático da utilização do espaço público pelo ex-aluno Geovan. Ao deixar a sua poesia no jardim do P1, o poeta faz comunicar no espaço público os seus sentimentos e gostos privados.

Bem de perto, pude notar, ao longo de quatro anos de andanças, observações e conversações, o quanto fervilham as relações sociais nos espaços da Rural. Sentimento anarquista, utopias românticas e renovação moral através das artes, da sensibilidade – arte de cuidar da terra, arte culinária, arte de resistência. Muitos desafios e um modo singular de encarar a vida e os problemas diversos da convivência em comunidade. Uma teia de relações sociais, culturais. Tudo parece, por força contextual, que esse conjunto de fatores vinculados à Associação Erva-Doce é uma (entre outras) forma de responder (e não de se apagar) aos desafios do mundo contemporâneo.

De forma geral, amparado pelos depoimentos dos alunos, pude perceber o quanto a Universidade Rural é sublinhada pelas experiências moleculares que tingem de vigor e elegância o cotidiano desse lugar. Uma universidade que, apesar dos seus problemas, deve ser vista e respeitada por uma de suas maiores virtudes, tudo indica: acolhe os seus alunos por meio do programa de moradia gratuita e de alimentação a baixo custo. Portanto, a preservação dos alojamentos, do bandeirão e dos Grupos de pertencimento

contribui detidamente para o desenvolvimento humano e cultural de todos – dos de dentro e dos de fora! Por correspondência, contribui para fazer da Rural um Campus Universitário agregador, quente, humanizado e de intensa vida social, sem – como já disse antes – a promessa da felicidade irrestrita.

Por outro lado, os funcionários “nativos”, tal como aqueles que aqui não residem, ajudam a tocar a Universidade para frente. Seja por meio das tecnologias de informações (que agilizam o mundo acadêmico-administrativo à velocidade da rede), ou por meio do carro tosco. Desse modo, a caneta e o mouse não anulam, também, presença do vaqueiro de estilo elegante que passa tocando os bois nas larguezas da fazenda da cidade. Quando olhamos a Universidade como um todo, é possível percebermos a velocidade e a calma, as “pequenas” coisas em pleno diálogo com as grandes coisas, reitero.

Nos habituamos a dizer que os melhores anos de nossas vidas acontecem enquanto somos alunos, pois temos aquele tipo de “compromisso descompromissado”, onde temos consciência da responsabilidade para com os estudos, e fora isso, todo o tempo para curtir. Mas, um sentimento mais amplo de prazer efetivo, e não simplesmente uma frase de efeito, tem lugar quando os melhores anos de nossas vidas são passados na Rural. À primeira vista, toda beleza arquitetônica nos faz ficar um tanto inibidos. Com o passar do tempo, descobrimos que a beleza não está somente nas construções, e sim em todo o Campus,

através da paisagem, do companheirismo, da cumplicidade do dia-a-dia, da tranqüilidade do lugar, do silêncio e, às vezes, barulho das noites. Tudo isso nos faz pensar que, após o término da graduação, seria uma ótima idéia prosseguirmos num curso de pós-graduação e continuarmos um pouco mais por aqui.

(Relato destacado da revista a UFRRJ: Rumos, 1998:35)

Assim sendo, os alunos inscrevem nas páginas da Rural as suas biografias, as suas utopias tão sonhadas,. Erva-Doce: teia dos sonhos, teia da vida. Erva-Doce: patrimônio cultural da Rural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTIERI, Miguel (2000). **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS.

ARANHA, Maria Lúcia et al. (1993). **Filosofando: introdução à filosofia**. 2. ed. São Paulo: Moderna.

ARISTÓTELES. (1987). **Ética a Nicômano**. In: **Os Pensadores**, v. II, Livros VIII e IX. São Paulo: Nova Cultura.

ATHAYDE, Fernando (1994). Prometeu e outros mitos: contando história e recriando práticas no ensino da cultura física. (Dissertação de Mestrado). Rio de Janeiro: PPGEF/UGF.

BACHELARD, Gaston (1988). Fragmentos de uma poética do fogo. São Paulo, Brasiliense.

_____. (1989). **A psicanálise do fogo. Lisboa: Litoral Edições.**

BALDINI, Massimo (2000). **Amizade & Filósofos**. São Paulo: EDUSC.

BECK, Ulrich; GIDDENS, Anthony & LASH, S. (1994). *Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna.* São Paulo: UNESP.

BECKER, Howard (1996). *Explorando a sociedade fotograficamente.* In: PEIXOTO, Clarice et al. (ed.). *Cadernos de antropologia e imagem 2, PPCIS/NAI-UERJ.*

_____ **(1999).** *Métodos de pesquisa em ciências sociais.* 4. ed. São Paulo: Hucitec.

CADERNO do XXI ENEEF (2000). *Educação Física e Movimentos Sociais: consolidando relações para a transformação social.* UFRRJ, set.

CAMPBELL, Colin. (2001). *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno.* Rio de Janeiro: Rocco.

CARDOSO, Ruth. (1986). *Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método.* In: **CARDOSO, R. (org.).** *A aventura antropológica: teoria e pesquisa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

CARVALHO, Affonso. (1988). *Boletim Rural Semanal, UFRRJ.*

CASCUDO, L. Câmara. (1983). *História da alimentação no Brasil.* Belo Horizonte: Tatiaia. v. 1, v. 2.

CASTELLS, Manuel. (1999). *O poder da identidade.* São Paulo: Paz e Terra. v. 2.

CHEVALIER, Jean et al. (1996). *Dicionário de símbolos.* 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

COMPTE-SPONVILLE, André (1996). *Pequeno tratado das grandes virtudes.* 4. ed. São Paulo: Martins Fontes.

CORDEIRO, Graça & DA COSTA, Antônio. *Bairros, contexto e intersecções.* In: **VELHO, Gilberto (org.) (1999).** *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.* Rio de Janeiro: Zahar.

COSTA, Luiz Flávio de Carvalho; MOREIRA, Roberto José; BRUNO, Regina (org.) (1999). *Mundo rural e tempo presente.* Rio de Janeiro: Mauad.

ELIAS, Norbert. (1990). *O processo civilizador: uma história dos costumes. v. 1.* Rio de Janeiro: Zahar.

_____. (1993). *O processo civilizador: formação do estado e civilização. v. 2.* Rio de Janeiro: Zahar.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado. (tradução de Alberto Guzik: obra original de 470 a.C.). In: Câmara Brasileira do Livro. São Paulo: Abril Cultural, 1982.*

FELDMAN-BIANCO, Bela & MOREIRA LEITE, Miriam (1998). (org.). *Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais.* Campinas: Papyrus.

FERNÁNDEZ-ARMESTO, Felipe. (2004). *Comida: uma história.* Rio de Janeiro: Record.

FLANDRIN, Jean-Louis et al. (1998). (org.). *História da Alimentação. 2. ed.* São Paulo: Estação Liberdade.

FORTUNA, Carlos (1999). *Identidades, Percursos, Paisagens Culturais: estudos sociológicos de cultura urbana. Oeiras/Portugal: Celta Editora.*

GIDDENS, Anthony (2000). *Mundo em descontrolo: o que a globalização está fazendo de nós.* São Paulo: Record.

_____. (2002). *Modernidade e identidade.* Rio de Janeiro: Zahar.

GRACIÁN, Baltasar (1996). *A arte da prudência.* São Paulo: Martins Fontes.

GUSMÁN, Eduardo & NAVARRO, Manuel. (1988). *Ecosociologia: algunos elementos teóricos para el análisis de la coevolución social y ecológica en la agricultura. VII Jornadas*

de Adalucia y América. *Reis – La Rábida*, 14/16 mar. (Univ. de Córdoba y Granada).

HERNÁNDES, Jaime. *El desarrollo sustentable y el medio rural: consideraciones conceptuales.* In: *Revista RENGLONES*, n. 41/42, ago. 1998 e mar. 1999 (Madrid).

JAPIASSÚ, Hilton et al. (1996). *Dicionário básico de filosofia.* 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

KELLY, Celso et al. (1979). *Século XIX: o romantismo.* Rio de Janeiro: Museu Nacional de Belas Artes.

LE BRETON, David. (1995). *A síndrome de Frankenstein.* In: **SANT'ANNA, D. (org.).** *Políticas do corpo.* São Paulo: Estação Liberdade.

LEFEVRE, Silvia (1973). *Dióscuros, Aquiles, Oráculos – Sibilos.* In: *Enciclopédia Mitologia, volume terceiro.* São Paulo: Abril Cultural.

LEIS, Héctor (s/d). *Revista Planeta: nova era.* São Paulo: Cátia Alzugarau, n. 12.

LEITE, Rafael et al. (1998). *Associação Erva-Doce. II Mostra e Seminário de Extensão da UFRRJ*, nov.

LÉVI-STRAUSS, Claude (1955). *Tristes Trópicos.* Lisboa: Edições 70.

LIMA, Fábio. (2003). *Tradição e modernidade no percurso do arquiteto Ângelo Murgel: Parque Nacional de Itatia: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Dois projetos urbanísticos.* Bol. n. 11, UFRRJ.

LISBÔA, Maria & PEREIRA, Rosane (1994). *Filosofia da educação física.* Porto Alegre: Edições EST.

LOVISOLO, Hugo (1994). *Projeto da Área de Pesquisa “Transformações Sociais e Educação Física”.* Rio de Janeiro: PPGEF/UGF, mimeografado.

_____ (1995). *Educação Física: a arte da mediação*. Rio de Janeiro: Sprint.

LUSTOSA, Isabel. (2004). O Globo. Domingo. 22 ago.

McADAM, D. (1996). *Conceptual origins. Corrent problems, future directions.* In: **McADAM, D. et al. (org.).** *Comparative perspectives on social movements: political opportunities, mobilizing structures, and cultural framings.* New York: Cambridge University Press.

MARAVALL, José (1997). *A cultura do Barroco: análise de uma estrutura histórica.* São Paulo: Edusp.

MARÍAS, Julián (s/d). *História da filosofia.* 5. ed. Porto: Edições Souza & Almeida.

MELUCCI, Alberto. (1994). *Movimentos sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento – Entrevista a L. Avritzer e T Lyyra.* Novos Estudos Sebrap. São Paulo, nov., n. 40.

_____. (1989). *Um objetivo para os movimentos sociais?* Lua Nova Revista de Cultura Política. São Paulo, jun., n. 17.

MORRIN, Edgar & LE MOIGNE, Jean-Louis (2000). *A inteligência da complexidade.* São Paulo: Peirópolis.

PERROT, M. (1988). *Os excluídos da história: operários, mulheres prisioneiros.* Rio de Janeiro: Paz e Terra.

PRESTES, Anita. (2004). *A revolução com ternura.* Revista Nossa História, ano 1, n. 9, jul. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional.

ONDJAKI (2000). Revista UNESCO o Correio, ano 29, n. 09/10, set./out. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

ONFRAY, Michel. (1999). *A razão gulosa: filosofia do gosto.* Rio de Janeiro: Rocco.

ORTEGA, Francisco (1999). *Amizade e estética da existência em Foucault.* Rio de Janeiro: Graal.

REVEL, Jacques (1998). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise.* Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas.

RIBEIRO, Renato. (2003). *A universidade e a vida atual: Fellini não via filmes.* Rio de Janeiro: Campus.

SALIBA, Elias. (2003). *As utopias românticas. 2. ed.* São Paulo: Estação Liberdade.

SANTIN, Silvino. (1994). *O corpo e a ética.* In: **DANTAS, Estélio (org.).** *Pensando o corpo e o movimento.* Rio de Janeiro: Chap.

SAVARIN, Brillat. (1995). *A fisiologia do gosto.* São Paulo: Companhia das Letras.

SCHAEFFER, Jean-Marie (1996). *A imagem precária: sobre o dispositivo fotográfico.* Campinas: Papirus.

Scott, Peter (1998). *Fissuras na torre de marfim.* Revista UNESCO o Correio, v. 26, n. 11, nov. Rio de Janeiro: FGV.

SENNETT, Richard (1997). *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental.* Rio de Janeiro: Record.

SILVER, Allan (1990). *Friendship in commercial society: eighteenth-century social theory and modern sociology.* In: *American Journal of Sociology*, v. 95, n. 6, University of Chicago Press.

TAYLOR, Rafael et al. (2000). *Aprender-compreender la antropología.* México: Campaña Editorial Continental.

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (1998). *Revista Rumos.* Rio de Janeiro: UFRRJ.

WAIZBORT, Leopoldo. (1999) (org.). *Elias e Simmel.* In: *Dossiê Norbert Elias.* São Paulo: Edusp.

VAZ. H. Lima et al. (1989). *Síntese: nova fase*, v. 17, n. 45, jan./abr.

ANEXOS

Anexo I **Estatuto Erva-Doce**

ERVA DOCE

ESTATUTO

Capítulo I

Da denominação, sede, fins e duração:

** Artigo 01*

A Associação ERVA-DOCE constitui-se como sociedade civil, sem fins lucrativos, apartidária, que se regerá pelo presente estatuto, tendo duração indeterminada e sede na Antiga Rodovia Rio-São Paulo, Km 47, Seropédica, Estado do Rio de Janeiro.

** Artigo 02*

Constituem objetivos da Associação:

I. OBJETIVOS GERAIS

Constituir um grupo aberto, voltado para uma vida harmoniosa, com respeito ao ser humano e à natureza como parte de um todo, apoiando o desenvolvimento de uma nova consciência social e espiritual e das relações do homem com o meio ambiente.

II. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

a) Promover e difundir a convivência em grupo, inspirando as pessoas ao trabalho comunitário, onde existe compromisso, respeito, responsabilidade, doação individual e amor.

- b) Fornecer uma alternativa de alimentação dentro da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, alimentação esta, natural, de qualidade, preparada com amor e a preços acessíveis à comunidade, buscando a conscientização sobre a importância desta.*
- c) Ser um espaço na UFRRJ, que possa fomentar a produção seja da cultura, idéias e produtos artesanais, bem como promover, divulgar e apoiar diversos movimentos alternativos como terapias naturais, cultura alternativa, etc.*

III. METAS

- a) Trabalhar com alimentação alternativa, onde se aproveite o alimento de forma integral.*
- b) Utilizar produtos de procedência conhecida e sem insumos químicos*
- c) Abrir a prateleira para produção da comunidade.*
- d) Promover o atendimento com atenção e carinho.*
- e) Separação do lixo para posterior reciclagem.*
- f) Promoção de eventos em geral (cursos, debates, palestras, vivências, encontros, seminários, viagens...), bem como possibilitar a participação de seus membros aos mesmos, quer promovidos por outras entidades.*

Capítulo II

Da constituição da Associação:

**** Artigo 03***

O Erva-Doce é constituído por associados fundadores e postulantes que a partir da fundação se propuserem a participar de suas atividades sociais,

tomando parte ativa nos seus trabalhos e realizando as tarefas que cabem aos associados em geral.

** Artigo 04*

Para ingresso posterior no quadro social, o postulante, obrigatoriamente terá que se apresentar a qualquer assembléia geral, onde colocará suas intenções com relação ao grupo, sendo sua entrada a ascensão condicionadas às necessidades da Associação, bem como para o cumprimento das atribuições deste estatuto e regime interno.

** Artigo 05*

Todas as admissões de associados serão recebidas somente após o referendo da Assembléia Geral, sendo necessário no mínimo dois terços do quadro social para a aprovação de cada novo sócio, respeitado os preceitos do artigo décimo-quinto.

** Artigo 06*

A Assembléia Geral delibera, por no mínimo dois terços dos seus membros, pelo afastamento dos associados que sem motivos justificados, deixarem de comparecer a compromissos diversos (Assembléia Geral, reuniões, e/ou tarefas), consecutivos ou não, e os que infringirem o presente estatuto, o regimento interno ou deixarem de colaborar com as atividades da Associação.

Parágrafo 1º - As justificativas do não comparecimento às diversas atividades da Associação deverão ser feitas na primeira assembléia ou reunião representativa realizada após a falta, quando deverão ser claramente expostas as razões do não comparecimento.

Parágrafo 2º - Caberá à Assembléia Geral aceitar ou não as justificativas.

** Artigo 07*

Para cumprir seus objetivos, o grupo ERVA-DOCE terá a seguinte composição:

- a. Assembléia Geral*
- b. Conselho Superior*
- c. Comissões Executivas*

Capítulo III

Das Assembléias Gerais:

** Artigo 08*

A Assembléia Geral é o órgão superior de deliberação da Associação, que se reunirá ordinariamente uma vez por semestre, em dia e hora a serem designados pelo Coordenador Geral e extraordinariamente em qualquer data, sempre que for necessário e suas deliberações vinculam a todos, ainda que [...].

** Artigo 09*

A Assembléia Geral é constituída pelos membros da associação, com direito à palavra e voto, tendo cada associado direito a um voto. Os postulantes a associados poderão participar da Assembléia como ouvintes, sem direito a voto e voz.

Parágrafo 1º - Os trabalhos da Assembléia Geral serão abertos com no mínimo 50% (cinquenta por cento) dos associados no gozo de seus direitos, tratando-se da primeira convocação.

Parágrafo 2º - Na segunda convocação, a Assembléia Geral poderá funcionar com no mínimo um terço dos associados e discutirá toda a matéria proposta na primeira convocação, cujas deliberações obrigarão igualmente os ausentes.

** Artigo 10*

As Assembléias Gerais poderão se reunir em qualquer época por convocação do Coordenador Geral ou por 50% dos sócios no gozo dos seus direitos, quando haja necessidade de deliberar matéria de caráter urgente pendente de solução.

** Artigo 11*

O quorum de deliberações das Assembléias Gerais será de dois terços dos associados presentes e no gozo dos seus direitos.

** Artigo 12*

As Assembléias Gerais serão instaladas e presididas pelo Coordenador Geral e na sua falta ou impedimento pelo Secretário Executivo. O Presidente convidará um dos sócios para secretariar a mesma.

** Artigo 13*

Os associados serão convocados para participarem das Assembléias ou reuniões com, no mínimo, 48 (quarenta e oito) horas de antecedência.

** Artigo 14*

A Assembléia Geral Ordinária se reunirá para:

a – Definir a orientação geral da associação;

b – Eleger 06 (seis) membros que comporão o Conselho Superior e entre estes, designar o Coordenador Geral, o Secretário Executivo, o

Tesoureiro, cada um com seus respectivos suplentes, empossando-os nos respectivos cargos, por 06 (seis) meses, podendo ser reeleitos. Caso algum desses membros não esteja correspondendo às expectativas do grupo, pode ser substituído a qualquer momento, conforme deliberação da Assembléia;

c – Examinar o relatório do Conselho Superior e a prestação de contas da tesouraria no fim de cada exercício financeiro, aprovando-os ou rejeitando-os e, no caso de rejeição, determinando os reparos os prescrevendo combinações;

d – Criar Comissões Executivas que se responsabilizem por seus setores, à medida que forem necessárias;

e – Autorizar a alienação de bens da associação ou a instituição de bônus sobre os mesmos, inclusive no caso de bens imóveis;

f – Deliberar sobre o orçamento da receita e despesa, bem como dos planos de provimento financeiro;

g – Apresentar plano de alteração de estatuto ou recebê-lo na plenária para submeter à discussão aceitando a decisão da Assembléia e mandando formalizar no Registro de Alterações;

h – Aprovar os propostos de admissão de novos sócios ou rejeitá-los, bem como decidir a exclusão de membros em atendimento ao previsto nos artigos 6º e 7º deste estatuto.

** Artigo 15*

Semestralmente, na Assembléia Geral Ordinária, a tesouraria apresentará o balanço do Exercício-Financeiro a fim de ser discutido e aprovado, e o Coordenador Geral oferecerá o Orçamento de Receitas e Despesas para o exercício seguinte, para os mesmos fins e aprovação.

Parágrafo 1º - Despesas feitas fora do Orçamento deverão ser levadas à apreciação da primeira Assembléia Geral que se realiza.

Parágrafo 2º - No caso de rejeitada a despesa, ficará o associado que a autorizou responsável individualmente por gastos, devendo ressarcir aos cofres da associação os valores retirados dentro de trinta dias, sob pena de execução judicial.

Capítulo IV

** Artigo 16*

Compete ao Coordenador Geral:

- a – Representar a Associação ativa ou passiva, judicial e extrajudicialmente;*
- b – Movimentar com o tesoureiro as finanças;*
- c – Movimentar com o secretário, as finanças, em caso de impedimento do tesoureiro;*
- d – Convocar e coordenar as Assembléias Gerais e as Reuniões do Conselho Superior;*
- e – Encaminhar as deliberações das Assembléias Gerais;*
- f – Nomear procuradores e assessores para fins especiais, “ad referendum” da Assembléia Geral.*

** Artigo 17*

São atribuições do Secretário Executivo:

- a – Coordenar os trabalhos administrativos;*

b – Responder pela Secretaria;

c – Manter os arquivos e correspondências da Associação em perfeita ordem;

d – Movimentar com o Tesoureiro, as contas bancárias, em caso de impedimento do Coordenador Geral;

e – Secretariar as Assembléias Gerais e Reuniões.

** Artigo 18*

São atribuições do Tesoureiro:

a – Manter sob sua responsabilidade o Livro de Finanças, supervisionando todas as atividades da tesouraria;

b – Conduzir a contabilidade rigorosamente atualizada;

c – Movimentar com o Coordenador Geral as contas bancárias ou com o secretário em caso de impedimento do Coordenador Geral.

** Artigo 19*

Compete aos suplentes do Conselho Superior:

a – Colaborar com os membros efetivos no cumprimento de suas tarefas;

b – Substituir os membros efetivos em caso de impedimento.

Capítulo V

** Artigo 20*

Para dar cumprimento aos seus objetivos sociais, a Associação poderá gerir um restaurante, bem como, firmar convênio ou acordar com instituições diversas, nacionais ou estrangeiras, para intercâmbio, cooperação ou ajuda, que possa beneficiar a associação.

** Artigo 21*

Os membros da Associação não receberão da mesma qualquer remuneração, direta ou indireta, e também não respondem subsidiariamente por obrigações sociais, bem como não serão distribuídos lucros, vantagens ou bonificações a dirigentes, coordenadores ou associados, sob nenhuma forma; a renda proveniente da prestação de serviços a não associados terá que ser revertida no cumprimento dos objetivos da Associação. O ERVA-DOCE é entidade sem fins lucrativos.

Parágrafo único – A única forma de remuneração é em alimento.

** Artigo 22*

O associado que eventualmente desempenhar qualquer tarefa passível de remuneração na entidade perderá sua condição de membro durante o período em que desempenhar tal tarefa.

** Artigo 23*

A Associação na eventualidade de entrar em liquidação, ressalvados em casos previstos na lei, obrigará deliberação da Assembléia Geral Extraordinária, convocada especialmente para este fim, que exigirá presença de, no mínimo, dois terços dos associados no gozo de seus direitos, com a deliberação a ser tomada requerendo a maioria de dois terços da plenária.

Parágrafo 1º - Em qualquer dos casos, o Coordenador Geral será o liquidante da Associação.

Parágrafo 2º - Em caso de impedimento do Coordenador Geral e do Secretário Executivo, a Assembléia Geral elegerá e credenciará outro

membro do quadro social para substituí-lo provisoriamente ou definitivamente.

** Artigo 24*

A Assembléia que autorizou a liquidação da Associação obrigatoriamente deliberará sobre o destino do patrimônio, que necessariamente deverá ser doado a outras entidades do gênero, sem fins lucrativos, preferencialmente para aquelas que estejam registradas no Conselho Nacional de Serviço Social, sem que os caminhos de liquidação neguem atendimento ao passivo, qualquer que seja a destinação.

Capítulo VI

** Artigo 25*

As alterações, mesmo que parciais, do presente estatuto e a exclusão de associados, só poderão ocorrer por deliberação de dois terços dos associados, em Assembléia Geral convocada especialmente para este fim.

** Artigo 26*

As questões não previstas neste Estatuto serão decididas pela Comissão Executiva, que levará o caso, à primeira Assembléia Geral que se realizar após o evento para aprovação, alteração ou anulação de atos.

Capítulo VII

** Artigo 27*

Este Estatuto foi aprovado na Assembléia Geral da Fundação do Erva-Doce, ocorrida no dia 12 de dezembro de 1994, pelos sócios fundadores.

Com a finalidade de fazer com que todos participem de Reuniões e Assembléias Gerais, lembrando que a ausência em Assembléia conta como falta cabível de punição, segue o calendário para novembro e dezembro de 2002 e janeiro de 2003.

Horário: 19:00h

<i>Reuniões:</i>	<i>Assembléias:</i>
<i>21/11/2002</i>	<i>28/11/2002 – revisão do Estatuto</i>
<i>12/12/2002</i>	<i>09/01/2003</i>
<i>23/01/2003</i>	

Obs.: as datas poderão ser alteradas somente com aviso prévio de uma semana.